

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE BAURU

LORENA ADAMI DA CRUZ PINHEIRO

**Protocolo de avaliação morfossintática por amostra espontânea:
construção e validação**

BAURU

2019

LORENA ADAMI DA CRUZ PINHEIRO

**Protocolo de avaliação morfossintática por amostra espontânea:
construção e validação**

Tese apresentada à Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências no Programa de Fonoaudiologia, na área de concentração Processos e Distúrbios da Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Rocha Vasconcellos Hage

Versão Corrigida

BAURU

2019

PINHEIRO, Lorena Adami da Cruz

Protocolo de avaliação morfossintática por amostra espontânea: construção e validação / Lorena Adami da Cruz Pinheiro. – Bauru, 2019.

161p. : il. ; 31cm.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Odontologia de Bauru. Universidade de São Paulo

Orientadora: Profa. Dra. Simone Rocha Vasconcellos Hage

Nota: A versão original desta tese encontra-se disponível no Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Odontologia de Bauru – FOB/USP.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação/tese, por processos fotocopiadores e outros meios eletrônicos.

Assinatura:

Data:

Comitê de Ética da FOB-USP
CAAE: 68562317.4.0000.5417
Parecer nº: 3.091.884
Data: 17/12/2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEDICATÓRIA

A Deus, o maior orientador da minha vida!

À uma pessoa que a contar de 2007 entrou em minha vida e espero que permaneça sempre nela, meu amor de Marido. O resultado desta pesquisa é totalmente dedicado a ele pelo apoio incondicional e parceria oferecida em todos os aspectos, inclusive estatístico. Assim como eu, fez renúncias diárias para a realização deste trabalho que é tão dele quanto meu.

A três pessoas que estiveram sempre comigo de forma física ou mental, meu pai, minha mãe e meu irmão.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus acima de tudo.

Agradeço à Faculdade de Odontologia de Bauru que ao longo da minha formação ofereceu um ambiente de estudo agradável, motivador e repleto de oportunidades.

À minha orientadora, Profa. Dra. Simone Rocha de Vasconcellos Hage, pela oportunidade da participação nesta pesquisa, pelo apoio, parceria e valiosas contribuições. Sou muito grata pela nova perspectiva acadêmica e profissional.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia que contribuíram com valiosos conselhos e questionamentos durante as disciplinas.

Às professoras Dra. Aline Roberta Aceituno da Costa, Dra. Jeniffer de Cassia Rillo Dutka e Dra. Luciana Maximino pela participação e contribuições com a pesquisa na fase de qualificação do projeto.

Às professoras Dra. Aline Roberta Aceituno da Costa, Dra. Celina Garcia de Souza Nascimento e Dra. Ana Paula Ramos de Souza pela participação e contribuições na banca de defesa da tese.

Ao professor Dr. José Roberto Pereira Lauris pelo apoio estatístico.

A todas as crianças, instituições e juízes que participaram da pesquisa

Ao SENAI de Bauru pela flexibilização do meu horário de trabalho tornando viável minha participação nas atividades acadêmicas.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Gostaria de agradecer aos meus pais que juntos enfrentaram tantas dificuldades para que eu pudesse estudar e chegar até aqui, são pessoas que sabem o quanto esta conquista é importante para mim.

Ao meu irmão pelo apoio, segurança e compreensão da ausência, por se preocupar e estar sempre atento com meu bem-estar.

Mais do que agradeço, reconheço todo o apoio oferecido pelo meu marido que, sem exageros, esteve junto comigo nesses quatro anos de estudo, foi o suporte para o desenvolvimento e conclusão desse trabalho, sem ele não teria conseguido. Agradeço também à Deus por tê-lo colocado em meu caminho, essa é mais uma das conquistas que alcançamos juntos.

Ao meu sogro, minha sogra e minha cunhada por terem tão pacientemente compreendido nossa ausência, principalmente nos últimos meses e pelas sempre palavras de apoio.

Agradeço à minha avó e avô pela motivação, por demonstrar tanto orgulho com meus passos, a todos os meus familiares e amigos que torcem por mim.

**“Não se estuda gramática para se saber mais
gramática: estuda-se gramática para se
saber mais sobre uma língua”**

José Teixeira

RESUMO

A utilização de instrumentos de avaliação clínica na área da Fonoaudiologia é muito comum, entretanto, no Brasil há escassez de instrumentos, em particular na área de avaliação morfossintática. O objetivo foi construir, validar e obter valores de referência preliminares para um protocolo de avaliação morfossintática (PAM) por meio da amostra de fala espontânea. O estudo foi dividido em três etapas: 1 - construção do protocolo, 2 - validação de conteúdo e critério e 3 - obtenção de valores de referência. Para a construção do protocolo foi realizada revisão narrativa da literatura e elencadas categorias presentes nos modelos evolutivos de aquisição morfossintática para elaboração de uma versão inicial. Na validação de conteúdo o instrumento foi aplicado e analisado, por meio de um questionário, por três profissionais da área da linguagem. Foi usado o Índice de Fidedignidade entre os juizes para comparação dos resultados da aplicação do protocolo e os testes Alpha de Cronbach, Spearman e Brown e Índice de Validade de Conteúdo/IVC nas respostas do questionário. Para a validação de critério e obtenção dos valores de referência o protocolo foi aplicado em amostras de fala de 10 crianças com Transtorno no Desenvolvimento da Linguagem (TDL) e 25 crianças com Desenvolvimento Típico de Linguagem (DTL) entre 30 a 60 meses. Os dados gerados pela aplicação do PAM nos dois grupos foram submetidos à análise estatística descritiva e ao teste Mann-Whitney e os valores de referência foram calculados por meio do desvio padrão dos grupos para definição de parâmetros e delineamento do perfil sintático das faixas etárias. O resultado final da construção do protocolo gerou um instrumento com nove itens para avaliação morfossintática da linguagem. Os resultados dos testes estatísticos aplicados na validação de conteúdo legitimaram a fidedignidade do instrumento com índices considerados substanciais tanto para coeficiente alpha, maior que 0,80, Spearman e o teste IVC teve conceito máximo de 1,0. Na validação de critério os resultados indicaram, por meio das médias, que as crianças com TDL possuem repertório deficitário de habilidades sintáticas comparadas ao grupo com DTL. Na obtenção dos valores de referência foi possível verificar a presença de critérios com variação em grau de significância, maior ou menor peso, no entanto, todos foram necessários para o cálculo geral e enquadramento da criança na faixa de referência. Portanto, o protocolo foi construído com base na literatura e gramática da língua portuguesa. Em relação ao conteúdo do protocolo, houve conformidade e compatibilidade nas respostas dos especialistas o que revela confiabilidade. Os resultados dos testes estatísticos legitimam a fidedignidade com índices considerados substanciais tanto para coeficiente Alpha, como

Spearman. A validade de critério foi atestada, já que o PAM distinguiu com significância crianças com DTL daquelas com TDL por meio da maioria dos itens de análise do protocolo. Desta forma, o PAM pode auxiliar na caracterização do perfil sintático de crianças com alterações no desenvolvimento de linguagem, mas é importante destacar que o processo de validação deve ser reafirmado por ter sido realizado na mesma amostra da construção e os valores de referência aferidos.

Palavras chaves: Aquisição de Linguagem Infantil; Transtorno no Desenvolvimento da Linguagem; Morfossintaxe.

ABSTRACT

Protocol of morphosyntactic evaluation by spontaneous sample: construction and validation

The use of clinical assessment instruments in the field of speech therapy is very common, however, in Brazil there is a shortage of instruments, particularly in the area of morphosyntactic evaluation. The objective was to construct, validate and obtain preliminary reference values for a morphosyntactic evaluation protocol (MEP) through the spontaneous speech sample. The study was divided into three stages: 1 - protocol construction, 2 - content and criterion validation and 3 - reference values. For the construction of the protocol, a narrative review of the literature was performed and the categories present in the evolutionary models of morphosyntactic acquisition were developed to elaborate an initial version. In content validation, the instrument was applied and analyzed through a questionnaire by three language professionals. The Index of Judges' Reliability was used to compare the results of the protocol application and the Cronbach Alpha, Spearman and Brown and Content Validity Index / CVI in the questionnaire answers. For criterion validation and reference values, the protocol was applied to speech samples from 10 children with Language Development Disorder (LDD) and 25 children with Typical Language Development (TLD) between 30 and 60 months. The data generated by the application of MEP in both groups were submitted to descriptive statistical analysis, the Mann-Whitney test and the reference values were calculated by means of the standard deviation of the groups to define parameters and delineation of the syntactic profile of the age groups. The final result of the protocol construction generated an instrument with nine criteria for morphosyntactic language evaluation. The results of the statistical tests applied in content validation legitimized the reliability of the instrument with indices considered substantial for alpha coefficient, higher than 0.80, Spearman and the CVI test had maximum concept of 1.0. In criterion validation, the results indicated, by means, that children with LDD have a deficient repertoire of syntactic skills compared to the group with TLD. In obtaining the reference values it was possible to verify the presence of criteria with variation in degree of significance, higher or lower weight, however, all were necessary for the general calculation and framing of the child in the reference range. Therefore, the protocol was built based on the literature and grammar of the Portuguese language. Regarding the content of the protocol, there was conformity and compatibility in the answers of the experts, which reveals reliability. The results of the statistical tests legitimize the reliability with indices considered substantial for both Alpha

and Spearman coefficients. Criterion validity was attested, since MEP significantly distinguished children with TLD from those with TLD by most protocol analysis items. Thus, MAP can help characterize the syntactic profile of children with language development disorders, but it is important to highlight that the validation process must be reaffirmed because it was performed on the same construction sample and the reference values measured.

Keywords: Acquisition of Children's Language; Disorder in Language Development; Morphosyntactic

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Etapas para construção do protocolo	56
----------	---	----

LISTA DE TABELAS E QUADROS

- TABELAS

Tabela 1	- Índice de Fidedignidade entre juízes na aplicação do protocolo da criança 1	70
Tabela 2	- Índice de Fidedignidade entre juízes na aplicação do protocolo da criança 2	70
Tabela 3	- Índice de Fidedignidade entre juízes na aplicação do protocolo da criança 3	71
Tabela 4	- Índice de Fidedignidade entre juízes na aplicação do protocolo da criança 4	71
Tabela 5	- Índice de Fidedignidade entre juízes na aplicação do protocolo da criança 5	71
Tabela 6	- Avaliação dos juízes quanto à pertinência pela escala de Likert	72
Tabela 7	- Avaliação dos juízes quanto à relevância pela escala de Likert	72
Tabela 8	- Avaliação dos juízes quanto à aplicabilidade pela escala de Likert	72
Tabela 9	- Coeficiente de Cronbach, Speraman-Brown e IVC	73
Tabela 10	- Descrição do desempenho de cada critério do PAM - grupo com TDL e DTL nas faixas etárias de 2;6 a 4;0 anos	74
Tabela 11	- Descrição do desempenho de cada critério do PAM - grupo com TDL e DTL nas faixas etárias de 2;6 a 4;0 anos	74
Tabela 12	- Comparação entre os grupos TDL e DTL de cada critério do protocolo pelo teste Mann – Whitney	75
Tabela 13	- Quantidade de enunciados produzidos pelas crianças com DTL	76
Tabela 14	- Frases Agramaticais das crianças com DTL	76
Tabela 15	- Frases Telegráficas das crianças com DTL	77
Tabela 16	- Frases Nominais das crianças com DTL	77
Tabela 17	- Período Simples das crianças com DTL	78
Tabela 18	- Períodos Compostos das crianças com DTL	78
Tabela 19	- Erros de Concordância Nominal das crianças com DTL	78
Tabela 20	- Erro das Regras de Concordância Verbal das crianças com DTL	79

Tabela 21 - Comparação entre as faixas etárias do grupo de crianças com Desenvolvimento Típico de Linguagem.....	80
Tabela 22 - Valores de referência para faixa de 2;6 a 3;0 anos de idade.....	81
Tabela 23 - Valores de referência para faixa de 3;1 a 3;6 anos de idade.....	82
Tabela 24 - Valores de referência para faixa de 3;7 a 4;0 anos de idade.....	83
Tabela 25 - Valores de referência para faixa de 4;1 a 4;6 anos de idade.....	84
Tabela 26 - Valores de referência para faixa de 4;7 a 5;0 anos de idade.....	85

- QUADROS

Quadro 1 - Tamanho amostral do grupo com Transtorno no Desenvolvimento da Linguagem.....	54
Quadro 2 - Tamanho amostral do grupo com Desenvolvimento Típico de Linguagem.....	54
Quadro 3 - Classificação do coeficiente α de Cronbach.....	64

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	REVISÃO DA LITERATURA	25
2.1	Noções básicas sobre língua, gramática, linguística e sintaxe	25
2.2	Padrões evolutivos da aquisição morfossintática	30
2.3	Avaliação clínica da morfossintaxe.....	34
2.4	Categorias de análise do instrumento de avaliação morfossintática por amostra de fala	39
2.5	Validação e confiabilidade	43
3	PROPOSIÇÃO	49
3.1	Objetivo Geral	49
3.2	Objetivos Específicos	49
4	MATERIAL E MÉTODOS	53
4.1	Seleção dos Sujeitos	53
4.1.1	Tamanho amostral	55
4.2	Procedimento.....	56
4.2.1	Etapa 1 – Construção do Protocolo de Avaliação Morfossintática (PAM).....	56
4.2.2	Etapas 2 e 3 – validação do protocolo e obtenção de valores de referência.....	57
4.2.2.1	Procedimento da coleta	57
4.2.2.2	Transcrição da amostra de fala.....	59
4.2.2.3	Procedimento de análise.....	60
4.2.2.4	Validade (etapa2)	62
4.2.2.5	Obtenção de valores de referência (Etapa 3).....	66
5	RESULTADOS.....	69
5.1	Etapa 1 - Construção do protocolo	69
5.2	Etapa 2 – Validação.....	69
5.2.1	Validação de conteúdo e Confiabilidade	69
5.2.2	Validação de critério	73

5.3	Etapa 3 - Valores de referência	76
6	DISCUSSÃO	89
6.1	Construção do protocolo	89
6.2	Validade de conteúdo e confiabilidade	91
6.3	Validade de critério	92
6.4	Obtenção de valores de referência.....	103
7	CONCLUSÃO	109
	REFERÊNCIAS	113
	APÊNDICES	133
	ANEXOS	157

1 Introdução

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um estudo quantitativo, observacional, descritivo e consiste na elaboração de um instrumento apropriado para avaliação do perfil morfossintático de crianças em fase de desenvolvimento de linguagem. Para a construção de tal instrumento analisamos e comparamos as características linguísticas de dois grupos de crianças em período de aquisição linguística, especificamente, um grupo de crianças com desenvolvimento típico referido neste trabalho como Desenvolvimento Típico de Linguagem (DTL) e o atípico, tratado como Transtorno no Desenvolvimento da Linguagem (TDL). Outro propósito, além da construção, foi a validação e obtenção de valores de referência preliminares com base em amostras de fala de 35 crianças participantes da pesquisa nas faixas etárias de 2;6 a 5 anos de idade. Vale evidenciar que esta pesquisa possui como contexto de investigação princípios que estabelecem interface entre fonoaudiologia e linguística

A elaboração desse estudo originou-se da inquietação sobre a falta de instrumento capazes de oferecer dados sobre o desenvolvimento linguístico infantil, especificamente morfossintático, aos profissionais da área da fonoaudiologia para execução de um plano terapêutico eficaz. Para tanto, partimos da perspectiva de que as crianças com transtorno de linguagem comparadas a um grupo de crianças com desenvolvimento de linguagem típico, ou seja, esperado para uma determinada faixa de idade, no caso 2;6 a 5 anos apresentam defasagem linguística. Tendo como base essa justificativa, o objetivo foi a construção de um instrumento que comprovasse tal diferença para auxiliar no diagnóstico de transtornos e possível melhoria no planejamento terapêutico. Assim, com base nos dados coletados por meio da aplicação do protocolo criado e com suporte estatístico conseguimos distinguir os dois grupos de crianças. Entretanto, não podemos negar que cada criança possui um perfil particular, porém a análise estatística descritiva nos auxiliou na apresentação da média do perfil linguístico de cada faixa etária, além de parâmetros para avaliar o desenvolvimento linguístico.

Alguns autores retratam a importância da morfossintaxe no processo de aquisição da linguagem. De acordo com Queiroga e Lina (2006) é por meio da morfossintaxe que a linguagem da criança evolui de simples conexão de palavras para a linguagem propriamente dita. Esse fato demonstra a importância dos estudos morfossintáticos para compreensão do funcionamento da linguagem infantil. Ainda, de acordo com a autora, é esse conhecimento que possibilitará que a criança descubra e use gerativamente novas palavras e frases.

O papel da morfossintaxe nos estudos da psicolinguística infantil em língua portuguesa falada no Brasil não tem sido tão relevante quanto o de outros componentes da linguagem, como a fonologia (TEIXEIRA, 1985; WERTZNER, 2002; YAVAS, HERNANDORENA, LAMPRECHT, 1991), semântica, vocabulário (BEFI-LOPES e GALEA, 2000; RODRIGUES, 2002; SHERER e SOUZA, 2011). Não há uma taxionomia que aponte padrões evolutivos da aquisição sintática no português brasileiro. O que se encontra na literatura são estudos pontuais que investigam determinados aspectos sintáticos como, por exemplo, a aquisição das orações relativas entre 2 e 5 anos (PERRONI, 2001), a identificação de gênero em crianças entre 2 e 4 anos (CORRÊA e AUGUSTO, 2017), a concordância verbal (SOARES, 2016).

Fica evidente, diante desse quadro, que a carência de estudos a respeito da aquisição morfossintática do português brasileiro é uma justificativa para o desenvolvimento dessa pesquisa. A falta de instrumento dificulta a identificação de alterações sintáticas em crianças com transtorno no desenvolvimento da linguagem e a identificação depende da comparação do desempenho entre os dois grupos. Em virtude do que foi mencionado, ao tomar tal tema como objeto de investigação, esta tese preenche uma lacuna no conhecimento acadêmico-científico no que diz respeito à aquisição morfossintática da linguagem e contribuirá aos estudos de avaliação da linguagem em crianças com transtornos aumentando o conhecimento científico sobre o assunto.

A morfossintaxe como outras características da linguagem infantil conta com procedimentos para avaliação e verificação de possíveis alterações, dentre eles estão: escalas de desenvolvimento, observação comportamental, análise de amostra de linguagem oral e testes linguísticos. As escalas têm por objetivo determinar o nível de evolução da criança por meio de dados relatados sobre seu desenvolvimento e a partir da observação direta do seu comportamento. Podem investigar vários aspectos do desenvolvimento infantil, ou ainda, um aspecto, como a linguagem. A observação comportamental é um procedimento em que se analisa o comportamento geral da criança em contextos semiestruturados, constituindo-se método indicado para avaliar habilidades comunicativas de crianças sem ou com precária oralidade (ZORZI e HAGE, 2004).

As análises de amostra de fala e os testes linguísticos são utilizados para verificar os diferentes níveis da linguagem, a saber, fonologia, morfossintaxe, semântica e habilidades pragmáticas. Os testes de linguagem são rígidos na aplicação e na análise, devendo o avaliador ter performance mais uniformizada possível. Já as amostras de fala são coletadas a partir de conversação livre ou eliciadas entre a criança e o avaliador (ou um interlocutor próximo) com

registro em áudio/vídeo, permitindo a verificação dos vários aspectos da linguagem por meio de observação naturalística, o que aproxima a avaliação formal do uso real da linguagem (TOMASELLO e STHALD, 2004). Independentemente da natureza do procedimento, ainda há, no Brasil, escassez de instrumentos de avaliação da linguagem infantil em todas as modalidades citadas, mesmo com os progressos nas últimas duas décadas. Países como Estados Unidos, Espanha, França, Argentina, Chile apresentam um número significativo de testes e protocolos para avaliar a linguagem em diferentes faixas etárias.

No que tange à verificação especificamente da estrutura morfológica e sintática da linguagem, somente o MLU - *Mean Length Utterance* (BROWN, 1973) vem sendo empregado em pesquisas sobre avaliação morfossintática de crianças no Brasil (NORO, 2015; ARAÚJO e BEFI-LOPES, 2004; FENSTERSEIFER e RAMOS, 2003; SANTOS, 2016). O MLU, conhecido também como EME, Extensão Média do Enunciado, é uma medida de linguagem, cujo objetivo é obter dados sobre o desempenho dos aspectos morfológicos e sintáticos de crianças em desenvolvimento típico, mas vem sendo utilizado em estudos de crianças com distúrbios da comunicação (MARQUES e LIMONGI, 2011; ARAUJO, 2007). Apesar de ser um instrumento de reconhecimento internacional possui suas limitações na língua portuguesa: há parâmetros de comparação com crianças brasileiras com desenvolvimento típico somente para a faixa de 2 a 4 anos (ARAÚJO, 2003). Como se pode observar, procedimentos de avaliação da linguagem quanto ao aspecto morfossintático é precário no Brasil.

Outra justificativa para um trabalho dessa natureza está na negligência da avaliação morfossintática de crianças com alterações de linguagem justamente porque não é possível aferi-la de forma confiável na língua portuguesa falada no Brasil por falta de instrumento. Assim, investir nesta área é iminente, e é nessa direção que este estudo buscou contribuir, com o desenvolvimento de um instrumento de avaliação morfossintática para ser utilizado com crianças falantes do português brasileiro, que tenha validação e valores de referência que indiquem o perfil morfossintático de crianças típicas, e desta forma, proporcionar ao fonoaudiólogo brasileiro meio para investigar habilidades morfossintáticas de crianças com queixa de comunicação em idade pré-escolar. No futuro, os dados desta pesquisa servirão de apoio para a terapia fonoaudiológica, já que nela o terapeuta elabora estratégias para a melhora do desempenho da criança na construção de frases e uso de regras gramaticais. Ainda, colaborar com os estudos fonoaudiológicos e fornecer subsídios para estudos futuros sobre o desenvolvimento morfossintático de crianças com transtorno de linguagem em fase de aquisição linguística.

Esta pesquisa é composta por três etapas: construção, validação e obtenção de valores de referência preliminares. Todas as etapas ofereceram recursos para a elaboração de um protocolo que foi o nosso objetivo geral. Para a formulação do nosso instrumento, o PAM (Protocolo de Avaliação Morfossintática), utilizamos como método de coleta de dados a amostra de fala espontânea, interação entre pesquisador e criança. Essa forma proporcionou o levantamento das informações necessárias à construção do protocolo. Os dados foram coletados em duas escolas de ensino infantil na cidade de Bauru/SP.

A etapa de construção do protocolo foi realizada por auxílio de uma pesquisa piloto desenvolvida por meio de um projeto de iniciação científica. Tal estudo analisou um recorte da tese em tela e com ele foi possível a realização de melhorias, alterações e adaptações na maioria dos itens do instrumento. De acordo com Mackey e Gass (2005) o estudo piloto é um teste, em pequena escala, dos procedimentos, materiais e métodos propostos para determinada pesquisa. O propósito do projeto piloto foi coletar os dados de 10 crianças com transtorno de linguagem e compará-los aos dados de 10 das 25 crianças com desenvolvimento típico. Neste recorte dos dados, foi aplicada a primeira versão do protocolo (APÊNDICE B) que foi elaborada com base em categorias pré-determinadas pela literatura, apenas. As reflexões advindas do estudo piloto contribuíram para a revisão, reformulação dos itens e elaboração de uma nova versão (APÊNDICE A). Esse delineamento foi importante para o aprimoramento de procedimentos da pesquisa, pois possibilitou a descoberta de pontos fracos e problemas em potencial, para que pudessem ser resolvidos antes da implementação da pesquisa propriamente dita. (MACKEY; GASS, 2005)

Além da descrição da etapa de construção, apresentamos os processos de validação de conteúdo, critério e descrição do perfil linguístico de cada faixa de idade por meio da obtenção dos valores de referência preliminares. Vale ressaltar que as três etapas da pesquisa tiveram como suporte os mesmos dados, ou seja, as amostras de fala das 35 crianças participantes do estudo.

Importa acrescentar que esta tese está organizada em sete capítulos. Neste primeiro, discorreremos sobre a importância e justificativa do tema. No segundo, são apresentadas concepções teóricas básicas que serviram para seleção e análise dos critérios relacionados ao desenvolvimento morfossintático. No terceiro, os objetivos, os materiais e métodos usados nas três etapas do trabalho apresentamos no quarto capítulo, os resultados no quinto, a discussão constitui o sexto e as conclusões o sétimo e último capítulo.

Esperamos que, além de ampliar o conhecimento científico sobre aquisição sintática da linguagem infantil este trabalho venha auxiliar no diagnóstico precoce de crianças com alteração de linguagem, já que o diagnóstico tardio e ineficiente prejudica o desenvolvimento da conduta do profissional na preparação das estratégias de intervenção e a assistência oferecida pode ser comprometida. A identificação da alteração de linguagem precocemente, especificamente as com TDL, favorece e qualifica o processo terapêutico. De acordo com Matthews (1996) somos capazes de compreender os processos que estão em funcionamento dentro do desenvolvimento da linguagem por meio da avaliação de situações em que esses processos foram danificados ou não ocorreram. Da mesma forma, o estudo do desenvolvimento normal nos permite diagnosticar e, muitas vezes, tratar casos de anormalidade.

2 Revisão da Literatura

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Noções básicas sobre língua, gramática, linguística e sintaxe

Neste tópico descreveremos alguns conceitos básicos aos estudos linguísticos, mas que muitas vezes são tratados de forma ambivalente. Entre eles, os que são usados com menos clareza é a compreensão de gramática e sintaxe. À vista disso, o objetivo é esclarecer tais concepções básicas.

Ferdinand Saussure é um linguista que representa uma mudança significativa nos estudos linguísticos no início do século XX, por ter difundido o conceito de *langue* e usado para designar um sistema linguístico abstrato de uso comum pelos falantes de uma língua. O linguista contrasta tal termo especificamente com *parole*, ou seja, enunciados realizados, *fala*. Por sua vez, a língua é estudada por ele como um sistema, uma estrutura comum subjacente à fala, que é individual. O estudioso evidenciou a língua enquanto sistema social com perspectiva sincrônica, ou seja, ênfase em características linguísticas em um dado momento. Esse prisma adotado por Saussure foi original por ser diferente das contribuições apresentadas até o momento que ressaltavam o fator histórico.

De acordo com Cervoni (1989, p. 9) Saussure achava que a linguística devia limitar-se ao estudo da língua em si mesma e por si mesma e, pois, “a língua devia ser definida como um sistema de signos e de regras, tesouro coletivo depositado em cada cérebro, conjunto de convenções próprias de todos os locutores de um mesmo idioma, código único e homogêneo que lhes permite comunicarem-se”. Dessa forma, excluía os componentes da comunicação que não fosse o próprio código.

Para Câmara Jr. (1995) “a língua aparece na comunicação por meio da fala”, ou seja, as pessoas falam umas com as outras e por meio desses sons vocais transmitem ideias, impressões, sentimentos, mas, para ele, ainda não é tal comunicação em si mesma que constitui a língua. Ao contrário de Saussure (2006), diz que a comunicação é compreendida por meio de elementos extralinguísticos, muito importantes, porque vêm integrados na ação. Desse modo, valoriza o contexto, que exerce grande influência no processo de comunicação entre as pessoas. Portanto, segundo o autor (CÂMARA JR., 1995), para que se alcance um conceito uno de língua é preciso

isolar os elementos extralinguísticos da comunicação e, ainda dentro da comunicação, isolar tudo aquilo que não é especialmente comunicativo do ponto de vista rigoroso da língua.

Consequentemente, a língua é ou se torna uma representação do universo cultural entre os homens. Conforme Câmara Jr. (1985), a representação do universo cultural, na língua, se faz por meio formal, pois a língua é antes de tudo forma. “A língua se apresenta, pois, como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural”.

Já conforme Saussure (2006) é uma parte essencial da linguagem, es em seus estudos a língua obtém mais atenção, pois é um objeto unificado e suscetível de classificação. “É um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. A língua é considerada uma estrutura constituída por uma rede de elementos. Cada elemento tem um valor funcional determinado (PETTER, 2008, p. 4).

E, para Dik (1989, p. 8-9):

a língua é concebida como instrumento de interação social entre seres humanos, com o objetivo principal de estabelecer relações comunicativas entre os usuários. Num paradigma funcional, a expressão linguística é função: da intenção do falante; da informação pragmática do falante; da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário. E a interpretação do destinatário é função: da expressão linguística; da informação pragmática do destinatário e da sua conjetura sobre a intenção comunicativa que o falante tenha tido.

Assim, é importante observar que a relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário é mediada, mas não estabelecida, pela expressão linguística. Do ponto de vista do destinatário, isso significa que a interpretação será apenas em parte baseada na informação contida na expressão linguística em si; igualmente importante é a informação que o destinatário já possui e pela qual ele interpreta a informação linguística.

Deste modo, a língua é o objeto de estudo da linguística e nas palavras de Dik (1989), deve ocupar-se dos dois tipos de sistemas de regras: as regras morfológicas, fonológicas, sintáticas e semânticas (que governam a constituição das expressões linguísticas) e as regras pragmáticas (que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões linguísticas são usadas). Logo, foi com o advento da linguística, consequentemente com os estudos de

Saussure (2006), que a língua ganha uma nova perspectiva de estudo, o entendimento da língua como algo social e contextual.

Nesse caso, podemos dizer ainda que é composta de muitos blocos de construção que incluem: morfologia (ou seja, maneira em que palavras são feitas para indicar elementos como: passado - subiu, pluralidade - gatos, possessivo - meu), semântica (o significado das palavras), sintaxe (a maneira pela qual as palavras são colocadas juntas para formar uma forma significativa e gramatical sentenças), prosódia (a duração, ritmo e intensidade do tom em que sons da fala são feitos), vocabulário (as palavras que uma criança conhece e usa) e pragmática (as regras sociais da linguagem que governam como usamos linguagem para interagir uns com os outros).

Desta forma, a linguística refere-se ao estudo da linguagem verbal humana, leva em consideração as duas modalidades da língua, tanto a fala quanto a escrita e acredita que cada modalidade possui características próprias. Foi com o advento da linguística que a língua passou a ser vista, compreendida de maneira diferente ao considerar as transformações temporais, aspectos históricos, culturais e sociais (MARTELOTA, 2017).

O fenômeno da linguagem é compreendido de forma diferente entre as várias correntes linguísticas, conforme a seguir: Estruturalismo (Saussure), Estruturalismo norte-americano (Franz Boas, Edward Sapir e Leonard Bloomfield), Gerativismo (Chomsky), Funcionalismo (Precusores: Martinet / Karl Bühler / Roman Jakobson), Teoria da Enunciação (Benveniste). Martelotta (2017), com o objetivo da imparcialidade entre essas teorias apresenta, de forma geral, algumas características da linguagem, cita ser uma técnica articulatória complexa, base neurobiológica composta de centros nervosos que são utilizados na comunicação verbal, é uma base cognitiva que rege as relações entre o homem e o mundo biossocial, uma base sociocultural que atribui à linguagem humana os aspectos variáveis que apresenta no tempo e espaço, e por fim, uma base comunicativa que fornece os dados que regulam a interação entre os falantes.

Enfim, Para Perini (2010) a linguística caracteriza-se pelo estudo dos códigos usados pelas pessoas para se comunicarem e da capacidade inata que nos permite essa atividade. Ainda estuda a evolução histórica das línguas, as variantes que uma língua mostra segundo seu uso pelas diferentes classes sociais, as variantes regionais, o processo de aquisição da linguagem pelas crianças e vários outros aspectos da estrutura e do uso das línguas. Cabe ressaltar que ao analisar o perfil morfossintático de crianças, tratamos do lugar teórico da Aquisição da

Linguagem, mais especificamente, na área da fonoaudiologia, focalizando o processamento e a metodologia experimental.

Outro conceito fundamental nos estudos linguísticos é o de gramática, que por sua vez, concebemos que cada gramática implica uma concepção de língua, como por exemplo: a gramática tradicional (normativa ou escolar), histórico-comparativa, estrutural, gerativa (internalizada), cognitivo-funcional (propostas teórico-metodológicas que caracterizam algumas escolas, como por exemplo: funcionalismo, linguística cognitiva e linguística textual). No período em que o estudo da gramática tinha um perfil puramente descritivo- normativo (BRITTO, 2001), nas sociedades primitivas, a inexistência de estudos linguísticos é fato. À medida que as sociedades foram tornando-se mais complexas, surgiram condições favoráveis para o estudo da linguagem, sobretudo a partir da invenção da escrita – esta propiciou a percepção dos diferentes fenômenos linguísticos, com isso os estudos gramaticais também ganharam novos sentidos.

Além disso, o termo muitas vezes é usado como sinônimo de língua, que para o senso comum se restringe às regras normativas contidas nos compêndios onde encontramos as normas de utilização de uma dada língua. Logicamente, esse pensamento deduz que a gramática, no caso normativa, foi criada antes mesmo da língua e é exatamente o contrário, as regras de uma língua tem apenas um motivo de existir, a própria língua. O que queremos dizer é que estudos gramaticais só são possíveis ou só foram possíveis devido a pré-existência de uma língua utilizada por falantes. Pesquisadores estudaram o funcionamento da língua baseada em um corpus de língua usado em determinado momento, em uma determinada época (LIMA, 1974). Isso acontece até hoje com o estudo e descrição de novas línguas, como as primitivas. Para além disso, possuímos competências linguísticas internalizadas o que exclui a ideias de gramática reduzida à conceitos normativos.

O estudo da linguagem evoluiu e deixa de ter apenas um delineamento, abandona a visão exclusivamente prescritiva, e aceita novas visões referente ao estudo da linguagem. Afinal, esta é a principal diferença entre Linguística e Gramática, aquela acredita que a norma culta seja importantíssima, mas não é a única forma linguística existente, e na verdade a maior parte da sociedade se comunica em maior parte do tempo em outros níveis de linguagem que não correspondem ao culto. Há várias condições de comunicação que a gramática normativa não compreende, somente a linguística (GERALDI, 2002).

Para Perini (2001) qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. Também afirma que esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua. São como pessoas que não conhecem a anatomia e a fisiologia das pernas, mas que andam, dançam, nadam e pedalam sem problemas.

Noam Chomsky (1957) estabeleceu o conceito de gramática internalizada, para ele, a gramática é adquirida de forma inata, desde a infância, a criança nasce com um potencial linguístico. O falante constrói sua gramática à medida que pratica e das observações quanto ao uso dentro de uma determinada comunidade linguística, entende que a aquisição é absorvida pela criança que já nasce com um dispositivo de aquisição da língua, chamado por ele de (DAL), por isso abstrai as estratégias e princípios dos dados linguísticos de seu ambiente concretizando assim suas regras da gramática (TERRA, 1997).

Neves (2008) afirma que é muito importante destacar nitidamente sobre o que exatamente se fala em relação a esse tema devido às várias visões sobre o termo dadas as diferentes perspectivas teóricas que temos a nossa disposição para explicarmos os fatos de uma língua. Entre os vários sentidos há, de forma errônea, a compreensão reducionista que a gramática consiste em um manual com regras de bom uso da língua, na qual possui como principal preocupação a definição de certo e errado. Essa abordagem é a conhecida pela maioria das pessoas, caracteriza-se como visão restrita da língua. Nessa perspectiva, muitos falantes nativos da língua portuguesa julgam-se péssimos falantes, há os que digam não saber falar o português. Essa é uma falsa ideia, já que não há uma pessoa mais competente para falar uma língua quanto seus nativos. Esse juízo é procedente da ideia de língua ensinada nas escolas (TRAVAGLIA, 2001).

O estudo da linguagem evoluiu e deixa de ter apenas um delineamento, abandona a visão exclusivamente prescritiva, e aceita novas visões referente ao estudo da linguagem. Afinal, esta é a principal diferença entre Linguística e Gramática, aquela acredita que a norma culta seja importantíssima, mas não é a única forma linguística existente, e na verdade a maior parte da sociedade se comunica em maior parte do tempo em outros níveis de linguagem que não correspondem ao culto. Há várias condições de comunicação que a gramática normativa não compreende, somente a linguística.

Por fim, a sintaxe, por sua vez, é um subsistema da língua sendo, portanto, um aspecto de estudo dentro da linguística, corresponde a um dos níveis de análise de uma língua, que tem como objeto de estudo as sentenças, é a parte da gramática que estuda as relações entre as palavras dentro de uma frase. O conhecimento dos falantes da estrutura interna das palavras e das regras de combinação dos sintagmas em orações denomina-se morfossintaxe (RIBEIRO, 2009).

Perini (1996) também faz apontamentos relacionados à sintaxe, trata-se de uma das ramificações da Linguística pertencente ao grupo de estudos chamado de “núcleo duro” da língua. Tem como objetivo compreender a organização e o funcionamento das estruturas e os diversos fenômenos gramaticais que caracterizam as línguas naturais. Essas disciplinas dão conta “da estrutura interna de uma língua – aquilo que a distingue das outras línguas do mundo, e que não decorre diretamente de condições da vida social ou do conhecimento do mundo.”

2.2 Padrões evolutivos da aquisição morfossintática

O objetivo deste tópico da revisão não é apresentar diferentes modelos teóricos que discutem como as crianças aprendem gramática ou a estrutura interna das palavras, mas apontar estudos que forneçam informações sobre padrões evolutivos do desenvolvimento da linguagem, em particular, o morfossintático.

As fases pelas quais as crianças passam até adquirirem o sistema gramatical de uma língua parece não ser motivo de tanta polêmica ou debate nos estudos psicolinguísticos, ao contrário, parece haver um consenso entre eles sobre os padrões linguísticos que caracterizam cada período (ACOSTA et al., 2003).

Um construto sobre os padrões evolutivos do desenvolvimento morfossintático bastante conhecido é o de Crystal (1973), como ele mesmo afirma, as crianças típicas apresentam marcos cronológicos semelhantes com uma ordem constante, mesmo que o ritmo possa variar. É manifesto que esta regularidade está sujeita a fatores sociolinguísticos que devem ser considerados ao se analisar o desenvolvimento da linguagem infantil. As exposições feitas por Crystal (1973) indicam quatro grandes etapas do desenvolvimento morfossintático: a pré-linguagem, o período da sintaxe primitiva, o da expansão gramatical e o das últimas aquisições. No período pré-linguístico, que vai de 0 a 12 meses, os bebês apresentam vocalizações e uma

protoconversa que pode ser observada entre os 9 e 10 meses, em que a criança vocaliza mais durante intervalos deixados pelo adulto, ao mesmo tempo em que espaça suas vocalizações para dar lugar a resposta dele. Aos 12 meses suas vocalizações são mais precisas e controladas quanto à altura tonal e intensidade, além de reunir sons e sílabas repetidas.

No período da sintaxe primitiva (entre 12 e 30 meses) surgem as primeiras palavras funcionais. Apesar dos enunciados de uma palavra também terem valor sintático, quando a criança inicia a combinação de duas palavras num enunciado é que a sintaxe se instaura. Por volta dos 18/20 meses a criança inicia a produção de dois vocábulos combinados. Como atributo geral, comum a todas as etapas da sintaxe infantil primitiva, destaca-se o "estilo telegráfico", por estarem ausentes de seus enunciados palavras-função, como artigos, preposições e flexões de gênero. Dos 24 aos 30 meses, surgem as sequências de três elementos, com a estrutura principal "N-V-N" (nome-verbo-nome).

Na etapa da expansão gramatical (dos 30 aos 54 meses), a estrutura frasal vai se tornando mais intrincada com flexões mais consistentes e próximas da língua materna. Entre 30 e 36 meses, começam a surgir as primeiras frases coordenadas, junto com os verbos auxiliares "ser" e "estar". Nota-se a presença de pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa e os artigos definidos. Os advérbios de lugar já são observados também nesta fase. Entre 36 e 42 meses, a criança emprega estruturas complexas com mais de uma oração, com o uso reiterado da conjunção "e". Aparecem as frases subordinadas com "mas" e "porque", assim como o uso elementar do pronome relativo "que". Entre 42 e 54 meses, as diversas estruturas gramaticais vão sendo complementadas mediante o emprego do sistema pronominal, pronomes possessivos e verbos auxiliares. Observa-se a diminuição progressiva dos erros sintáticos e morfológicos. As principais flexões verbais estão presentes e assentes na produção infantil: presente, pretérito perfeito, futuro e passado. As distintas modalidades do discurso, a saber, afirmação, negação e interrogação, tornam-se cada vez mais complexas. O domínio das preposições também aumenta, utilizando-se com frequência as de tempo e espaço, mesmo que de forma incorreta.

Após os 54 meses, no período das últimas aquisições, a criança é capaz de produzir estruturas sintáticas complexas, como as passivas, as condicionais, as circunstanciais, as de tempo, além de aperfeiçoar aquelas as quais já produzia. Em torno de 5 anos, a criança já consegue o domínio do sistema gramatical básico de uma língua.

Outra taxinomia bastante divulgada é a de Brown (1973) que apontou cinco estágios do desenvolvimento sintático. Antes do estágio I, há uma fase denominada de pré-estágio observada entre 10 e 20 meses, em que a criança utiliza enunciados de uma palavra para representar objetos, acontecimentos, relações. O estágio I, entre 16 e 31 meses, caracteriza-se pelo início da utilização de duas palavras. É descrito como típico desta fase a “fala telegráfica” ou do uso da gramática pivô, ou seja, produções com a ausência de palavras funcionais, como preposições, artigos, conjunções, verbos auxiliares. Nesta fase, o que assegura o significado é o contexto. O estágio II é caracterizado por frases simples, com utilização de flexão verbal, artigos e algumas preposições. O incremento da longitude do enunciado é acompanhado pelo aparecimento do plural, verbos no presente ou no infinitivo e do verbo de ligação “é”. É típico o advérbio de negação se deslocar para o final da frase.

No estágio III, entre 24 e 41 meses, são estabelecidas mais relações semânticas, frases afirmativas, interrogativas, imperativas, negativas. O aumento da longitude dos enunciados vem acompanhado do aparecimento de pronomes demonstrativos e possessivos, adjetivos (grande/pequeno), formas compostas de verbos no passado (exemplo: tinha comido) e uso de advérbio de negação (exemplo: não quero). Entre 28 e 48 meses se configura o estágio IV, nesta fase, as crianças utilizam artigos, adjetivos, pronomes possessivos e demonstrativos frequentemente. Surgem muitas frases interrogativas com “que”, “onde”, “por que”, “quem”, “como”, “quando” e frases com objeto direto e indireto. O estágio V, dos 35 aos 52 meses, os infantes coordenam frases simples e usam corretamente as formas irregulares dos verbos no passado.

Apresentada por Crystal, Fletcher e Garman (1976), a *Language Assessment Remediation and Screening* dispõe de um perfil gramatical sobre a ordem e velocidade do desenvolvimento sintático, tendo como base também o perfil dos transtornos de linguagem. Os limites cronológicos e suas características fundamentais são:

Estágio I – 12 a 18 meses - orações de um elemento.

Estágio II – 18 a 24 meses – orações de 2 elementos. “Estilo telegráfico”. Observação de erros de concordância nominal.

Estágio III – 24 a 30 meses - sequências de três elementos, com a estrutura principal de N-V-N.

Estágio IV – 30 a 36 meses - orações de 4 elementos ou mais. Orações coordenadas. Uso dos verbos auxiliares “ser” e “estar”. Pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa. Advérbios de lugar.

Estágio V – 36 a 42 meses - estruturas complexas com mais de uma oração, com o uso frequente da conjunção “e”. Subordinadas com “mas” e “porque”. Uso do pronome relativo “que”. As orações negativas apresentam o advérbio de negação “não” entre o pronome/nome e o verbo. Uso de passado simples e futuro.

Estágio VI – 42 a 54 meses - estruturas gramaticais com o emprego de sistema pronominal, pronomes possessivos, verbos auxiliares. Flexões verbais: presente, pretérito perfeito, futuro e passado. Modalidades do discurso: afirmação, negação e interrogação. Preposições: de tempo e espaço.

Estágio VII – a partir dos 54 meses – uso de estruturas sintáticas complexas, como as passivas, as condicionais, as circunstanciais, as de tempo. Domínio básico de uma língua.

Não há uma taxionomia que aponte padrões evolutivos da aquisição sintática no português do Brasil, o que se encontra são estudos pontuais que investigam determinados aspectos sintáticos como, por exemplo, a aquisição das orações relativas por duas crianças brasileiras entre 2 e 5 anos (PERRONI, 2001) e a identificação de gênero em crianças entre 2 e 4 anos (CORRÊA e NAME, 2003; CORRÊA et al., 2011).

No intuito de oferecer um perfil morfossintático que servisse para comparar dados obtidos numa avaliação por meio de observação comportamental, Zorzi e Hage (2004) construíram tabelas sobre o desenvolvimento morfossintático, todavia, a maioria dos dados descritos foram extraídos de trabalhos com a língua castelhana, cuja organização morfológica e gramatical é semelhante ao do português. Segue uma síntese dos dados dos autores:

A partir dos 18 meses observa-se a produção de orações com dois e três vocábulos. Entre 2 e 2;6 anos, a estrutura principal da frase é N-V-N, havendo omissões de palavras como as preposições, os artigos e os pronomes. As frases no início deste período apresentam de 3 a 4 palavras, com desvios de flexionamento nominal e verbal. Observa-se o uso de pronomes pessoais (você, eu, ele/ela), possessivo (meu) e demonstrativo (esse), mas não há domínio de concordância de gênero. Observa-se o uso de orações afirmativas, interrogativas com os pronomes “que” e “onde” e negativas.

Aos 36 meses, observa-se o uso de períodos simples e compostos com 6 palavras (coordenados e subordinados com “porque” e “mas”). Surgem as orações interrogativas com os pronomes “quem” e “qual”. Faz uso de tempos verbais no presente, passado e futuro composto, mas com desvios de flexionamento verbal. Utiliza os artigos determinados, respeitando as regras de concordância de gênero.

A partir dos 48 meses, faz uso de períodos simples e compostos subordinados com “se” e “quando”. Usa corretamente os principais tempos verbais para verbos regulares. Aos 5 anos, observa-se períodos simples e compostos, incluindo subordinados com “pois” e “para que”. Pode usar os tempos verbais pretérito mais que perfeito e condicional. A partir dos 6 anos, podem fazer uso de voz passiva, sendo que o meio social interfere significativamente na produção de estruturas mais sofisticadas como voz passiva, subordinadas adjetivas e adverbiais.

A aquisição das estruturas morfossintáticas não é um processo que depende tão-somente da maturidade cerebral ou do ambiente. Sabe-se que genes vinculados francamente à atividade cerebral são acionados ou desativados por eventos ambientais (DOVIDIO et al., 2006) e o processo de aquisição de linguagem não foge à essa premissa. É importante que o exposto acima seja levado em conta antes de se fazer a avaliação das estruturas morfossintáticas e ao intervir em certos transtornos da linguagem que se mostrem comprometidos.

2.3 Avaliação clínica da morfossintaxe

A morfossintaxe é um dos aspectos da linguagem e é afetada nos Transtornos da Linguagem, sejam eles primários ou não. No contexto das alterações primárias de linguagem, o Distúrbio Específico de Linguagem (DEL), também denominado de Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem (TDL), é o quadro que bem representa as dificuldades linguísticas de crianças em desenvolvimento, em especial na esfera da morfossintaxe. As alterações do desenvolvimento da linguagem destas crianças são persistentes, manifestando-se desde a primeira infância. As características linguísticas envolvem simplificações fonológicas não esperadas para a idade, dificuldade em adquirir novas palavras, estruturação gramatical simplificada e pouco variada; ordenação de palavras de forma não usual, dificuldade em entender sentenças ou palavras específicas como marcadores espaciais ou temporais e realização de comandos linguísticos de forma incorreta (HAGE e GUEREIRO, 2010). Desta forma, a avaliação das habilidades morfossintáticas destas crianças ou mesmo de outras com

transtornos de linguagem é fundamental não só para a caracterização da alteração e, principalmente, para a elaboração das estratégias de intervenção.

Em se tratando de avaliação de linguagem oral, a *American Speech-Language-Hearing Association (ASHA)* elenca diversas formas de procedimento que podem ser usados com crianças com alterações de linguagem, sendo eles: testes padronizados, análise de amostra de linguagem oral, avaliação dinâmica, observação contextual/sistemática, questionários preenchidos por familiares, cuidadores ou professores, entrevista etnográfica e avaliação baseada no currículo. Destas, duas serão destacadas aqui, a avaliação por meio de testes padronizados e análise de amostra de fala espontânea.

Testes são conjunto de tarefas que buscam uma determinada resposta ou conduta. São ferramentas padronizadas de avaliação empiricamente desenvolvidas com confiabilidade e validade estabelecidas, sendo usadas para identificar as características gerais do funcionamento da linguagem, mas não devem ser usadas apenas para fazer o diagnóstico do transtorno de linguagem, já que a natureza sutil do déficit que muitas crianças demonstram, levam os testes a não serem suficientes para capturar a variedade de detalhes de linguagem que constituem o perfil do sujeito (ASHA).

Na língua inglesa existem diversos testes específicos para a verificação morfosintática, como o *Northwestern Syntax Screening Test* (LEE, 1971), o *Carrow Elicited Language Inventory* (CARROW, 1974), o *Oral Language Sentence Imitation Screening Test – OLSIST* (ZACHMAN et al., 1977) e o *Miller-Yoder Test of Grammatical Comprehension* (MILLER e YODER, 1984), desenvolvidos nas décadas de 70 e 80. Os testes de linguagem oral mais recentes têm tido o perfil de serem mais globais, verificando vários aspectos linguísticos e psicolinguísticos.

Revisão sistemática realizada recentemente (DENMAN et al, 2017) examinou a qualidade psicométrica das avaliações abrangentes de linguagem disponíveis para crianças em idade escolar, identificando aquelas com a melhor evidência de uso. A busca em cinco bases de dados elencou 15 avaliações com evidências de testes de hipóteses, evidência de confiabilidade e validade de conteúdo. Dos 15 instrumentos, sete avaliam explicitamente gramática e morfologia, além de outros aspectos: *CASL – Comprehensive Assessment of Spoken Language* (CARROW-WOOLFOLK, 1999) para indivíduos de 3 a 21 anos; *ACE6-11 Assessment of Comprehension and Expression 6-11* (ADAMS et al., 2001), *ITPA-3 – Illinois Test of*

Psycholinguistic Abilities – 3th Edition (HAMMILL et al., 2001) para crianças de 5 a 12;11 anos; *CELF-P:2 Clinical Evaluation of Language Fundamentals: Preschool – 2nd Edition* (WIIG et al., 2004) para crianças de 3 a 6;11 anos; *DELV-NR – Diagnostic Evaluation of Language Variation – Norm Referenced* (SEYMOUR et al., 2005) para crianças de 4 a 9 anos; *TOLD-P-4 – Test of Language Development – Primary, 4th Edition* (HAMMILL e NEWCOMER, 2008) para crianças de 4 a 8;11 anos; *CELF-5 Clinical Evaluation of Language Fundamentals - 5nd Edition* (WIIG et al., 2013) para indivíduos de 5 a 21 anos. A revisão recomendou quatro dos 15 procedimentos como tendo as melhores evidências de confiabilidade e validade (dois deles com avaliação sintática incluída: CELF-P-2 e CELF-5), sendo sugeridos para uso diagnóstico, desde que atendam ao propósito do processo de avaliação e sejam apropriadas para a população que está sendo avaliada. O estudo enfatiza a importância da qualidade psicométrica das avaliações de linguagem para que os fonoaudiólogos tomem decisões baseadas em evidências sobre as avaliações que eles selecionam ao aferir as habilidades de linguagem das crianças em idade escolar.

Já as análises de amostras de linguagem são métodos que se baseiam na observação em contextos mais livres ou naturais. São técnicas para extrair linguagem espontânea em vários contextos de comunicação, como jogo livre, conversação, narração ou discurso expositivo (ASHA). As amostras de fala espontânea são bastante indicadas para avaliação de pré-escolares por possibilitar análise real da linguagem (SANCLEMENTE, 2002). São obtidas a partir de conversação espontânea e alguns requisitos são fundamentais para a sua efetividade: recolher a amostra em ambiente em que a criança se sinta confortável em se expor com o interlocutor, eleger temas de conversação sobre algo conhecido da criança, utilizar materiais atrativos, formular perguntas cuja resposta seja conhecida pela criança, escutar o criança do ponto de vista dela (SANCLEMENTE, 2002).

Uma das medidas mais conhecidas para avaliar amostras de fala é o *MLU – Mean Length of Utterance* (BROWN, 1973). A Extensão Média do Enunciado (EME - em português) é um índice que resulta da relação proporcional entre o número de morfemas (EME-m) ou número de palavras (EME-p) e o número de enunciados produzidos pela criança. Este índice é utilizado em diferentes países e línguas, e apesar de muitos estudos o apontarem como um bom indicador de desenvolvimento gramatical e linguístico, outros são controversos, principalmente quando aplicados a línguas com morfologia flexional rica, como o caso do português (CAMPOS, 2014). No Brasil, a medida já foi utilizada em diversos trabalhos envolvendo crianças com e sem transtornos de linguagem (FENSTERSEIFER e RAMOS, 2003; ARAÚJO e BEFI-

LOPES, 2004; MARQUES e LIMONGI, 2011; BEFI-LOPES et al., 2013; CARVALHO et al., 2014).

Assim como os testes padronizados, na língua inglesa existem vários instrumentos que analisam amostras de fala, e dentre eles, há aqueles que verificam especificamente a morfossintaxe. O *Length-Complexity Index – LCI* (SHRINER, 1969) é um destes procedimentos. Ele faz uma análise composta do cumprimento da sentença e da complexidade da sentença simultaneamente de acordo com um sistema de ponderação numérica. O escore final é a soma de pontos dados para frases nominais, verbais, negativas e interrogativas, dividido pelo número de enunciados.

O *Developmental Sentence Scoring – DSS* (LEE, 1974) é um dos métodos mais utilizados pelos fonoaudiólogos americanos para analisar a amostra de fala (EISENBERG et al., 2018). É composto por dois componentes, o *Developmental Sentence Type (DST)* e o *Developmental Sentence Score (DSS)*. O *DST* é usado para categorizar enunciados de uma palavra, combinações de duas palavras e construções com mais de duas palavras, mas que são imperfeitas, já o *DSS* é usado para frases completas com sujeito e verbo, sendo uma medida de análise de amostra de fala com referência normativa para crianças com idade entre 2 e 6; 11 anos. A análise do *DSS* é baseada em 50 enunciados completos (sujeito e verbo) e únicos (sem repetição). Cada enunciado é avaliado para o uso de formas dentro de oito categorias gramaticais: pronomes indefinidos e modificadores substantivo, pronomes pessoais, verbos principais, verbos secundários, negativos, conjunções, reversões interrogativas e questões “Qu”. Em cada uma dessas categorias, os formulários recebem pontuações ponderadas para uso correto, com pontuações mais altas atribuídas a formulários em desenvolvimento posteriores ou recebem marcas de tentativa por uso incorreto. Um ponto de sentença adicional é concedido aos enunciados gramaticalmente e semanticamente corretos.

O *Language Assessment, Remediation and Screening Procedure – LARSP* (CRYSTAL et al., 1976) é um guia para análise da gramática e morfologia da fala de crianças de língua inglesa, comumente usados por pesquisadores e clínicos para uma análise linguística abrangente e consistente (BALL, 1999; MAILLART et al., 2012). O perfil foi desenvolvido de uma maneira que permite ao usuário ver pontos fortes e fracos da criança em relação à sua idade cronológica, já que a ordem em que as estruturas sintáticas são adquiridas é relativamente estável, pelo menos até a idade de cinco anos (BROWN, 1973). A correlação da produção morfossintática da criança com a idade fornece ao terapeuta informações sobre a possível

presença de comprometimento de linguagem, o planejamento de intervenção e a eficácia do tratamento. O perfil é especialmente útil para crianças que foram diagnosticadas com dificuldades de linguagem, como o DEL/TDL, em que a morfologia e a sintaxe são comumente afetadas (MAILLART et al., 2012).

A aplicação da LARSP completa consiste em sete etapas consecutivas, incluindo (a) amostragem, (b) transcrição, (c) análise gramatical, (d) contagem de estruturas, (e) avaliação de padrões, (f) declaração de metas corretivas e (g) declaração de procedimentos corretivos (CRYSTAL et al. 1976). A análise envolve a classificação em sete estágios, cada um deles relacionado a uma idade cronológica entre 9 meses e mais de 4 anos e 6 meses. Os estágios de I a IV correspondem ao mesmo número de cláusulas ou elementos de frases. O estágio V representa o nível de coordenação e subordinação, enquanto os estágios VI e VII analisam erros, estrutura de discurso e estilo. Uma coluna chamada "palavra" também está presente no gráfico que lista as inflexões morfológicas.

Todas as técnicas de análise de linguagem exigem estudo e prática consideráveis para usá-las de maneira correta e eficiente. Existem poucas avaliações padronizadas para indivíduos que falam um idioma diferente do inglês (ASHA). E neste contexto, o Brasil cuja língua falada é o português sofre consideravelmente com esta escassez. Testes padronizados ou mesmo protocolos de observação são bastante limitados na língua portuguesa falada no Brasil. Aqueles que estão disponíveis no mercado (passíveis de serem comprados ou acessados na íntegra pela mídia digital) podem ser divididos em dois tipos, os que aferem um ou mais subsistema linguístico e os que averiguam o desenvolvimento da linguagem de forma global nos domínios receptivo e/ou expressivo, sem caracterizar os subsistemas. No rol da investigação por meio de subsistemas está o ABFW - teste de linguagem infantil que avalia a fonologia, o vocabulário, a pragmática, e ainda, a fluência da fala (ANDRADE et al., 2004) e os Testes de Vocabulário Auditivo e Expressivo (CAPOVILLA et al., 2011) e de Vocabulário por Figuras USP- TVfusp (CAPOVILLA, 2011). No contexto das escalas de desenvolvimento estão disponíveis a *ELM – Early Language Milestone* (COPLAN et al., 1993; LIMA et al., 2004) e a *ADL - Avaliação do Desenvolvimento de Linguagem de Menezes* (2004) para crianças até 3 e 6 anos, respectivamente. Para a investigação do desenvolvimento comunicativo e cognitivo de crianças com idades representativas do período sensorio-motor e início do pré-operacional (até 4 anos) encontramos o PROC - Protocolo de Observação Comportamental (ZORZI e HAGE, 2004; HAGE et al., 2012) e o Protocolo para Observação do Desenvolvimento Cognitivo e de Linguagem Expressiva – *PODCLE* (BÜHLER et al., 2008; FLABIANO et al., 2009). Vale

ressaltar que a escala ELM e o PODCLE estão disponíveis somente por meio de artigos acessados por mídia digital.

Tem havido um movimento em direção à elaboração de projetos para a tradução, adaptação e validação de testes estrangeiros que são considerados de grande uso nas pesquisas clínicas na área das alterações de linguagem em crianças. Alguns exemplos podem ser aqui citados como o TELD-3 - *Test of Early Language Development* (GIUSTI e BEFI-LOPES, 2008), o PLAI-2 - *Test Preschool Language Assessment Instrument* (LINDAU et al., 2014), o CELF – 4 - *Clinical Evaluation of Language Functions* (BENTO-GAZ e BEFI-LOPES, 2014), o *Test of Narrative Language* (ROSSI et al., 2016), o *TSA – Test de Sintaxis de Aguado* (BAGGIO e HAGE, 2017), o *Test of Pragmatic Skills* (SANTOS et al., 2018), o *Language Use Inventory* (BROCCHI et al., 2019), entretanto, eles ainda estão restritos aos pesquisadores que os adaptaram, desta forma, não estão ainda disponíveis no Brasil para uso clínico.

Assim, o Brasil é ainda carente quanto à disponibilidade de instrumentos sistemáticos e formais indicados para avaliação e diagnóstico na área da Fonoaudiologia, principalmente para crianças em idade pré-escolar (LINDAU et al., 2015). Se o horizonte é limitado no número de procedimentos de avaliação da linguagem de um modo geral, ele é praticamente inexistente quando a averiguação é sobre a morfossintaxe. Instrumentos para a análise da gramática e morfologia do português brasileiro não foram encontrados na literatura consultada.

2.4 Categorias de análise do instrumento de avaliação morfossintática por amostra de fala

Como exposto anteriormente, é com os estudos de Saussure e a partir deles que novos princípios foram adotados e incorporados às pesquisas linguísticas. Momento em que passou de valorização da língua enquanto momento histórico para valorização de análises estruturais e suas relações internas. Mencionamos também perspectivas sobre alguns dos conceitos básicos da linguística, além de um panorama dos padrões evolutivos da aquisição morfossintática e características da avaliação clínica da morfossintaxe

O objetivo deste tópico é dissertar sobre os itens que compõem o instrumento elaborado nesta pesquisa. Gostaria de chamar a atenção para o fato de que o processo de construção do protocolo não foi baseado em categorias pré-determinadas, de maneira oposta, as categorias linguísticas ou itens para análise foram elencados, também, com base no corpus. Por efeito, o

aporte teórico usado para a construção do instrumento não se restringiu à uma única vertente. Posto isso, as categorias selecionadas foram relativas à quantidade de enunciados, frase agramatical, frase telegráfica, frase nominal, período simples, composto, concordância nominal, verbal e quantidade de palavras. Neste tópico, apresentaremos as principais fundamentações teóricas das categorias selecionadas e no capítulo 5 a fundamentação estatística.

O processo de construção do PAM, apresentado no tópico 4.2.1, considerou o potencial e as marcas linguísticas presentes nas falas das crianças. Com isso, podemos afirmar que o instrumento não privilegiou apenas aspectos formais, mas recorrentes, ainda que alguns itens tenham concepções tradicionais. Portanto, o percentual de ocorrências foi usado como evidência a favor dos resultados. Esta pesquisa, mesmo com o objetivo de padronização não foi executada de forma prescritiva e impositiva, mas descritiva por valorizar os tipos de produções sem impor ou determinar categorias.

O discurso ou fala possui liberdade de combinação entre os elementos sintáticos, essa liberdade possibilita a expressão do pensamento de maneira particular sem recorrer à repetições de frases estereotipadas. No entanto, alguns limites são necessários para impedirem a invenção de uma nova língua por cada falante, para isso é importante a noção mínima de gramaticalidade. O termo gramaticalidade não significa apenas correção, mas carência da articulação sintática necessária, as palavras se atropelam, não fazem sentido tornando-se apenas um amontoado de palavras. (GARCIA, 2010)

Por outro lado, a comunicabilidade não depende apenas do entrosamento entre as palavras. Em sua obra, Chomsky (1957) comenta sobre agramaticalidade e relata que a incompatibilidade entre seus componentes pode gerar problemas na comunicação. Para Garcia (2010), a duplicidade, tautologia, incongruência e incompatibilidade semântica também são formas de agramaticalidade. Ainda, alguns autores levam em consideração algumas características extremamente formais distantes até da linguagem utilizada habitualmente pelos adultos. Por esse motivo, nesta pesquisa adotamos como principal critério a observação da presença/ausência de categorias gramaticais. De acordo com Acosta (2014), o tipo de erro gramatical mais cometidos por crianças com TDL é a omissão de termos.

Diferente do que chamamos de erro, as frases agramaticais são consideradas sentenças em que desrespeitam algum critério morfossintático com comprometimento semântico, sendo que a alteração na ordem dos elementos pode gerar dificuldade no processo comunicativo

(COLOMA, 2012). Para Belinchón, Rivière e Igoa (1992), esta é uma limitação ou incapacidade de acesso e uso de informações morfossintáticas no decorrer do desempenho linguístico, produção de enunciados imprecisos, omissão de termos determinantes ou inserção de elementos indevidos.

Alguns autores afirmam que, quando comparadas às crianças com desenvolvimento típico, as crianças com TDL usam maior número de orações agramaticais (JACKSON-MALDONADO, 2011). Não há muitos estudos sobre agramaticalidade em crianças com TDL, porém pesquisadores sugerem ser um índice relevante na identificação de crianças com esse tipo de transtorno, consideram como um marcador clínico importante na identificação precoce desse tipo de alteração. (SIMÓN-CEREJIDO; GUTIÉRREZ-CLELLEN, 2007)

A Concordância nominal e verbal foram dois dos itens contemplados no protocolo e são usados para marcar formalmente as relações de determinação entre os termos dos sintagmas presentes nas orações. A primeira é referente ao processo de relação entre nome e termos determinantes e a segunda relativa à conexão entre verbo e sujeito. Assim, todos os constituintes que compõem uma oração precisam estar harmonicamente organizados ou em concordância. Apesar disso, não podemos afirmar que o descumprimento dessa norma caracteriza alteração no desenvolvimento da linguagem, no entanto, a produção de, por exemplo, “a meninas” demonstra uma limitação relevante e fora de um perfil linguístico típico. Em vista disso, a falta de concordância no artigo, “as menina”, não foi considerado desvio por se tratar de um tipo de variação sociolinguística aceitável na fala. (KENEDY; OTHERO, 2018)

As duas categorias citadas foram inclusas no protocolo por se tratarem de aspectos relevantes ao desenvolvimento morfossintático da linguagem, mas não avaliamos tais características com ênfase prescritiva, consideramos como desvio de concordância os casos extremos trazidos na literatura como típico do desenvolvimento alterado. CITAR AUTORES. Atualmente, o Português falado culto tem dado alguns passos de aproximação com a linguagem popular. Podemos citar alguns casos como o uso “eu vi ele na rua” e não “eu o vi na rua”, o pronome pessoal “nós” é, hoje, pouco usado na língua falada sendo mais comum o uso do “a gente”. Essas características línguas não são consideradas “erros” por seu uso recorrente. Uso do coloquial cuidado.

A frase telegráfica é mais um dos itens presentes no protocolo, construção típica de crianças em fase de aquisição da linguagem e pode ser identificada na fala de crianças entre 1;6 a 3;0 anos de idade. Tem por essência a economia de palavras e possui como característica o

apagamento de palavras funcionais como preposição, terminações verbais, conjunções, artigos, predominância de substantivos, segmentadas e geralmente curtas. Em aspectos gerais, utilizam o mínimo de palavras necessárias para transmissão do significado. (MATTHEWS, 1996)

As frases nominais é mais uma das categorias e, de acordo com Garcia (2010), são constituídas apenas por nomes (substantivo, adjetivo, pronome), conseqüentemente, ausência de verbos. Diferente das frases telegráficas, não possuem verbos, porém apresentam sentido completo no contexto comunicativo. O início da fase do desenvolvimento linguístico é marcado pelo uso de palavras soltas que, na maioria das vezes, são substantivos (CRYSTAL, 1997). Essa característica é reduzida a medida em que a criança vai ficando mais velha e adquirindo as palavras funcionais e verbos.

A unidade máxima de análise sintática é a frase, período ou sentença, acima encontra-se o texto e o discurso que são objetos de estudo de outros níveis linguísticos, como pragmática e análise do discurso. Nos estudos sintáticos ainda é possível encontrar o termo sintagma que de acordo com Kenedy e Othero (2018) são usados para classificar unidades intermediárias da análise, em outras palavras, os constituintes maiores do que a palavra e menores do que a frase. As orações, ou sintagmas verbais, são unidades que se articulam entre si para originarem estruturas mais complexas. As palavras são geradas pela articulação entre morfemas, da articulação entre as palavras originam-se os sintagmas, o qual, uma vez constituído, pode se combinar com outro, a fim de estruturar um novo e mais complexo sintagma.

Tradicionalmente, o agrupamento de orações é chamado de período, isto é, circuito de palavras encadeadas para formar um sentido completo. O período simples é marcado pela presença de uma oração, um verbo ou único sintagma verbal. Por sua vez, o período composto é constituído pelo uso de duas ou mais orações, em conseqüência, essas produções são mais complexas, extensas e demandam o uso de palavras relacionais. Sendo assim, a presença de múltiplas orações sinaliza complexidade e por isso são adquiridos mais tardiamente. No que se refere à aquisição da linguagem, as crianças começam a produzir frases com mais de um verbo por volta dos quatro anos de idade. (YULE, 1996).

2.5 Confiabilidade e Validação

Em uma pesquisa, de modo geral, é conveniente conferirmos primeiramente a validade de um instrumento, porém, para que uma medida seja válida é necessário que também seja confiável. Portanto, nas pesquisas é natural analisar a confiabilidade antes da validade, pois de acordo com Sampieri (1996) nem todo instrumento de medida que apresenta confiabilidade tem validade, porém todo aquele que tem validade, certamente será confiável. É fundamental que instrumentos de avaliação sejam analisados se, de fato, medem o que se propõem a medir, sendo eminente a necessidade de validação por pelo menos dois aspectos, mesmo sendo desenvolvidos por especialistas

Entre os atributos mais comumente utilizados no processo de avaliação das propriedades psicométricas estão a validade e a confiabilidade. Alexandre (et al., 2013) descreve que a validade é capaz de medir com precisão o fenômeno a ser estudado e a confiabilidade capaz de reproduzir um resultado de forma consistente no tempo e no espaço ou com observadores diferentes, representando o quanto o instrumento é estável, consistente ou preciso. Cada vez mais são encontrados estudos que alertam aos pesquisadores sobre a correta verificação das qualidades dos instrumentos de coleta de dados e uma dessas qualidades é a validade. (ALEXANDRE; COLUCI, 2011). Podemos citar três tipos de validade, a de construto, de conteúdo e de critério.

A validade de construto está relacionada a um conjunto de variáveis que de fato representam o construto a ser medido, sendo necessário para a validação, a geração de previsões com base na construção de hipóteses, que são testadas com o intuito de apoiar a validade do instrumento. Outro tipo de validade de construto é conhecida pelos pesquisadores como validade estrutural ou fatorial, que fornece ferramentas para avaliar as correlações em um grande número de variáveis. E o último tipo de validade de construto é a validade transcultural, diz respeito à medida em que as evidências suportam a inferência de que o instrumento original e um adaptado culturalmente são equivalentes. Dificilmente a validade de construto é concebida em uma única pesquisa, geralmente, são necessários diversos estudos sobre a teoria do construto que se pretende medir (SOUZA; ALEXANDRE; GUIRARDELLO, 2017). A validação de construto necessariamente deve estar vinculada à uma teoria, ou seja, é fundamental um marco teórico que suporte o construto em relação à outras definições, portanto dessa forma, quanto maior a quantidade de evidências, mais efetiva será a interpretação dos resultados (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013).

Já a validação de conteúdo consiste em julgar em que proporção os itens selecionados medem uma construção teórica e se representam bem todas as facetas importantes do comportamento ou conceito a ser medido. A validade de conteúdo é um fator crucial no desenvolvimento de instrumentos, por ser o processo responsável em avaliar se os itens de um instrumento medem adequadamente um desejado conteúdo. Lynn (1986) descreveu a validação de conteúdo como uma avaliação rigorosa que consiste em um processo de dois estágios (desenvolvimento e quantificação de julgamentos) que é fundamental para praticamente todos os instrumentos.

Por último, a validade de critério refere-se à habilidade do instrumento de distinguir grupos para os quais se sabe previamente que se comportam de forma diferente na variável sob estudo (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013). A validade de critério é a consistência em grau de eficácia que o teste tem em prever resultados específicos de desempenho de um sujeito, e portanto, esse desempenho se torna o critério contra o qual a medida obtida pelo teste é avaliada, ou seja, o desempenho do sujeito deve ser medido e avaliado por meio de técnicas que são independentes do próprio teste que se quer validar. Esse tipo de validade pode ser obtida por um coeficiente de correlação, sendo que as pontuações do instrumento de medida são correlacionadas com os escores do critério externo e esse coeficiente é analisado, portanto valores próximos a 1,00 indicam haver correlação, enquanto valores próximos de 0,00 indicam que não existe correlação (SOUZA, ALEXANDRE; GUIRARDELLO, 2017).

Distingue-se a validade de critérios em dois tipos: validade preditiva e validade concorrente (PASQUALI, 2009). A preditiva é quando se realiza um teste com previsão de determinado resultado, melhor dizendo, consiste em medir temporariamente com os dados obtidos do teste até que se tenha uma nova amostra que poderá confirmar a relevância do que foi testado (CRONBACH; MEEHL, 1955). Já a concorrente é a que se faz com comparação a um instrumento semelhante, no caso, um instrumento com reconhecimento “padrão ouro”.

A validação de um procedimento envolve diversas etapas e é indispensável para comprovar a proficiência do mesmo no contexto científico. Cunha (2016) também relata sobre a importância da confiabilidade e diz que sua ausência pode ser prejudicial para as conclusões estatísticas de uma pesquisa, por isso o conhecimento de métodos de avaliação psicométricas é um passo essencial para assegurar a qualidade do instrumento.

A confiabilidade, conhecida também como fidedignidade, tem a capacidade de reproduzir um resultado de maneira mais precisa quanto ao tempo e espaço, apontando

características de precisão, coerência, equivalência, estabilidade e homogeneidade. Além disso, a equivalência de uma medida, a consistência interna e a estabilidade são as principais características referentes à confiabilidade (SOUZA; ALEXANDRE; GUIRARDELLO, 2017).

É fundamental que instrumentos de avaliação sejam analisados se, de fato, medem o que se propõem a medir, sendo eminente a necessidade de validação por pelo menos dois aspectos, mesmo sendo desenvolvidos por especialistas. Uma etapa inicial, mas geralmente negligenciada, do processo de revisão de conteúdo é fornecer aos membros do painel a base conceitual para o instrumento. As definições conceituais incluiriam dimensões relevantes do construto a ser operacionalizado no instrumento (GRANT; DAVIS, 1997).

3 Proposição

3 PROPOSIÇÃO

3.1 Objetivo Geral

- Elaborar e validar instrumento de avaliação morfosintática por amostra de fala espontânea de crianças em fase de desenvolvimento da linguagem

3.2 Objetivos Específicos

- Elaborar critérios de avaliação morfosintática por amostra de fala
 - Validar os critérios elaborados quanto ao conteúdo e critério
 - Obter valores de referência preliminares do protocolo que sirvam de parâmetro para verificação das habilidades morfosintáticas de crianças em desenvolvimento de linguagem
-
-

4 Material e Métodos

4 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo divide-se em três etapas que se inter-relacionam, na medida em que todas tiveram como alvo verificar e analisar a morfossintaxe de crianças com e sem alteração de linguagem em fase de desenvolvimento para elaboração do protocolo. Trata-se de um estudo quantitativo, observacional, descritivo-analítico.

As etapas 2 e 3 envolveram experimentos com humanos, e desta forma, tiveram aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Odontologia de Bauru – FOB/USP (CAAE 68562317.4.0000.5417 e CAAE - 56432016.9.0000.5417). Ambos os pareceres estão descritos nos ANEXOS 1 e 2. Pais e/ou responsáveis autorizaram a participação do (a) filho (a) na pesquisa, mediante explicação e posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Resolução 466/2012. A etapa 1 não envolveu experimento com seres humanos, por isso, não foi necessária autorização do comitê de ética. Essa etapa será explicitada adiante neste mesmo capítulo.

4.1 Seleção dos Sujeitos

Para a realização deste estudo foram selecionados dois grupos distintos de crianças: um com Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem (TDL) e outro formado por crianças com Desenvolvimento Típico de Linguagem (DTL). Foram selecionadas 10 crianças com o diagnóstico de TDL na Clínica de Fonoaudiologia da Universidade de São Paulo (FOB/USP) já com o diagnóstico definido por equipe multidisciplinar. Os critérios de inclusão foram: atraso de linguagem de pelo menos 12 meses, audição normal, desenvolvimento motor e cognitivo compatível com a idade cronológica, ausência de lesão cerebral, ausência de sinais de interações ineficazes e distúrbios emocionais. A faixa etária escolhida é a que coincide com o período de expansão gramatical que vai de 30 a 54 meses e os 6 primeiros meses do período das últimas aquisições, entre 54 e 60 meses (CRYSTAL, 1981). Assim, as crianças tinham entre 36 meses e 60 meses.

Foram selecionadas 25 crianças com Desenvolvimento Típico de Linguagem (DTL) também na faixa etária de expansão gramatical e início do período das últimas aquisições. Essas crianças foram selecionadas em duas escolas de educação infantil da cidade de Bauru (SP,

Brasil). As características típicas foram verificadas por meio de um *checklist* que contém 10 perguntas sobre o desenvolvimento da linguagem e um roteiro breve de análise de amostra de fala para crianças de 3 a 7 anos (HAGE, et. al, 2006).

Para autorização da pesquisa nas duas escolas de ensino infantil foi necessário o envio do projeto para apreciação e autorização das coordenadoras. Depois da autorização, a pesquisadora entrou em contato com as professoras para a seleção das crianças. Após a escolha, todos os pais foram contatados e receberam orientações e explicações sobre qual era o objetivo da pesquisa para assim assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A participação de todos os envolvidos foi voluntária e confidencial.

Para a análise estatística as crianças foram divididas em grupos:

Quadro 1 – Tamanho amostral do grupo com Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem

Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem	
Faixa Etária	Número de Sujeitos
2 anos e 6 meses a 3 anos (2,6 a 3,0 anos)	1
3 anos e 1 mês a 3 anos e 6 meses (3,1 a 3,6 anos)	1
3 anos e 7 meses a 4 anos (3,7 a 4,0 anos)	4
4 anos e 1 mês a 4 anos e 6 meses (4,1 a 4,6 anos)	2
4 anos e 7 meses a 5 anos (4,6 a 5,0 anos)	2
TOTAL	10

Quadro 2 – Tamanho amostral do grupo com Desenvolvimento Típico de Linguagem

Desenvolvimento Típico de Linguagem	
Faixa Etária	Número de Sujeitos
2 anos e 6 meses a 3 anos (2,6 a 3,0 anos)	5
3 anos e 1 mês a 3 anos e 6 meses (3,1 a 3,6 anos)	5
3 anos e 7 meses a 4 anos (3,7 a 4,0 anos)	5
4 anos e 1 mês a 4 anos e 6 meses (4,1 a 4,6)	5
4 anos e 7 meses a 5 anos (4,6 a 5,0 anos)	5
TOTAL	25

4.1.1 Tamanho amostral

Segundo Weyne (2004), a equação utilizada para encontrar o tamanho da amostra para variáveis, que é o caso do nosso trabalho, é a seguinte:

$$N = \frac{Z^2 S^2}{d^2}$$

Onde:

- Z é igual ao número de desvio padrão da distribuição normal;
- S é o desvio padrão da amostra;
- d é a diferença entre as médias;
- N é o tamanho da amostra

Quanto ao Z , em pesquisas na área da saúde admite, usualmente, um erro de 5%, o que equivale a um intervalo de confiança de 95% nos testes e de acordo com a tabela da curva normal da distribuição t de Student, apresentada em (BARBETTA – 2010) é de 1,960. Portanto, como não há possibilidade de calcular o desvio padrão S , por não termos um “padrão ouro” referencial, deve-se arbitrar uma condição logicamente mais desfavorável (WEYNE – 2004). Então, o pior cenário encontrado em nossa coleta diz respeito ao critério “enunciado” na faixa etária de 4;1 a 4;6 anos, tendo valor $S = 29,13$.

De acordo com Fontelles, et al. (2010), é necessário estabelecer uma diferença máxima razoável entre as médias do grupo controle e do grupo experimental, portanto, foi selecionado a maior diferença entre as médias dos dois grupos DTL e TDL daqueles critérios com significância estatística, onde foi observado no critério “período composto” na faixa etária de 4;7 a 5;0 anos, sendo $d = 38,20 - 11,33$, ou seja, $d = 26,87$. Finalmente:

$$N = \frac{Z^2 S^2}{d^2} \Rightarrow N = \frac{1,960^2 \cdot 29,13^2}{26,87^2} \cong 5$$

Porém, como se trata de dados não pareados, o valor de N deve ser multiplicado por 2. Finalmente, o tamanho da amostra pode ser de, no mínimo, 10 indivíduos, ou seja, de 5 no grupo controle e de 5 no grupo experimental, comprovando que a quantidade da amostra utilizada em nossa pesquisa é válida.

4.2 Procedimento

4.2.1 Etapa 1 – Construção do Protocolo de Avaliação Morfossintática (PAM)

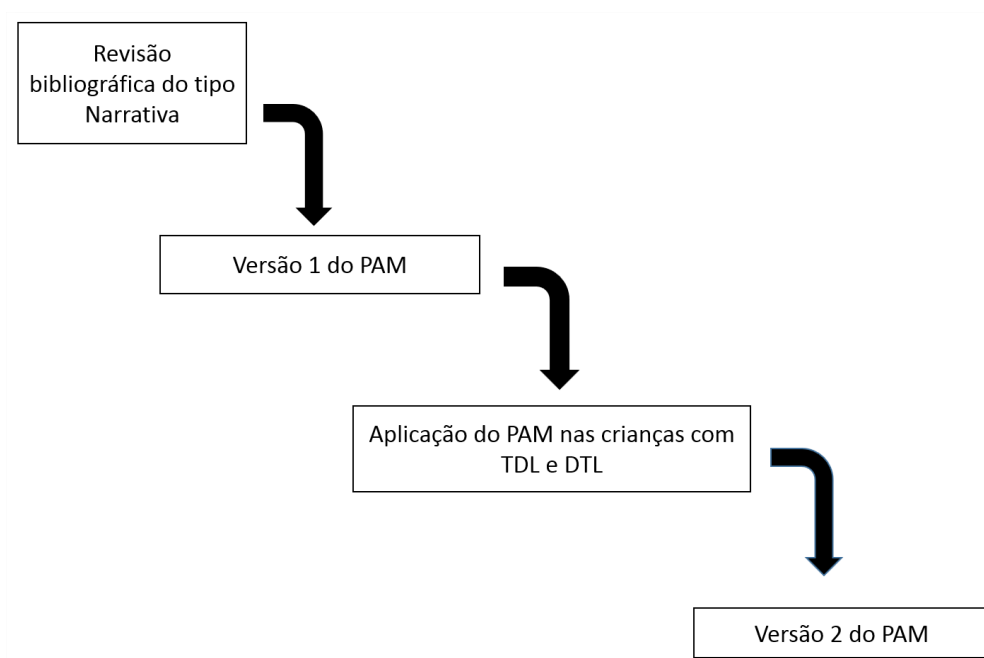


Figura 1: Etapas para construção do protocolo

A construção do PAM foi realizada em dois estágios: primeiramente, foram elencadas categorias presentes nos modelos evolutivos de aquisição morfosintática. Observamos um consenso na literatura sobre as características morfosintáticas presentes no processo de aquisição da linguagem (ver CRYSTAL, 1973; BROWN, 1973; CRYSTAL et al., 1976). Logo, as categorias utilizadas para elaboração da primeira versão do protocolo (APÊNDICE B) foram predeterminadas. A revisão bibliográfica foi do tipo “narrativa” ou “tradicional”. A revisão narrativa não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e está sujeita à subjetividade do autor. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações e teses ou mesmo para análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico de uma pesquisa (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014). Neste tipo de revisão, o material coletado permite ao pesquisador a elaboração de ensaios que favoreçam a contextualização, problematização e verificação de quadro teórico a ser utilizado na investigação empreendida (ELIAS et al., 2012). Desta forma, a revisão narrativa buscou em diferentes fontes, como metodologia de artigos científicos indexados em base de dados (scielo, medline), livros e teses que tivessem informações sobre avaliação morfosintática de crianças e sobre gramática da língua portuguesa.

Os instrumentos que serviram como suporte foram aqueles em que se utilizam de análises de amostra de fala espontânea, já que o estudo em tela entende que o emprego deste tipo de análise permite descrição bastante aproximada da construção de frases em contextos naturais de conversação. Vale ressaltar que o estudo não se sustentou em valores meramente normativos que privilegia as regras gramaticais por si só e valida como “erros” fatos utilizados comumente na língua falada, por conseguinte, desvaloriza a situação de uso. Foram consideradas as regras implícitas ao uso da língua, tendo como sustentação as fases de aquisição da linguagem.

No segundo estágio, como recurso e auxílio no processo de elaboração do protocolo, um estudo de iniciação científica foi usado como pesquisa piloto. Esse projeto piloto trabalhou com um recorte dos dados desta pesquisa e um dos propósitos foi coletar as amostras de fala das 10 crianças com TDL para aplicação do instrumento, posterior análise e comparação das amostras de 10 crianças (das 25) com DTL. Esse recorte foi importante para verificar se as categorias identificadas na literatura eram compatíveis com o corpus (fala das crianças). Após essa primeira análise constatamos que o instrumento necessitava de alteração, os itens selecionados não distinguiam os grupos de crianças.

Com essas conclusões, buscamos por novas categorias, mas agora fundamentadas nos próprios dados, no estudo do corpus da pesquisa. Assim, por ser um estudo quantitativo, observamos as características mais ocorrentes, por isso, os nove itens do protocolo foram identificados, também, a partir da frequência nas transcrições das falas das crianças.

4.2.2 Etapas 2 e 3 – validação do protocolo e obtenção de valores de referência

4.2.2.1 Procedimento da coleta

O processo de coleta dos dados foi baseado na metodologia naturalista, segundo Martins (2002), essa técnica envolve observações de um dado comportamento, sem interferências (ou com interferência mínima) por parte do pesquisador. Esta forma de registro de dados é apropriada ao objetivo desse trabalho, já que as informações linguísticas são coletadas em uma situação real de comunicação. A interação livre permite a observação, análise do uso que a criança faz das estruturas sintáticas da língua (MONTERO, 1995). O emprego de amostras de linguagem é um procedimento bastante eficaz na avaliação de linguagem, na medida em que

permite descrição bastante aproximada da linguagem em contextos naturais de conversação (ACOSTA, 2003).

A coleta da amostra espontânea neste estudo foi efetivada por meio de gravação em vídeo (digital still câmera Cyber-shot – DSC-H70 – Sony) da interação entre criança e pesquisador por 25 minutos. Foi sistematizada para que não oferecesse condições desiguais entre as crianças, ou seja, todas as crianças foram submetidas às mesmas situações de interação com o pesquisador e tiveram contato com os mesmos objetos.

Para a coleta dos dados e como instrumento de interação entre criança e pesquisador foi usado um conjunto de brinquedos em miniatura como: fazenda com animais em miniatura, cerca e curral; utensílios de cozinha: panelas, potes para guardar alimentos, garfo, faca, colher, prato, bandeja, xícara e saleiro; alimentos: ovo, bife, salsicha e peixe; meios de transportes: carros, caminhão e trator; bonecas; livro infantil de capa dura com gravuras; um conjunto de miniaturas médicas, bola de borracha (ARAÚJO; BEFI-LOPES, 2004). O procedimento da coleta foi o mesmo para todos os sujeitos, no entanto, os dados das crianças atípicas (TDL) foram coletados por pesquisador em trabalho de iniciação científica, estudante de Fonoaudiologia, na Clínica de Fonoaudiologia da Faculdade de Odontologia (FOB). Já os dados das crianças típicas foram coletados pelo autor deste estudo, linguista, em escolas de educação infantil da cidade de Bauru.

Tanto na Clínica como nas escolas foi preparada sala com filmadora digital em um tripé com todos os brinquedos dispostos sobre uma mesa de educação infantil ou colchonete. Durante o procedimento, a criança foi encorajada a interagir com o avaliador-pesquisador com o objetivo de propiciar a iniciativa comunicativa da criança em situação de interação lúdica com os brinquedos previamente selecionados.

Os pais das crianças com TDL foram contatados para marcar o dia da coleta, ao chegar na clínica, a criança era levada pela pesquisadora até a sala preparada para o procedimento. Nas escolas, as crianças eram apresentadas previamente à pesquisadora, e posteriormente, a coleta ocorria nos dias combinados com a coordenação. A criança era retirada da sala de aula já ciente da interação e seguia junto com a pesquisadora até a sala de gravação. Neste percurso, a pesquisadora conversava com a criança e explicava que elas iriam brincar em uma sala com brinquedos e livros. Quando a criança entrava na sala, esta já estava preparada e os brinquedos sempre estavam organizados da mesma forma.

A criança era colocada de frente para os brinquedos, a pesquisadora ligava a filmadora e sentava-se junto a ela e a convidava para brincar ("Vamos brincar? Todos esses brinquedos são nossos e a gente pode fazer o que quiser"). Após esse convite, a pesquisadora esperava alguns momentos até que a criança iniciasse sua brincadeira e, então, começava a interagir verbalmente com ela. Caso a criança não escolhesse nenhum brinquedo ou apenas ficasse olhando, a pesquisadora sugeria algum para que se iniciasse a interação.

No momento da interação, o pesquisador interferiu o menos possível para que a criança tivesse independência e iniciativa discursiva. Evitou-se perguntas indutivas a respostas curtas como sim ou não. Quando a criança deixa de se comunicar por um período de tempo, o pesquisador intervia com a inserção de assuntos referentes ao contexto infantil com o objetivo de estimular a fala espontânea. Buscou-se a obtenção de uma amostra representativa da linguagem e para isso é essencial que a conversação não se transformasse em interrogatório. (MONTERO, 1995)

O tempo de interação foi de 25 minutos, sendo que para a transcrição foram desprezados os 5 minutos iniciais. Este tempo inicial foi desprezado, pois é o momento de aproximação entre os interlocutores.

4.2.2.2 Transcrição da amostra de fala

Após o procedimento de coleta dos dados, todas as gravações foram transcritas ortograficamente para um documento do Word considerando os turnos da criança e do avaliador-pesquisador e o tempo de transcrição teve cerca de 20 minutos. A transcrição foi feita segundo os moldes ortográficos do português, sendo apropriada para um estudo com o objetivo de avaliar apenas os aspectos morfossintáticos da linguagem.

Durante as transcrições das 35 crianças foram preservadas características morfossintáticas desviantes por serem detalhes importantes no momento da análise. Os dados foram registrados sem alterações ou correções quanto às irregularidades morfossintáticas como os desvios de flexão verbal, nominal e foram analisados posteriormente.

Baseado em Diaz (1999), seguimos alguns parâmetros durante as transcrições: as informações extralinguísticas julgadas importantes para a análise morfossintática foram anotadas, por exemplo, respostas gestuais; pausas; emissão ininteligível; informação vocal não linguística como: risos, bocejos, sussurros.

4.2.2.3 Procedimento de análise

Para a análise dos dados deste trabalho foram adotados alguns critérios apresentados por Diaz (1999). O primeiro passo foi separar os aspectos analisáveis dos não analisáveis:

Crerios para produções verbais não analisáveis

Eliminação de produções verbais que não permitiram análise morfossintática:

- 1) Frases ininteligíveis ou parcialmente ininteligíveis. Exemplo: “assim (ininteligível) o lobo”, nesses casos, não há possibilidade de avaliação estrutural das produções por falta de informação. Os enunciados com essa característica foram descartados.
- 2) Ecolalia ou especularidade (repetição de partes do enunciado do interlocutor com ou sem modificação da entonação). Exemplo: O que ele está fazendo? “Fazendo”.
- 3) Saudação e despedida: “Oi”, “Tchau”
- 4) Respostas de apenas uma palavra: “Comi”, “Fui”, “Bom”, “Bem”, “Aqui”, “Sim”, “Não”, “Esse”, “É, vou” (neste caso, apesar de “é” ser um verbo, muitas vezes ele substituiu o advérbio “sim”, sendo este tipo de construção desconsiderada)
- 5) Interjeições: “Ah”, “Ufa”, “Oba”, “opa” (em casos de “oba, quero”, foi contabilizado como enunciado de uma palavra, já que “oba” é interjeição, portanto, não foi analisado)

Como já citado, o objetivo do trabalho foi de avaliar padrões evolutivos da linguagem e não analisar a forma como as crianças aprendem e desenvolvem, especificamente, a morfossintaxe. Exemplos como os mencionados acima não são suscetíveis à análise morfossintática por não serem passíveis de classificação em termos de funções sintáticas, por isso, foram descartados. (KENEDY; OTHERO, 2018)

Crerios para produções verbais analisáveis

- 1) Enunciado: Os critérios para a delimitação entre um enunciado e outro foram: trocas de turno entre pesquisador e criança, mudança de assunto por parte da criança e pausa longa. Adotamos como enunciado toda frase com mais de uma palavra, onde se pode identificar um período simples ou composto, além de frase nominal,
-

agramatical ou telegráfica. Desse modo, nesse trabalho, utilizamos o termo enunciado para nos referirmos às construções e usos que a criança faz da língua.

Portanto, conforme quadro abaixo, foram considerados enunciados analisáveis aquelas produções que atendiam aos critérios 2, 3, 4, 5 ou 6 do protocolo (APÊNDICE A), ou seja, eles eram a soma da quantidade dos critérios citados.

A seguir quadro ilustrativo sobre quantificação dos dados:

CRITÉRIOS		QUANTIDADE
1	Enunciado	50
2	Frase Agramatical	05
3	Frase Telegráfica	10
4	Frase Nominal	10
5	Período Simples	10
6	Período Composto	15
TOTAL		50 enunciados

- 2) Frase Agramatical: enunciados com omissão ou inserção de elementos que comprometem o significado, além de sequências desordenadas sem respeito de limitações estruturais da língua portuguesa. Exemplo: “eu já vi quando eu era o óculos, assim enquanto eu olhava eu puxo a luva”.
- 3) Frase Telegráfica: enunciados que não possuem conectivos, preposições, artigos. São segmentadas e geralmente curtas. Exemplo: “Qué bolacha chocolate”; “bebê Leão”; “carro arruma”;
- 4) Frase Nominal: enunciados que não possuem verbos, porém apresentam sentido no contexto comunicativo. Exemplo: “A casa da Frozen”; “Aqui no banheiro”; “O João e a Isabela”
- 5) Período Simples: enunciados com a presença de apenas um verbo. Exemplo: “Eu *brinco* só com o meu cachorro”; “Esse *é* o porquinho”; “Ele não *fica* na fazenda”.
- 6) Período Composto: enunciados que contêm dois ou mais verbos. Exemplo: “eu *brinco* e eu *durmo* com o meu cachorro”; “Ele *tem* que *trabalhar* também”.

Além dos critérios de 2 a 6 que identificavam a presença de um enunciado, a análise da amostra também verificou:

- 7) Desvio no uso de Regras de Concordância Nominal: enunciados que não apresentam concordância entre os nomes. O substantivo deve concordar com o pronome, numeral, adjetivo. Exemplo: “*Ele tem dois facas*”, “*Parece um caminha*”;
- 8) Desvio no uso de das Regras de Concordância Verbal: enunciados que não apresentaram concordância entre verbo e sujeito e que diferem do padrão do adulto. Exemplo: “eu fazo”. “eu sabo”;
- 9) Quantidade de palavras – foram contabilizadas a quantidade de palavras de cada enunciado produzido. Locuções verbais foram contabilizadas como sendo uma palavra (“vou ser”), repetições da mesma palavra não foram contabilizadas (“hoje eu vou, ~~vou, vou~~ fazer aniversário”; “sabe aquele desenho que, ~~que, que~~ tem o Huck?”; “A Gabi tinha mais eu só tinha, eu só tinha dois”

Os critérios 7, 8 e 9 também estão contemplados na versão final do protocolo (APÊNDICE A).

4.2.2.4 Validade (etapa2)

A validade verifica se um instrumento mede precisamente o que se propõe a medir (ALEXANDRE e COLUCI, 2011). Um instrumento é válido quando afere de fato seu objetivo, no caso, as habilidades morfosintáticas de crianças em fase de desenvolvimento. Dentre os tipos de validade, o estudo em tela utilizou a validade de conteúdo e de critério preditiva. Vale mencionar que o processo de validação foi iniciado depois da construção da versão final do protocolo e teve como base as mesmas amostras do processo de construção, por isso consideramos preliminar.

Para a análise estatística da validade de conteúdo e critério os dados foram organizados em planilhas no *Microsoft Excel versão 1808* a fim de exportá-los para o programa *Statistical Package for Social Sciences (SPSS) versão 17.0*, o qual foi usado para realização das análises descritivas e comparativas.

Validade de conteúdo e Confiabilidade

O processo de validação de conteúdo teve como principal objetivo o de testar o aperfeiçoamento realizado no segundo estágio da construção por meio da avaliação do instrumento com o apoio de especialistas. Os estudos sobre validação de conteúdo são

divergentes no que diz respeito à quantidade de avaliadores. Segundo Grant e Davis (1997) existem estudos que recomendam de 2 a 20 juízes. Lynn (1986) aponta que a quantidade mínima de juízes pode ser três. Assim, a escolha foi por três juízes especialistas com experiências suficientes para avaliação de todos os aspectos abordados no protocolo. Isto posto, convidamos três profissionais, dois fonoaudiólogos e um linguista que se dispuseram a aplicar e avaliar o instrumento.

A validação de conteúdo foi realizada em duas partes. Primeiramente os juízes receberam a transcrição da amostra de fala de cinco crianças com TDL e aplicaram o protocolo baseados nas orientações enviadas sobre a aplicação do mesmo (APÊNDICE C).

Com os dados da aplicação do protocolo pelos juízes foi gerada uma tabela a qual aplicamos o cálculo de concordância entre observadores ou o índice de fidedignidade que segundo Warren (1934) é o grau de exatidão de um dado relato ou o grau de confiança no testemunho de um dado indivíduo e evidencia a concordância dos especialistas em relação à aplicação do instrumento. O cálculo foi realizado utilizando-se a técnica apresentada por Fagundes (1999) que relata que o índice de confiabilidade deve ser igual ou maior que 70% o que indica um fato não ser produzido ao acaso, portanto indicando fidedignidade.

$$\text{Índice de Concordância} = \frac{\text{Concordâncias}}{\text{Concordâncias} + \text{Discordâncias}} \times 100$$

Posteriormente à aplicação, os juízes avaliaram o instrumento por meio de um questionário (APÊNDICE D) com perguntas referentes à pertinência, relevância e aplicabilidade de cada critério na avaliação de crianças com transtorno de linguagem. Nesse momento, apenas os dois fonoaudiólogos participaram por terem experiência na avaliação do desenvolvimento da linguagem. As perguntas sobre cada item serviram para auxiliar no julgamento e na avaliação dos juízes. O uso de um questionário para obtenção do julgamento dos especialistas é um método que minimiza os vieses e padroniza as informações solicitadas sobre o conteúdo de cada item. (GRANT e DAVIS, 1997)

Para a análise estatística desse questionário foi usada a escala tipo Likert (1932) com quatro níveis de suporte:

- A – Discordo
 - B – Discordo parcialmente
 - C – Concordo parcialmente
-
-

D – Concordo

Nos dados das respostas do questionário de cada juiz foi aplicado o teste de Cronbach, medida estatística que assegura a consistência interna de um teste ou escala. (CRONBACH, 1951)

Segundo Grant e Davis (1997) vários estudos adotam o uso de questionários para extrair informações de uma amostra da população. Muitos pesquisadores se baseiam em análise estatística para confiar nas respostas obtidas. Cronbach (1951) quantificou essa confiabilidade propondo um coeficiente, α , que teoricamente varia de 0 a 1. Se α está próximo de 0, então as respostas quantificadas não são confiáveis, e se estiver próximo de 1, as respostas são muito confiáveis. De acordo com Landis e Koch (1977) como regra geral, se $\alpha \geq 0,8$, então as respostas são consideradas confiáveis.

Quadro 3 - Classificação do coeficiente α de Cronbach

Valor de alfa	Consistência interna
Maior do que 0,80	Quase perfeito
De 0,80 a 0,61	Substancial
De 0,60 a 0,41	Moderado
De 0,40 a 0,21	Razoável
Menor do que 0,21	Pequeno

Fonte: Adaptado de Landis e Koch (1977)

A obtenção do coeficiente de alfa de Cronbach consiste no preenchimento de uma matriz X, tal que, n x k correspondem às respostas quantificadas do questionário entregue aos juízes, onde cada linha da matriz representa um sujeito e cada coluna representa uma questão.

Portanto, seguindo a formulação de Leontitsis et al., (2007) temos que o coeficiente alfa de Cronbach é medido da seguinte maneira:

$$\alpha = \frac{k}{k-1} \left[\frac{\sigma_{\tau}^2 - \sum_{i=1}^k \sigma_i^2}{\sigma_{\tau}^2} \right]$$

Onde σ_i^2 é a variância de cada coluna de X, que representa a variância relacionada à cada questão de X.

Temos σ_r^2 sendo a variância da soma de cada linha de X, representando a variância da soma das respostas de cada sujeito.

Quanto a k deve-se observar que deverá ser maior do que 1 para que não haja zero no denominador e n deve ser maior do que 1 para que não haja zero no denominador no cálculo do σ_i^2 e do σ_r^2 .

Portanto temos que k é um fator de correção, ou seja, se há consistência nas respostas quantificadas, então σ_r^2 será relativamente grande, fazendo com que o α tenda a 1. Por outro lado, as respostas randômicas farão com que σ_r^2 seja comparável com a soma das variâncias individuais $\sum_{i=1}^k \sigma_i^2$ fazendo com que α tenda a zero.

Esse método apresentado foi o utilizado para a validação do conteúdo e dos critérios do nosso instrumento. A confiabilidade do instrumento também foi verificada por meio do método das metades, ou seja, os itens que compõem o PAM foram agrupados em duas metades, comparando-se as pontuações das crianças a estas metades. Foram estimados coeficientes de precisão por meio da fórmula de *Spearman-Brown* (BROW, 1910; SPEARMAN, 1910).

Validade de critério

A validade de critério é a técnica que verifica a habilidade de um instrumento em distinguir grupos para os quais se sabe previamente que se comportam de forma diferente (SAMPIERI, 1996). Na validade de critério optou-se pela validade preditiva, visto que não existe ainda um “padão ouro” para uma validade de critério concorrente. A versão final do protocolo, após os ajustes, validação do conteúdo feita pelos juízes e aplicação de testes estatísticos, foi aplicada na amostra de 25 crianças com DTL e 10 crianças com TDL. Cada faixa etária do grupo de criança com TDL foi comparada com 5 típicas da mesma faixa de idade. A seleção dos sujeitos foi explicitada no tópico 4.1 e a forma da aplicação do procedimento no 4.2. A análise dos dados foi descritiva e a comparação entre os grupos foi realizada pelo teste Mann - Whitney – *p<0,05.

4.2.2.5 Obtenção de valores de referência (Etapa 3)

Conhecer parâmetros linguísticos sobre o desenvolvimento da linguagem é importante, pois podem servir como princípios na avaliação da linguagem infantil alterada e normal. A escolha de intervalos adequados de referência é fundamental para que as informações fornecidas sejam fidedignas e contribuam na interpretação correta dos resultados e assim optar pelas melhores condutas diante da população assistida. (FERREIRA e ANDRIOLO, 2008)

Para a obtenção de valores de referência para o protocolo foram analisadas amostras de fala espontânea de 25 crianças sem queixas de alteração no desenvolvimento da linguagem e sem queixas auditivas em creches/escolas de educação infantil da cidade de Bauru, como foi explicitado nos tópicos 4.1. (seleção dos sujeitos) e 4.2 (procedimento) e das 10 crianças com alteração de linguagem. Os Quadros 1 e 2 descrito no item 4.1 discrimina a faixa etária abrangida e o número de sujeitos em cada uma delas. Vale ressaltar que este número não permite uma normatização, mas a obtenção do perfil de cada faixa.

Foi feita análise descritiva (média, mediana, mínimo, máximo, quartil mais alto, quartil mais baixo e desvio padrão) sobre cada um dos critérios nas diferentes faixas etárias dos dois grupos.

5 Resultados

5 RESULTADOS

Para maior compreensão e organização das informações os resultados foram subdivididos de acordo com as etapas do trabalho. A primeira refere-se à construção do protocolo, a segunda à validação de conteúdo e critério e a terceira a obtenção preliminar de valores de referência.

5.1 Etapa 1 - Construção do protocolo

A primeira versão do protocolo foi construída a partir de categorias predeterminadas com base nos padrões evolutivos do desenvolvimento da linguagem, em particular, o morfossintático. (APÊNDICE B). Após a aplicação da versão preliminar em 20 amostras de fala de crianças com e sem transtorno de linguagem o protocolo foi modificado (aferido) o que gerou a versão final, que pode ser contemplada no APÊNDICE A.

5.2 Etapa 2 – Validação

5.2.1 Validação de conteúdo e confiabilidade

Os resultados dessa etapa referem-se à avaliação do protocolo realizada pelos especialistas que foi executada de duas maneiras: aplicação do instrumento pelos juízes (APÊNDICE C) e análise das respostas a um questionário (APÊNDICE D) para validação quanto à pertinência, relevância e aplicabilidade de 8 dos 9 itens do protocolo. O 9º item foi acrescentado após a avaliação dos juízes.

Seguem abaixo as tabelas referentes aos dados obtidos por meio da aplicação do protocolo pelos juízes numa amostra de fala já transcrita de cinco crianças com TDL. Para a análise estatística dos dados foi aplicado o Índice de Fidedignidade entre os juízes.

Tabela 1 – Índice de Fidedignidade entre juízes na aplicação do protocolo da criança 1

Critérios	Índice Fidedignidade Juízes 1x2	Índice Fidedignidade Juízes 1x3	Índice Fidedignidade Juízes 2x3	Média
1	0,94	0,97	0,97	0,96
2	1	1	1	1
3	1	1	1	1
4	0,95	1	0,95	0,96
5	0,95	1	0,95	0,97
6	1	0,88	0,88	0,92
7	1	1	1	1
8	0,80	0,80	1	0,87

A tabela 1 apresenta e compara os resultados da aplicação do protocolo pelos três juízes. Constatamos que houve confiabilidade “quase perfeita” (maior que 0,80) na maioria dos itens e “substancial” no critério 8 (igual a 0,80). As médias obtidas foram superiores a 80%, assim, as respostas são consideradas confiáveis.

Tabela 2 – Índice de Fidedignidade entre juízes na aplicação do protocolo da criança 2

Critérios	Índice Fidedignidade Juízes 1x2	Índice Fidedignidade Juízes 1x3	Índice Fidedignidade Juízes 2x3	Média
1	0,97	0,96	0,99	0,97
2	0,83	1	0,83	0,89
3	1	1	1	1
4	0,95	0,95	1	0,96
5	0,98	0,94	0,93	0,95
6	0,89	0,88	1	0,92
7	1	1	1	1
8	1	1	1	1

Na tabela 2 estão os resultados da aplicação do protocolo da segunda criança, houve índice de confiabilidade acima de 80% em todos os critérios.

Tabela 3 – Índice de Fidedignidade entre juízes na aplicação do protocolo da criança 3

Critérios	Índice Fidedignidade	Índice Fidedignidade	Índice Fidedignidade	Média
	Juízes 1x2	Juízes 1x3	Juízes 2x3	
1	0,99	0,95	0,96	0,97
2	0,77	1	0,77	0,85
3	1	1	1	1
4	0,92	1	0,92	0,94
5	0,96	0,97	0,99	0,97
6	0,88	0,88	1	0,92
7	0,83	1	0,83	0,89
8	1	1	1	1

A tabela 3 dispõe os resultados da aplicação do protocolo na criança 3. Nota-se que todos os critérios tiveram índice de confiabilidade acima de 80%.

Tabela 4 – Índice de Fidedignidade entre juízes na aplicação do protocolo da criança 4

Critérios	Índice Fidedignidade	Índice Fidedignidade	Índice Fidedignidade	Média
	Juízes 1x2	Juízes 1x3	Juízes 2x3	
1	0,80	0,80	1	0,87
2	1	1	1	1
3	1	1	1	1
4	1	1	1	1
5	0,92	0,91	0,83	0,89
6	1	1	1	1
7	1	1	1	1
8	1	1	1	1

Os dados da criança 4 estão dispostos na tabela 4. Houve confiabilidade “quase perfeita” (maior que 0,80) na maioria dos itens e “substancial” no critério 1 (igual a 0,80). As médias obtidas foram superiores a 80%, sendo as respostas confiáveis.

Tabela 5 – Índice de Fidedignidade entre juízes na aplicação do protocolo da criança 5

Critérios	Índice Fidedignidade	Índice Fidedignidade	Índice Fidedignidade	Média
	Juízes 1x2	Juízes 1x3	Juízes 2x3	
1	0,99	0,99	0,98	0,99
2	1	0,80	0,80	0,87
3	0,95	1	0,95	0,96
4	0,93	0,96	0,96	0,95
5	0,94	0,99	0,93	0,95
6	0,92	0,85	0,92	0,90
7	0,83	1	0,83	0,89
8	0,80	1	0,80	0,87

As informações da tabela 5 referem-se aos resultados da quinta e última criança avaliada pelos especialistas. De acordo com as respostas podemos afirmar que houve confiabilidade igual ou acima de 80% de todos os itens.

A seguir, apresentam-se os resultados da avaliação dos juízes em relação à pertinência, relevância e aplicabilidade dos critérios analisados.

Tabela 6 – Avaliação dos juízes quanto à pertinência pela escala de Likert

Item	J1	J2	%C. Total	% C. Par + Total
1	4	4	100,0	100,0
2	4	4	100,0	100,0
3	4	4	100,0	100,0
4	3	4	50,0	100,0
5	4	3	50,0	100,0
6	4	4	100,0	100,0
7	4	4	100,0	100,0
8	4	4	100,0	100,0

Legenda: J = Juiz; % C. Total = percentual de concordância na escala de Likert em concordo totalmente; % C. Par + Total = percentual de concordância na escala de Likert em concordo parcialmente ou concordo totalmente

Tabela 7 – Avaliação dos juízes quanto à relevância pela escala de Likert

Item	J1	J2	%C. Total	% C. Par + Total
1	4	4	100,0	100,0
2	4	3	50,0	100,0
3	4	4	100,0	100,0
4	3	4	50,0	100,0
5	4	4	100,0	100,0
6	3	4	50,0	100,0
7	3	4	50,0	100,0
8	3	4	50,0	100,0

Legenda: J = Juiz; % C. Total = percentual de concordância na escala de Likert em concordo totalmente; % C. Par + Total = percentual de concordância na escala de Likert em concordo parcialmente ou concordo totalmente

Tabela 8 – Avaliação dos juízes quanto à aplicabilidade pela escala de Likert

Item	J1	J2	%C. Total	% C. Par + Total
1	4	4	100,0	100,0
2	4	4	100,0	100,0
3	4	3	50,0	100,0
4	4	4	100,0	100,0
5	4	4	100,0	100,0
6	4	4	100,0	100,0
7	4	4	100,0	100,0
8	4	4	100,0	100,0

Legenda: J = Juiz; % C. Total = percentual de concordância na escala de Likert em concordo totalmente; % C. Par + Total = percentual de concordância na escala de Likert em concordo parcialmente ou concordo totalmente

Nas tabelas 6, 7 e 8 percebe-se que mesmo não havendo concordância plena em todos os itens, a soma entre os valores *concordo totalmente* e *concordo parcialmente* atingiram o percentual máximo de 100%, significando que os critérios são pertinentes e devem ser mantidos no instrumento.

A próxima tabela é referente aos resultados obtidos com a aplicação dos testes Alpha de Cronbach (1951), Spearman e Brown (1910) e Índice de Validade de Conteúdo/IVC (ALEXANDRE e COLUCI, 2011).

Tabela 9 – Coeficiente de Cronbach, Spearman-Brown e IVC

Critério	Alpha de Cronbach	Spearman-Brown	IVC
1 - Enunciado pelos Juízes	1,00	1,00	1,00
2 - Frase Agramatical pelos Juízes	0,86	0,93	1,00
3 - Frases Telegráficas pelos Juízes	0,86	0,67	1,00
4 - Frase Nominal pelos Juízes	0,86	0,67	1,00
5 - Período Simples pelos Juízes	0,86	0,93	1,00
6 - Período Composto pelos Juízes	0,86	0,93	1,00
7 – Falta de Concord. Nominal pelos Juízes	0,86	0,93	1,00
8 – Falta de Concor Verbal pelos Juízes	0,86	0,93	1,00
Total	0,84	0,83	1,00

Os dados da tabela 9 mostram os resultados estatísticos relativos às respostas de cada juiz às 24 perguntas (APÊNDICE D) avaliativas para consideração de cada item do protocolo. Houve conformidade e compatibilidade nas respostas dos especialistas o que revela confiabilidade. Os resultados dos testes estatísticos legitimam a fidedignidade com índices considerados substanciais tanto para coeficiente alpha e Spearman. O IVC teve conceito máximo de 1,0, isso pela razão de todas as respostas dos juízes estarem categorizadas de acordo com as duas maiores escalas de Likert (*concordo parcialmente* e *concordo*) o que comprova a eficácia dos critérios do instrumento.

5.2.2 Validação de critério

Os resultados dessa etapa referem-se ao estudo comparativo de 25 crianças com DTL e 10 crianças com TDL com o objetivo de traçar critérios válidos para a distinção desses dois grupos. As tabelas que serão apresentadas referem-se a análise realizada com base na versão final do protocolo, nove critérios de análise (APÊNDICE A).

As tabelas 10 e 11 apresentam o desempenho das crianças típicas e com Transtorno de Linguagem nas diferentes faixas etárias considerando a análise do protocolo.

Tabela 10 – Descrição do desempenho de cada critério do PAM - grupo com TDL e DTL nas faixas etárias de 2;6 a 4;0 anos

	DESCRITIVOS MÉDIOS DE CADA CRITÉRIO					
	DTL (2;6 a 3;0)	TDL (2;6 a 3;0)	DTL (3;1 a 3;6)	TDL (3;1 a 3;6)	DTL (3;7 a 4;0)	TDL (3;7 a 4;0)
Enunciado	64,80	20,00	80,60	109,00	133,60	105,67
Frase Agramatical	0,40	1,00	0,00	7,00	0,00	7,00
Frase Telegráfica	0,00	2,00	0,00	4,00	0,00	3,33
Frase Nominal	10,80	6,00	13,40	21,00	17,20	16,33
Período Simples	49,00	10,00	57,80	71,00	87,80	71,00
Período Composto	4,60	1,00	9,60	8,00	23,00	7,67
Concordância Nominal	0,60	0,00	0,60	2,00	1,20	3,67
Concordância Verbal	0,40	0,00	0,40	2,00	0,00	2,00
Quantidade de Palavras	278,40	49,00	317,60	374,00	603,40	362,00

Tabela 11 – Descrição do desempenho de cada critério do PAM - grupo com TDL e DTL nas faixas etárias de 2;6 a 4;0 anos

	DESCRITIVOS MÉDIOS DE CADA CRITÉRIO			
	DTL (4;1 a 4;6)	TDL (4;1 a 4;6)	DTL (4;7 a 5;0)	TDL (4;7 a 5;0)
Enunciado	91,60	92,00	77,20	87,00
Frase Agramatical	0,00	4,50	0,00	3,33
Frase Telegráfica	0,00	9,00	0,00	0,67
Frase Nominal	10,20	14,00	2,20	15,00
Período Simples	50,40	54,00	33,00	56,00
Período Composto	31,00	10,00	38,20	11,33
Concordância Nominal	0,00	3,50	0,60	4,00
Concordância Verbal	0,20	2,50	0,00	1,33
Quantidade de Palavras	579,00	383,50	662,80	370,67

Nas Tabelas 10 e 11, observa-se que as crianças com TDL das faixas etárias de 3;1 a 3;6, de 4;1 a 4;6 e de 4;7 a 5;0 anos produzem maior quantidade de enunciados que as típicas, contudo, emitem frases agramaticais e telegráficas que não são observadas na amostra de fala das típicas. As típicas não produzem erros de concordância nominal a partir dos 3;7 anos, enquanto que as com transtorno seguem produzindo este tipo de erro mesmo aos 5 anos.

As crianças típicas produziram uma quantidade maior de frases compostas quando comparadas com aquelas com TDL. Também há maior quantidade de produção de palavras pelas típicas, com exceção das crianças da faixa etária de 3;1 a 3;6 anos.

Há uma diferença substancial entre o número de frases simples das crianças típicas em relação aquelas com transtorno nas duas primeiras faixas etárias (DTL=49,00 x TDL=10,00; DTL 57,80 x TDL=7,10), e nas faixas seguintes, elas seguem produzindo entre 48 e 70 frases, mas com um verbo. Já as frases nominais são produzidas pelas crianças com transtorno em maior quantidade que as típicas, com exceção da faixa etária de 2;6 a 3;0 anos.

A tabela 12 compara o grupo típico com o atípico com o uso do teste Mann – Whitney (1974) e apresenta o valor do p de cada critério.

Tabela 12 – Comparação entre os grupos TDL e DTL de cada critério do protocolo pelo teste Mann - Whitney

Critério	Mann - Whitney	Valor p
Enunciado	118,50	0,812
Frase Agramatical	1,00	0,000
Frase Telegráfica	37,50	0,000
Frase Nominal	85,50	0,149
Período Simples	104,00	0,443
Período Composto	60,50	0,018
Concordância Nominal	22,00	0,000
Concordância Verbal	37,50	0,000
Quantidade de Palavras	76,50	0,077

Na tabela 12, pode-se observar a significância estatística de 95% ($p \leq 0,05$) para 5 dos 9 critérios, sendo que o critério de quantidade de palavras apresentou o valor de p de 0,077, ou seja, muito próximo do estipulado. Mesmo alguns dos critérios não terem alcançado o valor de p estabelecido, todos foram relevantes para a constituição dos valores de referência que serão apresentados no tópico 5.3.

Na tabela 14 constatamos a ausência de frases agramaticais no grupo típico, com exceção de uma ocorrência na faixa de 2;6 a 3;0 anos. Somente duas crianças desse grupo produziram esse tipo de construção, totalizando uma frase para cada criança.

Tabela 15 - Frases Telegráficas das crianças com DTL

CRITÉRIO:								
FRASE TELEGRÁFICA	CRIANÇAS TÍPICAS (n=25)							
	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Lower Quartil	Upper Quartil	Quartil Range	dP
Crianças 2;6 a 3;0 anos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	± 0,00
Crianças 3;1 a 3;6 anos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	± 0,00
Crianças 3;7 a 4;0 anos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	± 0,00
Crianças 4;1 a 4;6 anos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	± 0,00
Crianças 4;7 a 5;0 anos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	± 0,00

A tabela 15 apresenta os resultados da análise do critério frase telegráfica, sendo que as crianças típicas não apresentaram nenhuma produção.

Tabela 16 - Frases Nominais das crianças com DTL

CRITÉRIO:								
FRASE NOMINAL	CRIANÇAS TÍPICAS (n=25)							
	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Lower Quartil	Upper Quartil	Quartil Range	dP
Crianças 2;6 a 3;0 anos	10,80	10,00	5,00	20,00	7,00	12,00	5,00	± 5,81
Crianças 3;1 a 3;6 anos	13,40	15,00	5,00	17,00	14,00	16,00	2,00	± 4,83
Crianças 3;7 a 4;0 anos	17,20	17,00	15,00	21,00	15,00	18,00	3,00	± 2,49
Crianças 4;1 a 4;6 anos	10,20	9,00	2,00	19,00	2,00	19,00	17,00	± 8,53
Crianças 4;7 a 5;0 anos	2,20	2,00	0,00	5,00	1,00	3,00	2,00	± 1,92

Conforme a Tabela 16, nas três primeiras faixas etárias, as frases nominais (sem verbo, mas com sentido no contexto comunicativo) estão entre 10 e 17 (mediana) e diminuem nas duas últimas faixas etárias para 9 e 2, em contrapartida, os períodos compostos aumentam nesta fase final de aquisição sintática como será constatado na Tabela 18.

Tabela 17 - Período Simples das crianças com DTL

CRITÉRIO:								
PERÍODO SIMPLES	CRIANÇAS TÍPICAS (n=25)							
	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Lower Quartil	Upper Quartil	Quartil Range	dP
Crianças 2;6 a 3;0 anos	49,00	54,00	30,00	62,00	43,00	56,00	13,00	± 12,65
Crianças 3;1 a 3;6 anos	57,80	60,00	47,00	65,00	56,00	61,00	5,00	± 6,83
Crianças 3;7 a 4;0 anos	87,80	88,00	85,00	90,00	87,00	89,00	2,00	± 1,92
Crianças 4;1 a 4;6 anos	50,40	57,00	26,00	64,00	44,00	61,00	17,00	± 15,63
Crianças 4;7 a 5;0 anos	33,00	33,00	26,00	38,00	31,00	37,00	6,00	± 4,85

Observa-se na tabela 17 que nas três faixas etárias iniciais as crianças típicas aumentam a produção de períodos simples, mas caem nas duas últimas faixas, em contrapartida, aumenta o número de períodos compostos, como se vê na Tabela a seguir.

Tabela 18 - Períodos Compostos das crianças com DTL

CRITÉRIO:								
PERÍODO COMPOSTO	CRIANÇAS TÍPICAS (n=25)							
	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Lower Quartil	Upper Quartil	Quartil Range	dP
Crianças 2;6 a 3;0 anos	4,60	4,00	0,00	10,00	2,00	7,00	5,00	± 3,97
Crianças 3;1 a 3;6 anos	9,60	10,00	6,00	13,00	7,00	12,00	5,00	± 3,05
Crianças 3;7 a 4;0 anos	23,00	23,00	20,00	27,00	21,00	24,00	3,00	± 2,74
Crianças 4;1 a 4;6 anos	31,00	32,00	18,00	43,00	26,00	36,00	10,00	± 9,54
Crianças 4;7 a 5;0 anos	38,20	35,00	29,00	58,00	30,00	39,00	9,00	± 11,78

O período composto é o critério que mais evidencia evolução entre as faixas etárias progredindo paulatinamente como demonstra a média e a mediana como tabela acima.

Tabela 19 – Erros de Concordância Nominal das crianças com DTL

CRITÉRIO:								
CONCOR. NOMINAL	CRIANÇAS TÍPICAS (n=25)							
	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Lower Quartil	Upper Quartil	Quartil Range	dP
Crianças 2;6 a 3;0 anos	0,60	0,00	0,00	2,00	0,00	1,00	1,00	± 0,89
Crianças 3;1 a 3,6 anos	0,60	0,00	0,00	2,00	0,00	1,00	1,00	± 0,89
Crianças 3;7 a 4;0 anos	1,20	1,00	0,00	2,00	1,00	2,00	1,00	± 0,84
Crianças 4;1 a 4;6 anos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	± 0,00
Crianças 4;7 a 5;0 anos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	1,00	± 0,55

A Tabela 19 demonstra que erros de concordância nominal são raros nas crianças típicas, aparecendo eventualmente nas três primeiras faixas.

Tabela 20 – Erro das Regras de Concordância Verbal das crianças com DTL

CONCORDÂNCIA VERBAL	CRIANÇAS TÍPICAS (n=25)							
	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Lower Quartil	Upper Quartil	Quartil Range	dP
Crianças 2;6 a 3;0 anos	0,40	0,00	0,00	1,00	0,00	1,00	1,00	± 0,55
Crianças 3;1 a 3,6 anos	0,40	0,00	0,00	1,00	0,00	1,00	1,00	± 0,55
Crianças 3;7 a 4;0 anos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	± 0,00
Crianças 4;1 a 4;6 anos	0,20	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	± 0,45
Crianças 4;7 a 5;0 anos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	± 0,00

Na tabela 20 podemos conferir que praticamente não houveram ocorrências de desvios da concordância verbal nas diferentes faixas etárias.

A tabela 21 mostra quais foram os critérios que obtiveram significância estatística na comparação das faixas etárias.

Tabela 21 - Comparação entre as faixas etárias do grupo de crianças com Desenvolvimento Típico de Linguagem

ENUNCIADO										
Faixas	F1 X F2	F1 X F3	F1 X F4	F1 X F5	F2 X F3	F2 X F4	F2 X F5	F3 X F4	F3 X F5	F4 X F5
M. Whit	4,000	0,000	6,000	6,000	0,000	10,000	11,000	0,000	0,000	9,000
Valor ρ	0,076	0,009	0,175	0,175	0,009	0,602	0,754	0,009	0,009	0,465
FRASE AGRAMATICAL										
M. Whit	7,500	0,000	7,500	7,500	0,000	12,500	12,500	0,000	0,000	12,500
Valor ρ	0,134	0,007	0,134	0,134	0,005	1,000	1,000	0,005	0,005	1,000
FRASE TELEGRÁFICA										
M. Whit	12,500	12,500	12,500	12,500	12,500	12,500	12,500	12,500	12,500	12,500
Valor ρ	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000
FRASE NOMINAL										
M. Whit	8,500	4,000	10,000	0,500	5,500	11,000	0,500	8,000	0,000	5,000
Valor ρ	0,402	0,075	0,599	0,012	0,138	0,753	0,012	0,343	0,009	0,112
PERÍODO SIMPLES										
M. Whit	6,500	0,000	10,000	4,000	0,000	9,500	0,000	0,000	0,000	4,500
Valor ρ	0,209	0,009	0,602	0,076	0,009	0,530	0,009	0,009	0,009	0,094
PERÍODO COMPOSTO										
M. Whit	4,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	6,000	0,000	9,000
Valor ρ	0,074	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009	0,009	0,175	0,009	0,465
ERRO CONCORDÂNCIA NOMINAL										
M. Whit	12,500	7,500	7,500	11,500	7,500	7,500	11,500	2,500	7,000	5,000
Valor ρ	1,000	0,268	0,136	0,817	0,268	0,136	0,817	0,018	0,212	0,050
ERRO CONCORDÂNCIA VERBAL										
M. Whit	12,500	7,500	10,000	7,500	7,500	10,000	7,500	10,000	12,500	10,000
Valor ρ	1,000	0,134	0,513	0,134	0,134	0,513	0,134	0,317	1,000	0,317
QUANTIDADE DE PALAVRAS										
M. Whit	10,000	0,000	2,000	1,000	0,000	1,000	1,000	11,000	7,000	12,000
Valor ρ	0,602	0,009	0,028	0,016	0,009	0,016	0,016	0,753	0,251	0,917

Entre as crianças do grupo com desenvolvimento típico alguns critérios obtiveram relevância significativa, isto é, $p \leq 0,05$ (Tabela 18). Na comparação da faixa etária 1 com a faixa 3 temos o critério enunciado, frase agramatical, período simples, período composto e quantidade de palavras. Na faixa 1 com 4 o período composto e quantidade de palavras. Na faixa 1 com 5 a frase nominal, período composto e quantidade de palavras. Na faixa 2 com 3 o enunciado, frase agramatical, período simples, período composto e quantidade de palavras. Na faixa de 2 com 4 o período composto e quantidade de palavras. Na 2 com 5, a frase nominal, período simples, período composto e quantidade de palavras. Na 3 com 4 o enunciado, frase agramatical, período simples e erro de concordância nominal. Na 3 com 5 o enunciado, frase agramatical, frase nominal, período simples e período composto e na faixa 4 com 5 apenas o critério erro de concordância nominal.

As tabelas 22, 23, 24, 25 e 26 apresentam os pesos de cada critério do PAM entre as diversas faixas etárias. Foram elaborados para oferecer parâmetros na distinção dos grupos.

Tabela 22 – Valores de referência para faixa de 2;6 a 3;0 anos de idade

Faixa Etária (2;6 a 3;0)		
Enunciado		
(1) Valores entre 20 e 22	(2) Valores menores que 20 ou maiores que 104	(3) Valores entre 23 e 104
Frase Agramatical		
(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0
Frase Telegráfica		
(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0
Frase Nominal		
(1) Valores menores que 5	(2) Valores entre 5 e 6	(3) Valores maiores que 6
Período Simples		
(2) Valores entre 7 e 16	(4) Valores menores que 7 ou maiores que 75	(6) Valores entre 17 e 75
Período Composto		
(1) Valores Iguais a 0	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores maiores que 1
Concordância Nominal		
(1) Valores maiores que 3	(2) Valores iguais a 3	(3) Valores entre 0 e 2
Concordância Verbal		
(1) Valores maiores que 2	(2) Valores iguais a 2	(3) Valores entre 0 e 1
Quantidade de Palavras		
(2) Valores entre 0 e 60	(4) Valores entre 61 e 99	(6) Valores maiores que 100
Somatório da pontuação de todos os critérios é menor que 20		Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios entre 20 e 28		Risco de Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios é maior que 28		Típico

Tabela 23 - Valores de referência para faixa de 3;1 a 3;6 anos de idade

Faixa Etária (3;1 a 3;6)		
Enunciado		
(1) Valores entre 103 e 120	(2) Valores menores que 61 ou maiores que 120	(3) Valores entre 61 e 102
Frase Agramatical		
(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0
Frase Telegráfica		
(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0
Frase Nominal		
(1) Valores entre 20 e 25	(2) Valores menores que 5 ou maiores que 25	(3) Valores entre 5 e 19
Período Simples		
(1) Valores entre 69 e 77	(2) Valores menores que 41 ou maiores que 77	(3) Valores entre 41 e 68
Período Composto		
(1) Valores menores que 6	(2) Valores entre 6 e 8	(3) Valores maiores que 8
Concordância Nominal		
(1) Valores maiores que 3	(2) Valores iguais a 3	(3) Valores entre 0 e 2
Concordância Verbal		
(2) Valores maiores que 2	(4) Valores iguais a 2	(6) Valores entre 0 e 1
Quantidade de Palavras		
(1) Valores menores que 200 ou maiores que 480	(2) Valores entre 351 e 480	(3) Valores entre 200 e 350

Somatório da pontuação de todos os critérios é menor que 20	Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios ficou entre 20 e 28	Risco de Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios é maior que 28	Típico

Tabela 24 Valores de referência para faixa de 3;7 a 4;0 anos de idade

Faixa Etária (3;7 a 4;0)		
Enunciado		
(1) Valores entre 100 e 119	(2) Valores menores que 100	(3) Valores maiores que 119
Frase Agramatical		
(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0
Frase Telegráfica		
(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0
Frase Nominal		
(1) Valores menores que 13	(2) Valores maiores que 17	(3) Valores entre 13 e 17
Período Simples		
(2) Valores entre 65 e 80	(4) Valores menores que 65	(6) Valores maiores que 80
Período Composto		
(2) Valores entre 5 e 13	(4) Valores menores que 5	(6) Valores maiores que 13
Concordância Nominal		
(1) Valores maiores que 3	(2) Valores iguais a 3	(3) Valores entre 0 e 2
Concordância Verbal		
(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0
Quantidade de Palavras		
(2) Valores entre 300 e 448	(4) Valores menores que 300	(6) Valores maiores que 448

Somatório da pontuação de todos os critérios é menor que 20	Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios ficou entre 20 e 36	Risco de Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios é maior que 36	Típico

Tabela 25 - Valores de referência para faixa de 4;1 a 4;6 anos de idade

Faixa Etária (4;1 a 4;6)		
Enunciado		
(1) Valores menores que 54	(2) Valores entre 54 e 118	(3) Valores maiores que 118
Frase Agramatical		
(2) Valores maiores que 2	(4) Valores iguais a 2	(6) Valores entre 0 e 1
Frase Telegráfica		
(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0
Frase Nominal		
(1) Valores maiores que 21	(2) Valores entre 0 e 4	(3) Valores entre 5 e 21
Período Simples		
(1) Valores maiores que 65	(2) Valores entre 0 e 37	(3) Valores entre 38 e 65
Período Composto		
(2) Valores entre 0 e 13	(4) Valores entre 14 e 16	(6) Valores maiores que 16
Concordância Nominal		
(1) Valores maiores que 2	(2) Valores iguais a 2	(3) Valores entre 0 e 1
Concordância Verbal		
(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0
Quantidade de Palavras		
(1) Valores menores que 350	(2) Valores entre 350 e 500	(3) Valores maiores que 500

Somatório da pontuação de todos os critérios é menor que 20	Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios ficou entre 20 e 24	Risco de Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios é maior que 24	Típico

Tabela 26 - Valores de referência para faixa de 4;7 a 5;0 anos de idade

Faixa Etária (4;7 a 5;0)		
Enunciado		
(1) Valores maiores que 100	(2) Valores entre 0 e 69 ou entre 86 e 100	(3) Valores entre 70 e 85
Frase Agramatical		
(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0
Frase Telegráfica		
(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0
Frase Nominal		
(2) Valores maiores que 7	(4) Valores entre 6 e 7	(6) Valores entre 0 e 5
Período Simples		
(1) Valores menores que 15 ou maiores que 43	(2) Valores entre 39 e 43	(3) Valores entre 15 e 38
Período Composto		
(2) Valores entre 5 e 20	(4) Valores entre 0 e 4 ou entre 21 e 25	(6) Valores maiores que 25
Concordância Nominal		
(2) Valores maiores que 2	(4) Valores iguais a 2	(6) Valores entre 0 e 1
Concordância Verbal		
(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0
Quantidade de Palavras		
(1) Valores menores que 400	(2) Valores entre 400 e 450	(3) Valores maiores que 450

Somatório da pontuação de todos os critérios é menor que 20	Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios ficou entre 20 e 32	Risco de Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios é maior que 32	Típico

As tabelas 22, 23, 24, 25 e 26 estipulam parâmetros distintivos entre os dois grupos em cada faixa etária e servem para orientar o avaliador a indicar qual categoria a criança pertence. Esses valores foram calculados por meio do desvio padrão dos dois grupos.

6 Discussão

6 DISCUSSÃO

Apresentaremos a seguir a discussão dos dados e será subdividida assim como nos resultados a fim de responder ao objetivo geral da pesquisa: elaborar e validar instrumento de avaliação morfossintática por amostra de fala espontânea de crianças em fase de desenvolvimento da linguagem.

6.1 Etapa 1 - Construção do protocolo

A construção do protocolo teve como base pesquisa bibliográfica sobre categorias presentes nos modelos evolutivos de aquisição morfossintática. Durante o processo de construção do PAM teve-se o cuidado de caracterizar aspectos presentes na fala das crianças e não pressupostos próprios da linguagem adulta, nem da gramática puramente normativa que supõe um ideal linguístico e não reflete o uso (CASTILHO, 2010). Por isso, buscamos por categorias fundamentadas nos próprios dados, no estudo do corpus da pesquisa. Por ser um estudo quantitativo, observamos as características mais ocorrentes, por isso, os nove itens do protocolo foram identificados, também, a partir da frequência nas transcrições das falas das crianças.

Os instrumentos que serviram de suporte foram aqueles em que se utilizam de análises de amostra de fala espontânea, já que o estudo em tela entende que o emprego deste tipo de análise permite descrição bastante aproximada da construção de frases em contextos naturais de conversação. Vale ressaltar que o estudo não se sustentou em valores meramente normativos que privilegia as regras gramaticais por si só e valida como “erros” fatos utilizados comumente na língua falada, por conseguinte, desvaloriza a situação de uso. Foram consideradas as regras implícitas ao uso da língua, tendo como sustentação as fases de aquisição da linguagem.

Como proposta inicial um protocolo foi elaborado abordando os seguintes aspectos: estrutura SVO, frase interrogativa, negativa, imperativa, pronome relativo, pronome pessoal, pronome possessivo, pronome demonstrativo, pronome indefinido, período subordinado, concordância nominal e concordância verbal (APÊNDICE B). A versão preliminar do PAM foi aplicada em 10 crianças TDL e outras 10 com DTL gerando dois trabalhos que foram

apresentados em congressos, nacional e internacional (BRAZ, PINHEIRO, HAGE, 2017; PINHEIRO, BRAZ, HAGE, 2018). As conclusões dos estudos (piloto) nos levaram a rever os itens propostos. Uma primeira constatação foi que a verificação de uso de pronomes não trazia diferenciação entre os grupos, ou mesmo entre as faixas etárias. O mesmo ocorria com a estrutura SVO (PINHEIRO, BRAZ, HAGE, 2018). Com suporte nos estudos efetuados, novas pesquisas, análises e ajustes foram realizados para se chegar a obtenção da versão final (APÊNDICE A). Consideramos também os padrões clínicos e a comparação entre os grupos, todos esses parâmetros foram usados para a elaboração do instrumento.

~~O termo morfossintaxe por tradição se refere à parte da gramática responsável pela combinação das palavras dentro de uma sentença (MUSSALIN et al., 2012). É muito comum que esse assunto seja considerado complexo e exaustivo, por isso, pensou-se em um instrumento acessível e funcional para aplicação em contexto clínico. Em outros termos, priorizamos conceitos que envolvessem aspectos globais da língua, não privilegiando itens puramente normativos, tendo como foco a gramática internalizada, a gramática da criança e não os padrões da gramática do adulto ou da gramática como conceito aprendido nas escolas. Machado (1994) afirma que a linguagem infantil não pode ser estudada com sustentação na gramática própria dos adultos, pois a criança nos primeiros anos não tem qualquer consciência das regras. O seu estudo deverá antes ser feito a partir daquilo que a criança é capaz de pronunciar ao tentar fazer-se compreender, abstraindo das regras contidas na gramática normativa da língua materna e residentes no inconsciente dos adultos falantes. O carácter particular da linguagem que o adulto dirige à criança fornece-lhe indícios que lhe permitem progressivamente compreender o discurso de outrem.~~

No protocolo foram priorizadas características linguísticas que possibilitem análises mais integrais referentes à morfossintaxe, por exemplo, com o critério período composto, de forma subentendida, podemos também verificar o uso das palavras de classe fechada e aberta. Por isso, avaliamos que a versão preliminar era menos funcional e não correspondia com a pretensão da pesquisa, a saber, elaborar critérios que, além de serem diferenciais entre os dois grupos fossem práticos na aplicação com o intuito de facilitar para o aplicador em relação ao tempo e entendimento dos critérios.

6.2 Validade de conteúdo e confiabilidade

Para avaliar a concordância entre os juízes em relação à pertinência, relevância, aplicabilidade e quanto à validade dos nove itens abordados no protocolo foi utilizado os testes estatísticos Cálculo de Concordância entre os Observadores ou o índice de fidedignidade, Alpha de Cronbach (1951), Spearman e Brown e Índice de Validade de Conteúdo/IVC.

As tabelas de 1 a 5 apresentam os resultados da aplicação do protocolo pelos juízes com o emprego do teste estatístico Índice de Fidedignidade. Observa-se que o critério 2 atingiu porcentagem abaixo de 90% na análise de 3 das 5 crianças pelo fato do segundo juiz ter encontrado menor número de frases agramaticais. Esta condição foi debatida com o juiz em questão que usou, inicialmente, o argumento de que devido ao hábito de trabalhar com as crianças diariamente algumas produções eram consideradas recorrentes, portanto, típicas da fala delas, porém, foi explicado que para a avaliação do protocolo era fundamental que se obedece às orientações para a identificação de cada critério.

Nas tabelas 6, 7 e 8 mesmo não havendo concordância plena em todos os itens, a soma entre os valores *concordo totalmente* e *concordo parcialmente* atingiram o percentual máximo de 100%, significando que os critérios são pertinentes e por isso foram mantidos no instrumento sem modificações. O uso de um projeto piloto na fase de desenvolvimento do protocolo pode ser uma justificativa para tal resultado. Com o recorte dos dados pudemos realizar aferições dos critérios até a obtenção da versão final. Retomando, a validação foi realizada, apenas, depois das alterações e aferições realizadas no projeto piloto.

O critério 7 teve porcentagem abaixo de 90% na análise de 2 das 5 crianças, isso devido à baixa quantidade de desvio de concordância nominal encontrado nas crianças com DTL. Essa ocorrência influencia diretamente no teste Índice de Fidedignidade, o qual tende a baixa porcentagem nesses casos, por exemplo, se um juiz encontra 2 quantidades de um item e o outro apenas 1, diríamos que o Índice de Fidedignidade seria de 50%, mesmo se tratando de quantidades muito próximas (FAGUNDES, 1999)

Assim como no critério 7, o item 8 obteve porcentagem abaixo de 90% na análise de apenas 1 das 5 crianças, isso também acontece em virtude da baixa quantidade de desvio de concordância verbal. Critérios que tratam de baixos valores influenciam diretamente no teste do Índice de Fidedignidade.

No critério 1 obteve-se índice abaixo de 90% na análise de 1 das 5 crianças, esse fato também pode ser explicado com o mesmo argumento dos critérios 7 e 8, porém, já não se trata de valores consideravelmente baixos, posto que foi encontrado valor mínimo de 20 enunciados e máximo de 25 com variação de apenas 5 enunciados, havendo diminuição no índice. Na literatura essa questão é muito discutida e controversa, pois o Índice de Fidedignidade não deve ser observado apenas como um número, deve-se ter um conhecimento do que está sendo coletado e analisado para então poder interpretar a presença de concordância entre os observadores (FAGUNDES 1999; CUNHA et al., 2016).

O critério 4, assim como no 1, atingiram índice abaixo de 90% na análise de 1 das 5 crianças, isso porque tivemos mínimo de 10 período simples e máximo de 12 com variação de apenas 2 períodos, esse também é um motivo para diminuição do índice.

Em resumo, com a soma entre os valores foi possível perceber que a maior parte dos critérios atingiram valores percentuais acima de 80% e isso indica que estão dentro da variação permitida de concordância entre juízes por atingir o mínimo para aceitação de um item como pertinente. Os resultados estatísticos descritos na tabela 9 mostram que houve conformidade e compatibilidade nas respostas dos especialistas o que revela que o PAM tem confiabilidade. Os resultados dos testes estatísticos legitimam a fidedignidade com índices considerados substanciais tanto para coeficiente alpha e Spearman. O IVC teve conceito máximo de 1,0, isso pela razão de todas as respostas dos juízes estarem categorizadas de acordo com as duas maiores escalas de Likert (concordo parcialmente e concordo) o que comprova a eficácia dos critérios do instrumento. Pelo fato de todos os critérios terem atingido percentuais desejáveis não foi necessário a exclusão de nenhum item.

6.3 Validade de critério

Será que um instrumento mede de fato o que se propõe a medir? Uma das formas de se verificar isso é comparando os resultados da aplicação dele com outro, com status de padrão-ouro (ALEXANDRE e COLUCI, 2011). No Brasil, não há um instrumento que possa receber o status de padrão ouro em avaliação morfossintática, desta forma, nossa opção foi verificar se o PAM distingue dois grupos com perfil linguístico diferente, a saber, um grupo com desenvolvimento de linguagem típico (DTL) e outro, sabidamente com alterações no desenvolvimento da linguagem (TDL).

Abaixo segue discussão dos critérios apresentados na versão final do protocolo (APÊNDICE A) baseada na comparação de 10 crianças com TDL e 25 com DTL. É importante comentar que a validação de critério aqui apresentada foi realizada com base na versão final do PAM.

Tamanho da amostra e quantidade de enunciados

Um aspecto a se considerar é o tamanho da amostra, antes mesmo de discutir cada um dos critérios do PAM e a capacidade deles em discriminar crianças com e sem alteração de linguagem. Alguns trabalhos relatam que uma amostra considerável para avaliação da fala espontânea de uma criança deve ser igual a 100 enunciados. Estudos, tanto em língua portuguesa quanto em outras línguas usam o instrumento MLU para avaliarem a extensão média de um enunciado de crianças nas faixas etárias iniciais e se restringem à avaliação apenas das 100 primeiras produções. No entanto, também há estudos que indagam se a quantidade mínima de 100 elocuições realmente se faz necessária e apoiam o uso de amostras mais curtas (CASBY, 2011; HEILMANN et al., 2010).

Não foi possível identificar de forma clara como estes trabalhos concebem enunciado, mediante isso, um dos critérios determinantes para o delineamento de um enunciado neste estudo foi o uso de, no mínimo, duas palavras em uma frase. Isso significa que na análise dos dados coletados foram contabilizados somente as produções que atendiam a esta regra, entre outras (APÊNDICE C). O estabelecimento desse critério foi necessário para se ter uma referência padronizada na análise dos dados de todas as crianças. A determinação de características bem definidas para a identificação dos enunciados foi fundamental, já que é o critério do protocolo que serve como referência para todos os outros.

Nesse estudo, foi estabelecida interação por 25 minutos e transcritos 20 minutos assim como na maioria dos trabalhos que usam a amostra espontânea, no entanto, nem todas as crianças atingiram um número mínimo de 100 enunciados por vários motivos. O primeiro foi relativo à diferença na definição de enunciado, essa divergência influenciou na quantidade coletada, não contabilizamos frases ininteligíveis, de uma palavra, saudações, interjeições e respostas espelhadas (especularidade e ecolalia), pois elas impossibilitariam uma análise mais adequada quanto à sintaxe (ACOSTA, MORENO e AXPE, 2014). Portanto, levando em consideração os critérios definidos para a caracterização de enunciados, no caso produções com

duas ou mais palavras, houveram crianças participantes dessa pesquisa que não atingiram 100 produções dentro dos 20 minutos de transcrição.

Casby (2011) defende que é impraticável dedicar a quantidade de tempo para coletar e analisar amostras com grande número de produções, por isso, investigou se haveria diferença significativa na variação da quantidade de enunciados em um estudo. A conclusão foi que não há, estatisticamente, representatividade na mudança do tamanho da amostra. Ao considerar a premissa de que um enunciado analisável deveria ter no mínimo duas palavras, a quantidade de tempo empregado para a coleta de 100 produções seria ainda maior, na verdade sem previsibilidade de um tempo específico. Cabe destacar que em nosso estudo obtivemos números expressivos de enunciados, no grupo de crianças com DTL analisamos 2.239 enunciados e no grupo TDL 891, totalizando 3.130 enunciados.

Assim, no nosso estudo, após as coletas e análises verificou-se que o número de enunciados não resultaria em diferenças consideráveis quanto à qualidade do desenvolvimento linguístico das crianças. O número de produções não representou um fator de risco para a representatividade da amostra. O tempo de coleta foi igual para todas as crianças, ou seja, todas tiveram a mesma oportunidade de expressão, contudo, algumas falaram mais outras menos.

Como observado nas tabelas 10 e 11, em determinadas faixas etárias as crianças produziram maior número de enunciados. No geral, tanto as crianças típicas quanto às com transtorno atingiram o pico da produção de enunciados entre as faixas de 3 a 4 anos, momento de maior expansão gramatical, segundo os períodos descritos por Crystal (1980). Na última faixa etária, de 4;7 a 5;0 anos, o número de enunciados diminuiu nos dois grupos, ficando em torno de 80 (Tabela 11), mas esta diminuição não se reflete na qualidade dos enunciados. Conforme a faixa de idade aumentou, a quantidade de enunciados diminuiu, no entanto, ao analisar os demais critérios foi possível observar a crescente qualidade nas construções linguísticas, em função do aumento do uso de períodos compostos e menor quantidade de frases agramaticais, nominais e telegráficas. Esse desempenho é evidenciado principalmente no grupo típico, já que as crianças com transtorno, mesmo com o decorrer da idade continuam a produzir enunciados com qualidade inferior. A partir disso, podemos dizer que o critério 1 do PAM não tem por objetivo verificar a qualidade dos enunciados, mas a sua frequência e serve como base para os outros 8 critérios.

As crianças com transtorno produziram maior quantidade de enunciados, mas obtiveram um desempenho inferior quanto à qualidade. Crianças com TDL possuem dificuldade em

efetuar interações comunicativas eficientes, o que as pode levar a ter menos respostas elaboradas, mesmo com mais iniciativas de fala. Estudo sobre desenvolvimento pragmático em crianças com transtornos de linguagem (ROCHA e BEFI-LOPES, 2006) relata a ineficiência das crianças com TDL/DEL em se comportarem pragmaticamente de forma adequada comparado às crianças normais. Isso pode justificar a maior quantidade de enunciados por esse grupo. Por fim, ainda sobre a quantidade de enunciados, é importante ressaltar que não houve diferença significativa entre a quantidade de enunciados produzidos pelas crianças típicas e com transtorno (Tabela 12).

Apesar de não fazer parte da análise do protocolo utilizado, ocorreram muitos enunciados ininteligíveis por parte das crianças com TDL, o que comprometia a coerência dialógica, levando à prejuízos nas habilidades conversacionais entre criança e interlocutor. O grupo de criança típico mostrou alguma dificuldade com a inteligibilidade dos enunciados apenas nos anos iniciais, 2,6 a 3 anos, depois dessa faixa etária as produções são totalmente compreensíveis. O grupo de crianças atípicas demonstrou dificuldade na linguagem expressiva, a clareza de seus enunciados é comprometida, com o passar dos anos essa característica é amenizada, mas não deixa de existir.

Sobre a produção de frases agramaticais

De acordo com Fiorin (2017) agramaticalidade significa a impossibilidade de atribuir estrutura hierárquica dos constituintes em uma frase. As sequências dos itens linguísticos que compõem uma frase não são aleatórias e são parte da competência linguística dos falantes, intuitivas, já que não são formalmente ensinadas. Todo falante possui a capacidade de identificar estruturas possíveis ou impossíveis em uma determinada língua.

Nos estudos linguísticos, agramatical é um enunciado que não segue as regras gramaticais de uma determinada língua, contudo, não devem ser confundidas com a concepção de “erro” da gramática normativa tradicional. Nas palavras de Pais (1986), a organização de uma frase é arranjada de acordo com algumas orientações típicas de nossa língua, no caso, o artigo vem sempre antes do nome, dessa forma, uma produção como “menina a pulou” escapa do padrão linguístico permitido da língua e se torna agramatical, já que essa variação de estrutura é inexistente e qualquer falante nativo trataria tal produção como inválida.

Há vários estudos sobre agramaticalidade em crianças com DEL/TDL (BEDORE e LAURENCE, 2001; WATKINS e RICE, 1991; REUTERSKIOLD, HANSSON e SAHLÉN

2011; VAN DER LELY, 1997). Alguns autores afirmam que a agramaticalidade pode servir como marcador clínico para detecção precoce de DEL/TDL e pode ser um critério determinante em grupo com linguagem alterada. (EISENBERG e LING, 2013; LEE 1974; ACOSTA, MORENO, AXPE, 2014).

Acosta, Moreno e Axpe (2014) realizaram estudo comparativo sobre a agramaticalidade no discurso narrativo de crianças com desenvolvimento típico e atípico. O autor considera que o discurso narrativo é um ótimo recurso para avaliação dos subsistemas linguísticos. Por meio desse recurso também é possível avaliar várias manifestações sintáticas como construção e extensão das orações, flexão verbal, nominal, entre outros aspectos abordados nessa pesquisa por meio dos critérios selecionados para o protocolo. Como resultado apresentou que os problemas sintáticos nessas crianças limitam tanto sua expressão quanto sua compreensão linguística, trazendo efeito negativo também sobre os componentes semânticos e pragmáticos. É essencial o domínio do uso das informações em um contexto linguístico de forma apropriada para que conseqüentemente seja atingido um desempenho linguístico eficiente e funcional.

No estudo em tela apenas as crianças com transtorno produziram frases agramaticais corroborando estudos que relatam a existência de irregularidades e produções desviantes no desenvolvimento linguístico desse grupo (DALE et al., 2000; HAGE et al., 2006). Entretanto, foi possível observar que conforme as crianças com transtorno aumentaram de idade houve a diminuição na quantidade de desvios de estrutura, não na mesma medida que as crianças com desenvolvimento típico, mas elas também seguem o padrão de evolução com a progressão da idade. No grupo DTL o uso de frases sintaticamente desorganizadas foi ausente.

As crianças, independentemente da idade devem compreender as regras de sua própria língua. Mesmo em processo de aquisição possuem capacidade para identificar quais são as construções aceitáveis e isso acontece de forma intuitiva já que não são formalmente ensinadas (CHOMSKY, 1969). O fato de crianças não terem esse domínio de forma tão evidente indica falta de habilidades morfossintática. No caso desse estudo é perceptível quando o grupo TDL é comparado ao grupo DTL.

Observou-se nos dados que a faixa etária que mais produziu frases agramaticais no grupo atípico foi a de 4 anos (tabela 11), foi nessa faixa também que produziram maior quantidade de enunciados. Além do domínio lexical, é essencial que as crianças sejam capazes de organizar os elementos em estruturas articuladas sendo esse um requisito para uma conversação efetiva. A habilidade sintática é relevante para a inteligibilidade de um enunciado,

essa capacidade, quando defasada é prejudicial no processo de comunicação e interação. Esses aspectos são encontrados nos enunciados das crianças com TDL com muita frequência, além da dificuldade em organizar as frases adequadamente, há incoerência ao contexto dos temas abordados durante a conversação, o que prejudica a coerência discursiva entre falante e interlocutor.

As frases agramaticais encontradas foram por omissão ou substituição de elementos importantes à compreensão da citação, inserção de elementos desnecessários à estrutura e elementos fora da ordem. Manter frases bem dispostas, participar de conversas de forma organizada, ser coerente ao tema discutido e manter o tópico da conversação, oferecer respostas adequadas às perguntas são formas de preservação do ato comunicativo e da compreensão da mensagem. As crianças com TDL demonstraram inabilidade em usar a língua como forma geradora de significação. Levando em consideração as observações citadas, os dados obtidos nesta pesquisa corroboram a literatura a qual relata que crianças com TDL usam maior número de sentenças não gramaticais quando comparado a seus pares com desenvolvimento típico, e sugerem que este índice parece ser expressivo na identificação de crianças com esse tipo de alteração (JACKSON-MALDONADO, 2011; COLOMA, 2012; SIMON-CEREIJIDO e GUTIÉRREZ-CLELLEN 2007).

Sobre o uso de frases telegráficas e nominais

Como visto na tabela 10, as crianças com TDL da primeira faixa de idade ainda produziram frases telegráficas, diferente das crianças típicas que em nenhum momento produziram esse tipo de estrutura. Essas construções são típicas na fala de crianças (CRISTAL, FLETCHER e GARMAN, 1983), mas apenas nos anos iniciais de aquisição da língua entre 2 a 3 anos. Entretanto, esse tipo de construção ainda persiste no grupo de crianças com TDL até a terceira faixa de idade, isso confirma a existência de uma defasagem linguística no grupo atípico, principalmente quando comparamos com o grupo típico. Este tipo de estrutura praticamente não é mais observada nas produções das crianças com TDL, na última faixa (entre 4;7 e 5;0 anos), com média de 0,67 (tabela 11).

A frase telegráfica ou período telegráfico caracteriza-se pelo apagamento de palavras funcionais no discurso, ou seja, de preposições, pronomes, artigos, conjunções, predominância de substantivos, perda da flexão verbal e de marcas de concordância nominal, dentre outros

(Novaes-Pinto, 2008). Nesta pesquisa, na maioria das frases telegráficas houve predomínio de substantivos e apagamento de palavras funcionais, como pronomes e artigos.

Como dito, esse período ocorre logo no início da aquisição na faixa etária de 2 a 3 anos o que corresponde à primeira faixa estudada nesse trabalho, todavia, no nosso estudo, este tipo de frase não foi observado na amostra na faixa de 2;6 a 3;0 ou mesmo nas outras. É importante mencionar que diferente do agramaticalismo, a frase telegráfica é determinada pela integridade da compreensão da mensagem do discurso infantil.

Novaes-Pinto e Souza-Cruz (2012), considera o período telegráfico uma fase de aquisição universal já que é presente no desenvolvimento linguístico de crianças de várias culturas, ainda que submetidas à diferentes línguas. Diferente do agramatismo, a frase telegráfica não compromete a compreensão da mensagem e segue as regularidades inatas da língua, como característica é usado o mínimo de palavras possíveis necessárias para a significação, portanto, não há comprometimento no sentido. Brown (1973) após um estudo semântico com crianças no período de aquisição diz que após superar esse estágio, elas estariam prontas para adquirir regras sintáticas mais elaboradas.

Destaca-se no período telegráfico a escassez de palavras funcionais ou de classe de palavras fechadas. De acordo com Ilari (2015) as palavras de classes fechadas funcionam como “instrumentos gramaticais”, ou seja, como utensílios que estruturam as sentenças da língua. São palavras sem conteúdo descritivo e impossível de remeter à realidade extralinguística. Por isso, são palavras que são incorporadas no vocabulário das crianças mais lentamente. Esses são aspectos gramaticais adquiridos mais tardiamente dentro do processo de aquisição da língua e crianças com TDL demonstram maior dificuldade na aquisição desse tipo de palavra (CASANOVA, 1992).

A ausência de palavras fechadas no período telegráfico é muito comum, mas essa dificuldade não pode ser persistente e deve respeitar o nível de aquisição normal, porém, de acordo com os dados obtidos, o uso de frases telegráficas é incidente nas produções de crianças com TDL e nos dados observados nas tabelas 10 e 11 podemos observar esse tipo de ocorrência mesmo em fase avançada da idade.

Em síntese, as crianças com TDL apresentam dificuldade em adquirir léxico com palavras de significado abstrato, como as preposições, os pronomes, os advérbios e as conjunções. Tais palavras comumente referem-se a funções sintáticas e de elementos de ligação frasal com baixa carga semântica e são denominadas palavras de classe fechada, os pronomes,

conjunções, artigos (ACOSTA et al., 2003). A aquisição deste tipo de palavra constitui um processo difícil para este grupo de crianças, pois, ao contrário da aquisição de verbos, substantivos e adjetivos que tem uma relação mais concreta, pronomes, conjunções e artigos tem um aspecto mais abstrato. As preposições também são outro grupo de palavras que constitui a categoria classe fechada e não apresentam conteúdo semântico estático, somente na relação expressa entre os elementos aos quais está se referindo. Esta inconstância de significado associada ao fato de que as preposições não expressam o conteúdo essencial da mensagem acaba levando a uma forte tendência à omissão desta classe gramatical pelas crianças com TDL/DEL (PUGLISI et al., 2005).

Em relação às frases nominais, estudos gramaticais tradicionais a definem como aquelas que não apresentam verbos em sua estrutura. A palavra principal de uma frase nominal é o substantivo (HEWINGS & HEWINGS, 2005). Os dados das tabelas 10 e 11 apontam que à medida que a faixa de idade aumenta as crianças atingem maior grau de elaboração sintática, o número de frases nominais diminuiu. Diferente das frases telegráficas, nas nominais não há a omissão de nenhum elemento constituinte indispensável, por isso é um conceito incompatível à agramaticalidade, ainda, a omissão do verbo não oferece nenhum dano à construção do sentido. Neste trabalho, as crianças com TDL produziram maior número de frases nominais a partir da segunda faixa em diante comparadas ao grupo típico, no entanto, segue o mesmo padrão de diminuição gradativa na produção de frases nominais com o aumento das faixas etárias, sendo que esse declínio é mais acentuado nas crianças típicas, já as com TDL deixam de produzir esse tipo de frase mais tardiamente.

Período simples e composto

Os períodos simples são observados em todas as faixas etárias e em ambos os grupos. As médias produzidas entre os grupos foi próxima (tabelas 10 e 11), com diferença de 10 a 20 frases, com exceção da primeira faixa onde há uma diferença de quase 40 enunciados. A evolução com o avanço da idade não é progressiva, pois a partir dos 4 anos os períodos simples diminuem em ambos os grupos, em contrapartida, os compostos aumentam.

As crianças com TDL, mesmo que em quantidade inferior em relação às típicas, produziram períodos compostos, no entanto, na maioria dos casos não usaram articuladores. Os articuladores fazem parte da classe de palavras fechadas e são aspectos gramaticais adquiridos

mais tardiamente dentro do processo de aquisição da língua pelo grupo de crianças com TDL (ACOSTA et al., 2003) como salientado no tópico anterior.

As crianças com DTL em todas as faixas etárias produziram números consideravelmente maiores de períodos compostos do que as crianças com TDL. Isso mostra que as estruturas dos enunciados se tornaram mais complexas e longas. De acordo com Crystal (1997) com o decorrer da idade a criança possui estruturas linguísticas cada vez mais parecidas com as de um adulto.

Os sujeitos com DTL dessa pesquisa progrediram no uso de frases compostas no decorrer das faixas etárias. Isso representa que as crianças foram capazes de organizar dois ou mais verbos em um enunciado, com maior complexidade nas suas construções e maior número de palavras. Conforme as crianças atingiram idades mais avançadas é notável que atingiram também maior desenvolvimento linguístico com enriquecimento de suas estruturas, da mesma forma demonstraram maior variabilidade nas construções sintáticas passando de frases reducionistas à frases compostas de estruturas variadas. Esse padrão não pode ser notado nas crianças com TDL visto que produziram quantidade bem menor de frases compostas e qualitativamente podemos dizer que esse grupo, de forma geral, não usou articuladores, conectivos entre as frases. Os articuladores fazem parte da classe de palavras fechadas e como visto no item frase telegráfica no grupo com TDL houve maior incidência desse tipo de construção e por um período maior.

Observou-se que conforme as crianças típicas avançaram na idade, o nível de desenvolvimento linguístico se tornou mais complexo. À medida que o conhecimento de mundo se solidifica, novas palavras são acrescentadas ao vocabulário. Uma vez que as peças lexicais são selecionadas é necessário a organização em uma seqüência típica às regras da língua, assim há a capacidade de associação de palavras em frases e os diferentes componentes da gramática. (CHEVRIE-MULLER, 2005).

À medida que a criança se desenvolve e cresce, a linguagem evolui e surge a necessidade de conexão das formas corretas de palavras entre si para produção da expressão pretendida (YULE, 1996). Aos 3 anos temos a combinação de elementos e ocorre a produção de períodos compostos, aos 3,6 anos acentuação do uso de períodos coordenados e subordinados com o uso de conjunções explícitas como o *e*, *mas*. A aquisição de estruturas de subordinação envolve a interação entre o léxico e a sintaxe, sendo que as pistas semânticas conduzem a aquisição de alguns aspectos da sintaxe, da mesma forma, a aquisição fonológica deve interagir com os outros aspectos da linguagem e contribuir para a evolução deles. Crianças com 36 meses ou mais já

podem produzir estruturas complexas com mais de uma oração, com o uso da conjunção “e” e orações subordinadas com “mas” e “porque” (Crystal, 1981).

As estruturas envolvendo orações subordinadas não se encontram entre as primeiras combinações de palavras produzidas pelas crianças, que nem apresentam uma extensão que corresponda à extensão de frases contendo subordinadas. As orações subordinadas são em geral observadas pela primeira vez no discurso das crianças cerca ou pouco depois dos 3 anos de idade, sendo o período entre os 3 e os 4 anos um período de grande expansão da variedade de estruturas subordinadas (SANTOS, 2016).

Concordância nominal e verbal

Os desvios quanto à relação do uso do substantivo e as palavras que a ele se ligam e a relação entre o verbo e o sujeito em número e pessoa são comuns em fase de aquisição da linguagem. Os erros de concordância nominal, segundo Crystal (1981), são típicos de crianças no período da sintaxe primitiva que abrange a faixa etária de 18 a 30 meses, portanto, crianças acima desta faixa etária já dominam a regra de concordância envolvendo gênero e número, mesmo que a concordância de número não seja uma marca presente nos enunciados do brasileiro.

Quantidade de palavras

Os dados das tabelas 10 e 11 apontam que as crianças com TDL constroem frases com número menor de palavras que as típicas, com exceção da faixa etária de 3;1 a 3;6, cuja quantidade foi próxima, com vantagem para as crianças com TDL. É importante ressaltar que frequentemente as crianças com TDL usaram apenas uma palavra para se comunicarem, mas como nesse trabalho um dos critérios para delimitação do enunciado foi o uso de no mínimo duas palavras, estes enunciados foram excluídos. Por outro lado, as crianças típicas pouquíssimas vezes construíram enunciados de apenas uma palavra, mesmo as menores. Como em todos aspectos, a evolução das crianças típicas no avançar da idade é visível. A expressão da linguagem oral é uma tarefa complexa, pois envolve, entre outros aspectos, a capacidade para selecionar a estrutura gramatical ideal para representar as relações vinculadas na mensagem (BISHOP, 1992). Neste contexto, crianças com TDL tem esta capacidade limitada, levando-as a produzir enunciados mais curtos e menos complexos.

É fato que crianças com DEL/TDL apresentam capacidade limitada de processamento linguístico. As operações linguísticas complexas sobrecarregam sua capacidade, levando-as a produzir enunciados que são característicos dos estágios iniciais de aquisição de linguagem (PLUNKETT, 2008).

Após os 48 meses, a maioria das aquisições morfossintáticas já ocorreu, como o uso de frases coordenadas com verbos auxiliares “ser” e “estar”, de orações subordinadas e do sistema pronominal. As principais flexões verbais estão presentes e estáveis, assim como as distintas modalidades do discurso, a saber, afirmação, negação e interrogação. Também há domínio das preposições, utilizando-se com frequência as de tempo e espaço, mesmo que de forma incorreta (CRYSTAL, 1983).

A comparação entre os grupos (tabela 12) apontou que as crianças com TDL possuem características morfossintáticas atrasadas e/ou desviantes em relação às crianças com desenvolvimento típico. Foi demonstrado, assim como traz a literatura, que as crianças com alteração produzem frases mais curtas e simples, e que seu desenvolvimento de complexidade sintática é muito mais lento do que em seus pares com desenvolvimento típico.

Dos nove critérios propostos pelo PAM, cinco (frase agramatical, telegráfica, período composto, concordância verbal e nominal) apresentaram diferença estatística significativa, sendo que a quantidade de palavras teve valor muito próximo desta diferença (valor de $p = 0,077$). Estes dados indicam que o PAM poderá ser um recurso para avaliação das habilidades morfossintáticas de crianças com TDL, além de caracterizar a alteração e, principalmente, para a elaboração das estratégias de intervenção.

Como já mencionado, não há outro instrumento para avaliação da morfossintaxe e a inexistência de um “padrão ouro” inviabilizou a validação comparativa, tornando-se necessária a preditiva. Sendo assim, um dos indícios da validação de critério foi a elaboração dos valores de referência, por meio deles conseguimos comprovar que o protocolo diferencia os dois grupos de nossa amostra. Porém, é fato que essa comprovação ainda é preliminar, pois os valores de referência foram criados com base nos mesmos dados da validação de critério. O desafio é reafirmar os resultados obtidos com a aplicação do protocolo em uma nova amostra, sendo imprescindível que os grupos sejam previamente conhecidos para testar se os valores de referência os diferenciam.

6.4 Obtenção de valores de referência

No Brasil, estudos cognitivos e linguísticos com populações saudáveis ou típicas com o objetivo de obter dados normativos têm apresentado avanço considerável nos últimos anos, mas ainda são necessários mais investimentos (MALLOY-DINIZ et al., 2010). Neste contexto, para que um instrumento de avaliação possa ser aplicado em crianças com queixa de linguagem é fundamental que os achados nele encontrados possam ser comparados com dados obtidos na aplicação dele em crianças com desenvolvimento típico de linguagem. Assim, para que o PAM possa ser aplicado em crianças com queixa de desenvolvimento de linguagem é imprescindível que se tenha o perfil de desempenho nas crianças típicas em processo de aquisição de linguagem. A seguir serão apresentadas as características linguísticas das crianças em cada item do protocolo.

No que se refere ao número de enunciados para uma amostra de fala confiável, no nosso estudo o número de 100 de enunciados não é atingido numa gravação com 20 minutos de análise. Somente as crianças da faixa etária de 3;7 a 4;0 atingiram mais de 100 enunciados, todas as outras faixas, mesmo as mais velhas, tiveram média que variou de 91,6 a 64,8 (tabela 13). Como já comentado no tópico “validação de critério”, parece não haver diferença estatisticamente significativa se a análise é sobre 100 enunciados ou menos, desde que o enunciado analisável tenha no mínimo duas palavras (CASBY, 2011).

Nos estudos linguísticos, agramatical é um enunciado que não segue as regras gramaticais de uma determinada língua (FIORIN, 2017) e inviabiliza seu entendimento. Na frase telegráfica não há transgressão das regras gramaticais, mas a omissão de palavras de menor significação, como artigos, preposições e conectivos de um modo geral. Nas frases telegráficas o sentido pode ser compreendido e elas são típicas do período da sintaxe primitiva que se estende dos 18 aos 30 meses (CRYSTAL, 1983). No nosso estudo com crianças entre 30 e 60 meses não encontramos frases telegráficas (tabela 15) e constatamos apenas duas ocorrências de frases agramaticais (tabela 14) num universo de cerca de 69 enunciados produzidos por cada uma de duas crianças da faixa etária de 2;6 a 3;0 anos. Assim, expressar enunciados agramaticais e telegráficos não é característico de crianças da faixa etária estudada.

Frases nominais são mais frequentes nas três primeiras faixas etárias, em crianças até 4 anos (Tabela 16) e parecem diminuir após esta idade, apresentando em média 10 enunciados entre 4;1 e 4;6 anos e 2 enunciados entre 4;7 e 5;0. Da mesma forma, os períodos simples são bem mais observados nas três faixas etárias iniciais (tabela 17), mas sua produção diminui nas

duas últimas faixas, em contrapartida, aumenta o número de períodos compostos, como se vê na tabela 18. O período composto é aquele formado por duas ou mais orações e exige domínio de palavras com sentido gramatical, como as conjunções e esta característica aparece em estágios mais avançados do desenvolvimento sintático. Apesar do PAM não discriminar os tipos de períodos, vale ressaltar que eles podem ser de dois tipos, por coordenação (orações independentes, coordenadas entre si, mas sem nenhuma dependência sintática) e subordinação (orações que exercem alguma função sintática em relação à outra). As estruturas envolvendo orações subordinadas não se encontram entre as primeiras combinações de palavras produzidas pelas crianças, que, na verdade, nem apresentam uma extensão (em número médio de palavras) que corresponda à extensão de frases contendo subordinadas. As orações subordinadas são em geral observadas pela primeira vez no discurso das crianças entre 2;6 e 3 anos (SANTOS, 2017), quando a criança ingressa no chamado período de expansão gramatical (CRYSTAL, 1983). As crianças deste estudo apresentaram períodos compostos desde a primeira faixa etária estudada, em média, 4,2, dentre eles, coordenados e subordinados e este número aumenta consideravelmente nas duas últimas faixas de idade, a partir dos 4 anos e 1 mês, chegando a produzir em média 38,20 (tabela 18) enunciados numa conversação espontânea de 20 minutos.

Relações de concordância implicam na combinação de palavras que compartilham propriedades de natureza sintática (traços formais). O modo como essas relações se expressam na morfologia é algo que a criança tem de perceber e representar na gramática da língua específica que está adquirindo, no caso do português, a concordância de número (singular; plural) e a concordância de gênero (masculino; feminino) tem expressão morfológica no nome e adjetivos. As crianças falantes do português demonstram compreender esta relação precocemente, já aos 2 anos de idade crianças diferenciam gênero (CORRÊA e AUGUSTO, 2017). Em coleta longitudinal da produção de duas crianças de 24 a 28 meses, em aquisição do português brasileiro (FERRARI-NETO 2003), não foi encontrada evidência de marcação de número. Evidência dessa marcação foi constatada na produção de uma criança a partir de 32 meses de idade (SIMIONI, 2006). A performance das crianças do estudo em tela corrobora estes dados, já que erros de concordância nominal foram raros, aparecendo apenas duas vezes em crianças distintas em cada uma das três primeiras faixas (Tabela 19).

A concordância verbal ocorre quando o verbo se flexiona para concordar com o sujeito, em relação a este aspecto, praticamente não houveram ocorrências de desvios nas diferentes faixas etárias (tabela 20).

Sobre a relevância significativa dos critérios comparando-se as diferentes faixas etárias, houve variação de quais deles teriam significância estatística (tabela 21). As faixas que mostraram maior diferença foram: a comparação entre a faixa etária 1 e 3, a faixa 2 e 3 e as faixas 3 e 5, com 5 critérios discriminativos. O critério que mais se apresenta como discriminativo entre as faixas é o “período composto”, ou seja, é o critério que mais evidencia evolução entre as faixas etárias.

Finalizando, as diversas análises estatísticas possibilitaram a obtenção do perfil morfossintático nas diferentes faixas etárias, o que permite oferecer parâmetros para distinguir desempenhos com características típicas, de risco para alteração e de alteração de fato. Estes dados podem ser encontrados nas tabelas de 22 a 26. Tais dados vão servir para orientar e conduzir o aplicador a indicar em qual categoria a criança pertence. Notamos que em cada faixa etária houve variação dos critérios mais relevantes, logo fez-se necessário o uso de pesos entre eles para que o intervalo de diferenciação entre os grupos fosse mais efetivo.

Como é possível notar nas tabelas, na primeira faixa etária, três dos nove critérios tiveram pesos diferenciados: frase agramatical, período simples e quantidade de palavras. Na segunda faixa os critérios mais relevantes foram frase agramatical, frase telegráfica e falta de concordância verbal. A terceira faixa foi a que mais apresentou maior número de critérios significativos, sendo eles a frase agramatical, frase telegráfica, período simples, período composto e quantidade de palavras. Na quarta faixa temos a frase agramatical e período composto. Na última faixa podemos constatar o segundo melhor índice de critérios consideráveis, entre eles a frase agramatical, frase nominal, período composto e falta de concordância nominal.

Observou-se, com exceção à primeira faixa, que o critério frase agramatical teve peso diferenciado em todas as demais faixas etárias, o que confirma a qualidade e relevância desse critério e conseqüentemente ser fator de distinção entre os grupos. Por outro lado, o critério frase telegráfica teve maior peso somente nas três primeiras faixas e o critério frase nominal apenas na última.

Por meio dos cálculos e análises verificamos a presença de critérios com variação em grau de significância, maior ou menor peso, no entanto, todos são necessários para o cálculo geral e enquadramento da criança na faixa de referência. É importante salientar a condição preliminar dos valores de referência e sobre a necessidade de testá-los em um novo grupo de crianças com TDL e DTL.

7 Conclusão

7 CONCLUSÃO

O protocolo foi construído com base em categorias presentes nos modelos evolutivos de aquisição morfosintática e no estudo do corpus da pesquisa por meio da observação das características mais ocorrentes nas transcrições das falas das crianças. A etapa de elaboração foi finalizada com a categorização de nove itens relevantes ao processo de classificação dos grupos.

O processo de validação de conteúdo do protocolo foi satisfatório, houve conformidade e compatibilidade nas respostas dos especialistas o que revela confiabilidade. Os resultados dos testes estatísticos legitimam a fidedignidade com índices considerados substanciais tanto para coeficiente Alpha e Spearman. O IVC teve conceito máximo de 1,0, o que comprova a eficácia dos critérios do instrumento.

A validade de critério, mesmo que preliminar, atesta que o PAM distinguiu com significância crianças com desenvolvimento típico de linguagem daquelas com transtorno por meio da maioria dos itens de análise do protocolo. Os resultados apresentados corroboram o que indica a literatura, crianças que apresentam TDL possuem um repertório deficitário de habilidades sintáticas, com estruturação morfosintática mais simplificada.

Quanto às análises dos números de referência por meio dos testes estatísticos, acreditamos que os resultados obtidos sugerem parâmetros norteadores para avaliação da linguagem por meio de critérios quantitativos relacionados à morfosintaxe. Com esses valores é possível classificar a criança como tendo "*perfil alterado*", "*de risco para alteração*" e "*desenvolvimento linguístico típico*", já que esses valores são capazes de refletir o perfil sintático de crianças em desenvolvimento de linguagem.

Assim, o protocolo pode auxiliar na caracterização do perfil sintático de crianças com TDL para o planejamento de um processo terapêutico adequado. Contudo, não exclui a necessidade de observações qualitativas e o uso de outros métodos e abordagens. A utilização de qualquer amostra compreende uma margem de erro, portanto não representa integralmente uma população. Em função disso, novos trabalhos são importantes para o aperfeiçoamento do estudo, assim como a aplicação em um número de amostragem maior para confirmar os critérios e a aplicabilidade do instrumento. Em vista disso, uma das possíveis limitações do

trabalho está no processo de validação, pois mesmo com a criação dos valores de referência faz-se necessário a aplicação do protocolo em novo grupo amostral, os valores de referência devem ser testados e aferidos, além da elaboração de um manual de uso do PAM.

Referências

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **Gramática integral da língua portuguesa: uma visão prática e funcional**. Cotia: Ateliê Editorial, 2018.

ABUSAMRA, V., YAMILA S.; VIRGINIA J. Patrones de déficit en la producción agramatical. **Revista Argentina de Neuropsicología** 2, 33-43, 2004.

ACOSTA, V. M. R., MORENO, A. M. **Dificultades del lenguaje en ambientes educativos**. Barcelona: Masson. Retardo del lenguaje. Madrid: CEPE, 2001.

ACOSTA, V. M. R. Algunos retos y propuestas en la conceptualización, evaluación e intervención del Trastorno Específico del Lenguaje (TEL). **Revista Chilena de Fonoaudiología** 11, 23-36, 2012.

ACOSTA, V. M. R., AXPE, A., MORENO, A. M. El estudio de la agramaticalidad en el discurso narrativo del trastorno específico del lenguaje. **Onomázein**, 29, 119-129, 2014.

ACOSTA, V., M., R., MORENO, A. M., AXPE, A., LORENZO, M. **Apoyo al desarrollo de habilidades narrativas con trastorno específico del lenguaje dentro de contextos inclusivos**, 2010.

ACOSTA, V. M. R., NAYRA, G.; CARLA, L. Un análisis cualitativo de la estructura episódica, los recursos cohesivos y la diversidad léxica en la narrativa de alumnado con TEL. **Aloma** 28, 143-161, 2011.

ACOSTA, V. M. R.; MORENO, A. M.; AXPE, A. Intervención Logopédica sobre Habilidades Narrativas en Niños con Trastorno Específico del Lenguaje. **Infancia y Aprendizaje**, v.35, p. 201-213, 2012.

ADAMS, C.; COOKE, R.; CRUTCHLEY, A.; HESKETH, A.; AND REEVES, D. **Assessment of Comprehension and Expression 6-11**. London: GL Assessment, 2001.

AGUADO, G. **Retardo del lenguaje**. Madrid: CEPE, 1993.

AGUADO, G. Trastorno específico del lenguaje. **Retraso del lenguaje y disfasia**, Ediciones Aljibe, Málaga, p. 217, 1999.

ALEXANDRE N.M.C.; COLUCI M.Z.O. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16 (7):3061-68, 2011.

ALEXANDRE, N. M.; GALLASCH, C. H.; LIMA, M. H.; RODRIGUES, R. A confiabilidade no desenvolvimento e avaliação de instrumentos de medida na área da saúde. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 800-7, 30 set. 2013.

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION (ASHA). Disponível em: <https://www.asha.org>. Acesso em 08 de agosto de 2019.

ANASTASI, A.; URBINA, S. **Testagem Psicológica**. 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ANDRADE, C. R. F. et al. **ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática**. São Paulo: Pró-Fono, 2004.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.

ARAUJO K. **Aspectos do Desenvolvimento Gramatical de Crianças Pré-escolares em Desenvolvimento Normal de Linguagem** [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; 2003.

ARAUJO, K. **Desempenho gramatical de criança em desenvolvimento normal e com distúrbio específico de linguagem**. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 322 p., 2007.

ARAUJO, K.; BEFI-LOPES, D.M. Extensão Média do Enunciado de crianças entre 2 e 4 anos de idade: diferenças no uso de palavras e morfemas. **Rev Soc Bras Fonoaudiol**. v. 9, n. 3, p. 156-63, 2004

AZEREDO, J. C. S. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2009.

BAGGIO, G.I; HAGE, S.R.V. **Translation and cultural adaptation of the TSA - Test de Sintaxis de Aguado to the Portuguese language**. **CoDAS**, v.29, n.6, p.1-8, 2017.

BALL, M. J. Reynell Developmental Language Scales III: A quick and easy LARSP? **International Journal of Language & Communication Disorders**, v.34, n.32, p. 184-191, 1999.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 7 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 36 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997.

BEDORE, L.; LAURENCE L. Grammatical morphology deficits in Spanish-Speaking children with specific language impairment. **Journal of Speech and Hearing Research** 44, 905-924. 2001

BEFI-LOPES, D.M.; NUNES, C.O.; CÁCERES, A.M. Correlação entre vocabulário expressivo e extensão média do enunciado em crianças com alteração específica de linguagem. **Revista CEFAC**, v.15, n.1, p.51-57, 2013.

BELINCHÓN, M., ÁNGEL, R.; IGOA, J. **Psicología del lenguaje. Investigación y teoría**. Madrid: Editorial Trotta, 1992.

BENTO-GAZ, A. C. P.; BEFI-LOPES, D. M. Adaptação da avaliação clínica das funções da linguagem. 4 ed. para o Português do Brasil. **CoDAS**, v.26, n.2, p.131-7, 2014.

BISHOP, D.V.M. **Uncomm on Understanding: Development and Disorders of Language Comprehension in Children**, Psychology Press, Hove, 1997.

BISHOP, D. Grammatical errors in specific language impairments: Competence or performance limitations? **Applied Psycholinguistics** 15, 507-550, 1994.

BISHOP, D.V.M. Pragmatic Language Impairment: a correlate of SLI, a distinct subgroup, or part of the autistic continuum? In: BISHOP, D.V.M.; LEONARD, L.B. (editors). **Speech and Language Impairments in Children: causes, characteristics, intervention and outcome**. New York, EUA: Psychology Press. p. 99-113, 2000.

BLAKE, J.; QUARTARO, G.; ONORATI, S. Evaluating Quantitative Measures of Grammatical complexity in Spontaneous Speech Samples. **Journal of Child Language**, v. 20, p.139-152, 1993.

BORBA, F. S. **Teoria sintática**. São Paulo: Edusp, 1979.

BORGES, L.C.; SALOMÃO, N.M.R. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.16, n.2, p. 327-36, 2003.

BRAZ, FKG; PINHEIRO, LAC; HAGE, SRV. **Habilidades sintáticas de crianças com alterações específicas de linguagem** In: XXIV Congresso Fonoaudiológico de Bauru, 2017, Bauru. Journal of Applied Oral Science / Anais do XXIV COFAB. Bauru: Faculdade de Odontologia de Bauru, 2017. v.25(sp). p.270.

BRITTO, L. P. L. de. **A sombra do Caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Campinas: ALB, 1997.

BROCCHI, B.S.; OSBORN, E.; PERISSINOTO, J. Translation of the Parental Inventory “Language Use Inventory” into Brazilian Portuguese. **CoDAS**, v.31, n.2, 2019.

BROWN, R. **A First Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1973.

BROWN, W. **Some experimental results in the correlation of mental abilities**. British Journal of Psychology, 1910.

BÜHLER, K.E.B.et. al. Protocolo para Observação do Desenvolvimento Cognitivo e de Linguagem Expressiva (PODCLE). **Rev Soc Bras Fonoaudiol.**, v.13, n.1, p. 60-8, 2008.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CÂMARA JR., J. M. **Língua e cultura**. Letras, 4. Universidade do Paraná, 1995.

CAMPOS, A.R. **A extensão média de enunciado como indicador de desenvolvimento linguístico no português europeu**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, universidade Nova Lisboa, 2014.

CAPOVILLA, F. C. **Teste de Vocabulário por Figuras USP- TVfusp**: normatizado para avaliar a compreensão auditiva de palavras dos 7 aos 10 anos. São Paulo, SP: Memnom, 2011.

CAPOVILLA, F. C.; NEGRÃO, V. B.; DAMÁZIO, M. **Teste de Vocabulário Auditivo e Teste de Vocabulário Expressivo**. São Paulo, SP: Memnom, 2011.

CARBALLO, G. Guía para la evaluación del TEL: algunas consideraciones, **Revista de Logopedia, Foniatria y Audiología** 32, 87-93, 2012.

CARROW, E. **Elicited Language Inventoy**: manual. Austin, Texas: Learning Concepts, 1974.

CARROW, E. **Comprehensive Assessment of Spoken Language**. Torrence, CA: WPS, 1999.

CARVALHO, A.M.A.; BEFI-LOPES, D.M.; LIMINGI, S.C.O. Extensão média do enunciado em crianças brasileiras: estudo comparativo entre síndrome de Down, distúrbio específico de linguagem e desenvolvimento típico de linguagem. **CoDAS**, v.26, n.3, p.201-7, 2014.

CASANOVA, J. P. **Manual de Fonoaudiologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

CASBY, M. W. An examination of the relationship of sample size and mean length of utterance for children with development language impairment. **Child Language Teaching and Therapy**, v. 27, n. 3, p. 286-293, 2011.

CASTILHO A. Fundamentos teóricos da gramática do português culto falado no Brasil: sobre o segundo volume, classes de palavras e as construções gramaticais. **Alfa**.v.51, n.1, p. 99-135, 2007.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. SP, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CERVONI, J. **A enunciação**. Trad. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989.

CHEVRIE-MULLER, C. Exploração da linguagem oral. In: Chevrie-Muller C, Narbona J, editors. **A linguagem da criança: aspectos normais e patológicos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed; 2005.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. Mouton, the Hague, 1957.

CHOMSKY, N. **The Acquisition Of Syntax In Children From Five To Ten**. MIT Press, Cambridge Mass., 1969.

COLOMA, C. **Sintaxis compleja y discurso narrativo en escolares con TEL**. Tesis doctoral. Universidad de Granada. Inédita, 2012.

COPLAN, J.; GLEASON, J.R. Test-retest and interobserver reliability of the Early Language Milestone Scale. **J Pediatr Health Care**, v.7, n.5, p.212-9, 1993.

CORRÊA, J. Avaliação da consciência morfossintática da criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, p. 91 – 97, 2005.

- CORRÊA, L.M.S.; AUGUSTO, M. R. A.; CASTRO, A. Agreement and markedness in the ascription of gender to novel animate nouns by children acquiring Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v.9, n.2, p.121-142, 2011.
- CORRÊA, L.M.S.; AUGUSTO, M.R.A. Primeiros passos na aquisição da sintaxe: o sintagma nominal. In: Maria João Freitas & Ana Lúcia Santos (eds.). **Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português**. Berlin: Language Science Press, 2017.
- CORRÊA, L.M.S.; NAME, M.C.L. The Processing of Determiner - Noun Agreement and the Identification of the Gender of Nouns in the Early Acquisition of Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v.2, n.1, p.19-43, 2003.
- COSTA, V. et al., **Avaliação da Linguagem: teoria e prática do processo de avaliação do comportamento linguístico infantil**. São Paulo: editora Santos, 2003.
- CRONBACH, L. J., MEEHL, P. C. Validade da construção em testes psicológicos. **Psychological Bulletin**, 52, p. 281-302, 1955.
- CRONBACH, L. J. Coefficient alpha and the internal structure of tests. **Psychometrika**, 16, p. 297-334, 28,307, 1951.
- CRYSTAL, D. **Child Language, learning and linguistics**. London: Edward Arnold, 1973.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988
- CRYSTAL, D. **The Cambridge encyclopedia of language**. ed. 2. Cambridge: Cambridge university press, 1997.
- CRYSTAL, D., FLETCHER, P. Y GARMAN, M. **Análisis gramatical de los trastornos del lenguaje**. Editorial Técnica-Médica, 1983.
- CRYSTAL, D.; FLETCHER, P.; GARMAN, M. **The grammatical analysis of language disability**. London: Edward Arnold, 1976.
- CRYSTAL, D. **Introduction To Language Pathology**. Wiley: 1980
- CUNHA, C. F. **Gramática da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: FAE, 1992.
- CUNHA, C. M.; NETO, O. P. A.; STACKFLETH, R. Principais métodos de avaliação psicométrica da confiabilidade de instrumentos de medida. **Rev. Aten. Saúde**, São Caetano do Sul, v. 14, n. 49, 2016.
-

DALE, P. S. et al. Lexical and grammatical development: a behavioural genetic perspective. **Journal of Child Language**, v. 27, p. 619-642, 2000.

DENMAN, D. et al. Psychometric Properties of Language Assessments for children aged 4 - 12 years: a systematic review. **Frontiers in psychology**, 8, 1515, 2017

DIAZ, M. G. **Trastornos del desarrollo del lenguaje: evaluación del lenguaje**. 1999.

DIK, S. C. **The Theory of functional Grammar**. Dordrecht-Holland/Providence RT – USA. Foris Publications, 1989.

DOVIDIO, J. F. et al. **The social psychology of prosocial behavior**. New York: Lawrence Earlbaum, 2006.

EISENBERG, S.L.; GUO, L.Y.; MUCCHETTI, E. Eliciting the language sample for developmental sentence scoring: a comparison of play with toys and elicited picture description. **American Journal Speech Language Pathology**, v.27, n. 2, p. 633-646, 2018.

EISENBERG, S., LING, Y. G. Differentiating children with and without language impairment based on grammaticality. **Language, Speech and Hearing Services in the School**, 44, p. 20-31, 2013.

ELIAS, C. S. R., et al. Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. **SMAD: Revista Eletrônica em Salud Mental, Alcohol y Drogas**, (8)1, p. 48-53, 2012.

EMMANUELLE, A. et. Al. Sample size used to validate a scale: a review of publications on newly-developed patient reported outcomes measures. **Health and quality of life outcomes**, 12, 176, 2014.

FAGUNDES, A. J. F. M. **Definição, descrição e registro do comportamento**. 12 ed. São Paulo: Edicon, 1999.

FENSTERSELFER A.; RAMOS, A.P. Extensão média de enunciados em crianças de 1 a 5 anos. **Pró-Fono**, v.15, n.3, 251-8, 2003.

FERNÁNDEZ, M.; CUETOS, F. Evolución de un paciente con agramatismo. **Revista de Logopedia, Foniatria y Audiología** 20, p. 16-29, 2000.

FERREIRA, C. E. S., ANDRIOLO, A. Intervalos de referência no laboratório clínico. **J Bras Patol Med Lab**. v. 44. n. 1, 2008.

FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2017.

FLABIANO, F.C. et al. Protocolo para Observação do Desenvolvimento Cognitivo e de Linguagem Expressiva - versão revisada (PODCLE-r): proposta de complementação. **Rev Soc. Bras. Fonoaudiol.**, v.14, n.1, p. 26-35, 2009.

FONTELLES, M. J. et al. Metodologia da pesquisa: diretrizes para o cálculo do tamanho da amostra. **Rev. Para. Med.**, 24(2), p. 57-64, 2010.

FONTEMACHI, N. A. **Aplicacion del test TSA a una muestra de niños mendocinos de 5 a 7 años**. 2010. Tese (Licenciatura) – Universidad del Aconcagua. Facultad de Ciências Médicas Mendoza, Argentina, 2010.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GERALDI, J. V., (org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GERALDI, J.W. **Linguagem e Trabalho Linguístico**. In: Portos de Passagem. 4.ed. São Paulo: Martins fontes. 2003.

GIUSTI, E.; BEFI-LOPES, D. M. Desempenho de indivíduos falantes do Português e do Inglês no Test of Early Language Development. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 20, n. 1, p. 13-18, 2008.

GLIEM, J. A., GLIEM, R. R. **Calculating, Interpreting, and Reporting Cronbach's Alpha Reliability Coefficient for Likert-Type Scales**. Midwest Research to Practice Conference in Adult, Continuing, and Community Education, 2003.

GOMBERT, J. **Metalinguistic development**. London: Harvester-Wheatsheaf, 1992.

GORTAZAR, P. Intervención en los trastornos del desarrollo del lenguaje y la comunicación. En J.N. García (Ed.) **Intervención psicopedagógica en los trastornos del desarrollo**. Pirámide, 1999.

GRANT, J. S; DAVIS, L. L. Selection and use of content experts for instrument development. **Res Nurs Health**, 20(3) p. 269-274, 1997.

GREGOLIN-GUINDASTE, R. M. O agramatismo: uma afasia de natureza sintática. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 32, p. 61 – 71, 2012.

GROLLA, E.; SILVA, M. C. F. **Para conhecer Aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

GROLLA, E. **Metodologias experimentais em aquisição da linguagem**. USP. 2009.

GUILLEMIN F., BOMBARDIER C., BEATON D. **Cross-cultural adaptation of health-related quality of life measures: literature review and proposed guidelines**. J. Clin Epidemiol, 1993.

GUTIÉRREZ-CLELLEN, V. et al. Evaluating the discriminant accuracy of a grammatical measure with Spanish-speaking children. **Journal of Speech, Language and Hearing Research**, 49. p. 1209-23, 2006.

HAGE, S. R. V.; PEREIRA, T. C.; ZORZI, J. L. Protocolo de Observação Comportamental - PROC: valores de referência para uma análise quantitativa. **Rev CEFAC**, v.14, n.4, p. 677-90, 2012.

HAGE, S. R. V. et. al. Specific language impairment: linguistic and neurobiological aspects. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**. v.64, n.2, p.173 – 180, 2006.

HAGE, S.R.V, ACOSTA V. Distúrbio Específico de Linguagem: aspectos clínicos e educacionais In: **Tratado das Especialidades em Fonoaudiologia**.3a ed.São Paulo : Roca, p. 620-626, 2014.

HAGE, S.R.V; GUERREIRO, M.M. Distúrbio Específico de Linguagem: aspectos linguísticos e biológicos. In: Fernandes, F.D.M; Mendes, B.C.A; Navas, A.L.G.P. (org.). **Tratado de Fonoaudiologia**. 2ª ed. São Paulo: Roca, p. 456-464, 2010.

HAMMILL, D. D.; MATHER, R.; ROBERTS, R. Illinois. **Test of Psycholinguistic Abilities**. 3rd Edn. Austin, TX: Pro-Ed, 2001.

HAMMILL, D. D.; NEWCOMER, P. L. **Test of Language Development Primary**. Austin, TX: Pro-Ed, 2008.

HAYNES S.N, RICHARD D.C.S, KUBANY, E.S. Content validity in psychological assessment: a functional approach to concepts and methods. **Psychol Assess**. 7(3), p. 238-247, 1995.

HEILMANN, J., NOCKERTS, A., MILLER, J. F. Language sampling: Does the length of the transcript matter? **Language, Speech, and Hearing Services in Schools**, 41 (4) p. 393-40 2010.

HEWINGS, A., HEWINGS, M. **Grammar and context**. Oxon: Routledge, 2005.

Hickey T. **Mean length of utterance and the acquisition of Irish**. *J Child Lang*, 1991.

ILARI, R. **Palavras de classe fechada**. São Paulo: Contexto, 2015.

JACKSON-MALDONADO, D. La identificación del trastorno específico del lenguaje en niños hispanohablantes por medio de pruebas formales e informales. **Revista Neuropsicología, Neuropsiquiatría y Neurociencias**, v 11, p. 33 – 55, 2011.

JOANISSE, M.F.; SEIDENBERG, M. S. Specific language impairment: a deficit in grammar or processing? **Trends in Cognitive Sciences**, v. 2, p. 240-247, 1998.

JOHNSTON, J.R.; KAMHI, A.G. Syntactic and Semantic Aspects of the Utterances of Language-Impaired Children: The same Can Be Less. **Merril-Palmer Quartely**, v. 30 (1), p. 65-86, 1984.

JONHSTON , J. R. An alternate MLU calculation: magnitude and variability of effects. **Journal of Speech and Hearing Research** , v. 44, p.156-164, 2001.

KENEDY, E., OTHERO, G. A. **Para conhecer sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2018.

KLEE, T et al. - A comparison of the Age-MLU Relation in Normal and Specifically language: Impaired Preschool Children. **Journal of Speech and Hearing Disorders**, v. 54, p. 226-233, 1989.

KLEE, T., FITZGERALD, M.D. The relation between grammatical development and mean length utterance in morphemes. **J. Child Lang**. v.12, n.2, p.251-269, 1985.

KROCH, Anthony. Syntactic change. In: **M. Baltin & C. Collins** (orgs.), *Handbook of syntax*. Nova York: Blackwell, 2001.

LANDIS, J.R, KOCH G.G. **The measurement of observer agreement for categorical data**. *Biometrics*. 1977.

LEE, L. **Developmental sentence analysis**. Evanston. Northwestern University Press, 1974.

LEONARD, L. Assessing morphosyntax in clinical settings. In: McDaniel D, McKee C, Smith Cairns H, editors. **Methods for assessing children's syntax** . Cambridge:MIT Press, p. 287–302, 1996.

LEONARD, L. B. et al. Three Accounts of the Grammatical Morpheme Difficulties of English-Speaking Children with Specific Language Impairment. **Journal of Speech Language and Hearing Research**, v. 40, p.741-753, 1997.

LEONARD, L. B. et. al. Production operations contribute to the grammatical morpheme limitations of children with specific language impairment. **Journal of Memory and Language**, v.43, p. 362-378, 2000.

LEONARD, L. B. Functional Categories in the Grammars of Children with Specific Language Impairment. **Journal of Speech Hand Hearing Research**, v. 38, p. 1270-1281, 1995.

LEONARD, L. B.; BORTOLINI, V. Grammatical morphology and role of weak syllables in the speech of Italian-speaking children with specific language impairment. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 41, p. 1363-1374, 1998.

LEONARD, L. B.; Mc GREGOR, K. K; ALLEN, G. D. Gramatical morphology and speech perception in children with specific language impairment. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 35, p.1076-1085, 1992.

LEONARD, L.B. Language Learnability and Specific Language Impairment. In: Children. **Applied Psycholinguistics**, v. 10, p.179-202, 1989.

LEONARD, L.B. **Children with Specific Language Impairment**. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

LEONARD, L.B.; FINNERAN, D. Grammatical Morpheme Effects on MLU: “The Same can be less. Revisited. **Journal of Speech Language and Hearing Research**, v. 46, p. 878-888, 2003.

LEONARD, L.B.; MILLER, C.; GERBER, E. Grammatical Morphology and the Lexicon Children with Specific Language Impairment. **Journal of Speech Language and Hearing Research**, v. 42, p. 678-689, 1999.

LEONTITSIS, A.; PAGGE, J. A simulation approach on Cronbach’s alpha statistical significance. **Mathematics and Computers in Simulation**. v. 73, 2007.

LIGHTFOOT, D. **The development of language: Acquisition, change, and evolution**. Malden: Blackwell/Maryland lectures in language and cognition, 1999.

LIKERT, R. **A Technique for the Measurement of Attitudes**. Archives of Psychology, New York, 1932.

LIMA, M.C.M.P. et. al. Observação do desenvolvimento de linguagem e funções auditiva e visual em lactentes. **Rev. Saúde Public.**, v.38, n.1, p. 106-12, 2004.

LINDAU, T. A.; ROSSI, N. F.; GIACHETI, C. M. Preschool Language Assessment Instrument, segunda edição, em crianças falantes do Português Brasileiro. **CoDAS**, v.26, n.4, p.328-30, 2014.

LINDAU, T.A.; LUCCHESI, F.M.; ROSSI, N.F.; GIACHETI, C.M. Instrumentos sistemáticos e formais de avaliação da linguagem de pré-escolares no Brasil: uma revisão de literatura. **Revista CEFAC**, v.17, n.2, p. 656-62, 2015.

LOBÃO, W. M., MENEZES, I. G. Construção e validação de conteúdo da escala de predisposição à ocorrência de eventos adversos. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Artigo Original, 20 (4): (9 telas), 2012

LOEB, D.; LAURENCE, L. Subject case marking and verb morphology in normally developing and specifically language impaired children. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 34, p. 340 – 346, 1991.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 5a. edição, 1981.

LÓPEZ GARCÍA, A. **Psicolinguística**. Madrid: Editorial Sintesis, 1988.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

LYNN, M. Determination and quantification of content validity. **Nursing Research**, 35, p. 382–385, 1986.

LYONS, J. **Introdução à Linguística teórica**. São Paulo, Nacional, 1979.

MACHADO, M. L. de A. Educação Infantil e Sócio-Interacionismo. In: OLIVEIRA, Z. M. R. **Educação Infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACKEY, A.; GASS, S. Common data collection measures. *Second Language Research: methodology and design*. **Mahwah: Lawrence Erlbaum**, p.43-99, 2005.

MAILLART, C.; PARISSE, C.; TOMMERDAHL, J. F. LARSP 1.0: an adaptation of the LARSP language profile for French. **Clinical Linguistics & Phonetics**, v.26, n.2, p. 188-98, 2011.

MALLOY-DINIZ, L. F.; FUENTES, D.; MATTOS, P.; ABREU, N. **Avaliação neuropsicológica**. Porto Alegre: Artmed; 2010.

MARQUES, S.F.; LIMONGI, S.C.O. A extensão média do enunciado (EME) como medida de desenvolvimento de linguagem de crianças com síndrome de Down. **J. Soe. Bras. Fonoaudiol.**, v.23, n.2, p.152-7, 2011.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: Martelotta, M.E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Parábola, 2009.

MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. 8 ed. Lisboa: Martins Fontes, 1978.

MARTINS, I. P. **Perturbações específicas do desenvolvimento da linguagem**: avaliação, classificação, diagnóstico diferencial, prognóstico. **Psicologia**, Lisboa, v. 16, n. 1, p. 27 – 50, 2002.

MATTHEWS, A. **Linguistic Development**. 5 th. June, 1996.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977.

MCGLYNN, E.A; ASCH S.M. Developing a clinical performance measure. **Am J Prev Med**. 14 (3Suppl) p. 14-21, 1998.

MENDOZA, E. **Trastorno Específico del Lenguaje**. Madrid: Pirámide, 2001.

MENEZES, M. L. M. **ADL -Avaliação do Desenvolvimento da Linguagem**. Rio de Janeiro, 2004.

MILLER J. Evaluación de la conducta linguística de los niños. In: RL Schiefelbusch (org). **Bases de la intervención em lenguaje**, Madrid, 1986.

MILLER, J.F.; YODER, D.E. **Miller-Yoder Language Comprehension Test** (clinical edition). Baltimore: University Park Press, 1984.

MIOTO, Carlos, et al. **Novo Manual de Sintaxe**. Florianópolis, Insular, 2004.

MONTEIRO, G. T. R. **Pesquisa em saúde pública: como desenvolver e validar instrumentos de coleta de dados**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2013.

MONTERO, C. P. **Evaluacion del Lenguaje Oral en la Etapa 0 – 6 años**. Madrid: Siglo Veintiuno de España. Editores, S.A, 1995.

MOORE, M. Third person pronoun errors by children with and without language impairment. **Journal of Communication Disorders** 34, p. 207-228, 2001.

MUSSALIM, F. (Org.); BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

NEVES, M. H. de M. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008.

NORO, L. **Extensão média do enunciado em crianças com desenvolvimento típico**. (Dissertação mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, 2015.

NOVAES-PINTO, R. DO C.; SOUZA-CRUZ, T. **Funcionamento semântico-lexical: discussão crítica com base em dados de situações dialógicas com sujeitos afásicos**. *Revista de Estudos Linguísticos*, 41 (2), p. 708 – 722, 2012.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

OTHERO, G. A., KENEDY, E. **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2018.

PAIS, C. T. **Manual de linguística**. Petrópolis: editora vozes, 1986.

PASQUALI, L. **Psicometria**. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 43, n. spe, p. 992-999, 2009.

PAVEAU, M., SARFATI, G. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. Trad. M.R. Gregolin et al.- São Carlos: Claraluz, 2006.

PERINI, M. A. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: parábola Editorial, 2006.

PERINI, M. A. **Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini**. *ReVEL*. Vol. 8, n. 14, 2010.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2007.

PERRONI, MC. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. **DELTA**, v.17, n.1, p. 59-79, 2001.

PETTER, M. **Linguagem, língua, lingüística**. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2008.

PINHEIRO, L. A. C; BRAZ, F. K. G; HAGE, S. R. V. **Análisis del desarrollo morfosintáctico de niños con y sin trastorno del desarrollo del lenguaje** In: XXXI Congreso Internacional AELFA-IF, 2018, Granada. Libro de Actas del XXXI Congreso Internacional AELFA-IF/CLPV. Granada: AELFA, v.1. p.1 – 8, 2018.

PINKER, S. **El instinto del lenguaje. Cómo crea el lenguaje la mente**. Versión española de José Manuel Igoa González. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1995.

PUGLISI, M. L. et al. Utilização e compreensão de preposições por crianças com distúrbio específico de linguagem. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, v.17, n.3, p.331-344, 2005.

QUEIROGA, B. A. M; LIMA, R. A. Morfossintaxe e fonoaudiologia. In: MONTENEGRO, A. C. A; BARROS, I. B. R; AZEVEDO, N. P. S. G. (orgs). **Fonoaudiologia e linguística: teoria e prática**. 1. ed. – Curitiba, Appris, 2016.

REUTERSKIOLD, C.; KRISTINA, H.; BIRGITA, S. **Narrative skills in Swedish children with language impairment**. **Journal of Communication Disorders**. 44, p. 733 – 744, 2011.

RIBEIRO, M. G. C. Morfologia da Língua Portuguesa. In: ALDRIGUE, A. C. S.; FARIA, E. M. B. (Org.). **Linguagens: usos e reflexões**. João Pessoa. UFPB/Editora Universitária, 2009.

RICE, M.; JOHN, B. GAPS in the verb lexicons of children with specific language impairment. **First Language**, 13 (37), p. 113 – 131, 1993.

ROCHA, C.H.L. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Ed. 45. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

ROCHA, L. C. BEFI-LOPES, D. M. Análise pragmática das respostas de crianças com e sem distúrbio específico de linguagem. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri (SP), v. 18, n. 3, 2006.

RODRIGUES, A. **Aspectos semânticos e pragmáticos nas alterações de desenvolvimento da linguagem**. 179 f. Dissertação (mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

- ROSSI, N. F. et. al. Adaptação cultural do Test of Narrative Language (TNL) para o Português Brasileiro. **CoDAS**, v. 28, n.5, p. 507-516, 2016.
- SAMPIERI, H.R.; COLLADO, C.F.; LUCIO, M.P.B. **Metodologia de Pesquisa**. 5ed. Porto Alegre: Editora Penso; 2013.
- SAMPIERI, R.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de la investigacion**. México: MCGRAW HILL, 1996
- SANCLEMENTE MP. Aspectos generales de la evaluación del lenguaje. In: MP Clemente, JA Rondal & EH Wiig (orgs). **Evaluación del lenguaje**. Barcelona: Masson AS, p. 29-130, 2002.
- SANT'ANNA, M. M. M.; BLASCOVI-ASSIS, S. M.; MAGALHÃES, L. C. **Adaptação transcultural dos protocolos de avaliação do Modelo Lúdico**. **Rev. Ter. Ocup.** Univ. São Paulo, v. 19, n. 1, p.34-47, 2008.
- SANTO, M. A., et al. **Extensão média do enunciado- palavras em crianças de 4 e 5 anos com desenvolvimento típico da linguagem**. *Ver. CEFAC*, 17 (4), p. 1143 – 155, 2015.
- SANTOS, A.L. Alguns aspetos da aquisição de orações subordinadas completivas. In: Maria João Freitas; Ana Lúcia Santos (eds.). **Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português**. Berlin: Language Science Press, 2017.
- SANTOS, T. H. F. et. al. Adaptação para o português do teste de habilidades pragmáticas de Shulman. **CoDAS**, v.30, n.1, e20170036, 2018.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. (Org.) por Charles Bally, Albert Sechehaye, et al. 27. ed.-São Paulo: Cultrix, 2006.
- SEYMOUR, H. N. et. al. **Diagnostic Evaluation of Language Variation**. Minneapolis, MN: Pearson Psychcorp, 2005.
- SHRINER, T.H. A review of mean length of response as a measure of expressive language development in children. **Journal Speech Hearing Disorder**, 34, n.1, p. 61-68, 1969.
- SILVA, C. L. C. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. Campinas: Pontes; 2009.
- SIMIONI, L. Aquisição da concordância nominal de número: um estudo de caso. **Revista de Estudos da Linguagem**, 14(2), 2006.
-

SIMÓN-CEREJIDO, G., GUTIÉRREZ-CLELLEN, V. **Spontaneous language markers of Spanish language impairment**, *Applied Psycholinguistics*, 28 (2), p. 317 – 339, 2007.

SOARES, S. M. **A concordância verbal na fala de crianças de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006.

SOUZA, A. C., ALEXANDRE, N. M. C., GUIRARDELLO, E. B. Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. **Epidemiol. Serv. Saúde**. vol.26, n.3, p. 649-659, 2017.

SPEARMAN, C. **Correlation calculated from faulty data**. *British Journal of Psychology*, 1910.

TEIXEIRA, E.R. **The Acquisition of Phonology in Cases of Phonological Disability in Portuguese-speaking Subjects**. Tese de Doutorado, Universidade de Londres, 1985.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

THURESSON, J. **The syntact development en the earlier stages of children's first language acquisition**. Linnaeus University. Spring 2011.

TOMASELLO M, STHAL D. Sampling children's spontaneous speech: how much is enough? **Journal of Child Language** v.31, p. 101-121, 2004.

TOMASELLO, M. **Acquiring linguistic constructions**. In: Kuhn D, Siegler R, eds. *Handbook of child psychology*. New York:Wiley, 2006.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Trad. Rodolfo Ilari. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAVAGLIA. L. C. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de 1 e 2 graus**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VAN DER LELY, H. Narrative discourse in grammatical specific language impaired children: a modular language deficit? **Journal of Child Language**, 24, 221 – 56, 1997.

VITURI, D. W, MATSUDA, L.M. **Validação de conteúdo de indicadores de qualidade para avaliação do cuidado de enfermagem**. *Ver Esc Enferm USP*, 43 (2), p. 429 – 437, 2009

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014

WARREN, H. Dictionary of psychology. Cambridge, MA: Houghton Mifflin, 1934.

WATKINS, R.; MABEL, R. Verb particle and preposition acquisition in language-impaired preschoolers. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 34, p. 1130 – 1141, 1991.

WEYNE, G. R. de S. Determinação do tamanho da amostra em pesquisas Experimentais na Área da Saúde. **Arq. Med. ABC**, v. 29. n. 2, p. 87 – 90, 2004.

WIIG, E. H.; SEMEL, E.; SECORD, W. A. **Clinical Evaluation of Language Fundamentals**, 5th Edn. Bloomington, MN: Pearson Psychcorp, 2013.

WYND, C. A.; SHIMIDT, B, SCHAEFER, M. A. **Two quantitative approaches for estimating content validity**. West J Nurs Res, 25 (5), p. 508 – 518, 2003.

YAVAS, M. S.; HERNANDORENA, C. L. M.; LAMPRECHT, R. R. **Avaliação fonológica da criança**. Reeducação e terapia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

YULE, G. **The study of language**. Cambridge: Cambridge University, 1996.

ZACHMAN, R.H.; HUISINGH, R.; JORGENSEN, C.; BARRETT, M. **Oral Language Sentence Imitation Screening Test – OLSIST**: instruction manual. East Moline: Linguisticsystems, 1977.

ZANIN, L. et. al. **Proposta e validação de um protocolo de triagem para identificar como manifestações fonoaudiológicas na hanseníase**. Revista Brasileira de Promoção da Saúde, v. 29, n. 4, p. 564 0 573, 2016.

ZORZI, J.L.; HAGE, S. R. V. **PROC – Protocolo de Observação Comportamental**: avaliação de linguagem e aspectos cognitivos infantis. São José dos Campos, SP: Pulso Editorial, 2004.

Apêndices

**APÊNDICE A – Versão final do Protocolo
2019
PAM - PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA
Lorena Adami da Cruz Pinheiro & Simone Rocha de Vasconcellos Hage
Informações e Instruções gerais para aplicação PAM**

Prepare sala reservada contendo filmadora digital em um tripé, dispondo alguns brinquedos sobre um tapete ou colchonete (1 conjunto de ferramentas; 1 conjunto de utensílios de cozinha; 1 conjunto de alimentos; 1 conjunto de meios de transporte. 1 par de telefones. Bonecos, no mínimo 4: 1 homem, 1 mulher, 1 menina, 1 menino). Estabelecer conversação natural com a criança por 30 minutos, fazendo uso dos princípios conversacionais da análise do discurso. Encoraje a criança a interagir, faça perguntas abertas com o objetivo de propiciar a iniciativa comunicativa da criança em situação de interação lúdica com os seguintes brinquedos. Após a gravação serão considerados os 20 minutos finais.

1 – Quantos enunciados foram produzidos?

De 2;6 a 3;0 anos	(1) Valores entre 20 e 22	(2) Valores menores que 20 ou maiores que 104	(3) Valores entre 23 e 104
De 3;1 a 3;6 anos	(1) Valores entre 103 e 120	(2) Valores menores que 61 ou maiores que 120	(3) Valores entre 61 e 102
De 3;7 a 4;0 anos	(1) Valores entre 100 e 119	(2) Valores menores que 100	(3) Valores maiores que 119
De 4;1 a 4;6 anos	(1) Valores menores que 54	(2) Valores entre 54 e 118	(3) Valores maiores que 118
De 4;7 a 5;0 anos	(1) Valores maiores que 100	(2) Valores entre 0 e 69 ou entre 86 e 100	(3) Valores entre 70 e 85

Observações:

2 - Quantas frases agramaticais foram produzidas?

De 2;6 a 3;0 anos	(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0
De 3;1 a 3;6 anos	(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0
De 3;7 a 4;0 anos	(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0
De 4;1 a 4;6 anos	(2) Valores maiores que 2	(4) Valores iguais a 2	(6) Valores entre 0 e 1
De 4;7 a 5;0 anos	(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0

Observações:

3 - Quantas frases telegráficas foram produzidas?

De 2;6 a 3;0 anos	(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0
De 3;1 a 3;6 anos	(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0
De 3;7 a 4;0 anos	(2) Valores maiores que 1	(4) Valores iguais a 1	(6) Valores iguais a 0
De 4;1 a 4;6 anos	(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0
De 4;7 a 5;0 anos	(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0

Observações:

4 - Quantas frases nominais foram produzidas?

De 2;6 a 3;0 anos	(1) Valores menores que 5	(2) Valores entre 5 e 6	(3) Valores maiores que 6
De 3;1 a 3;6 anos	(1) Valores entre 20 e 25	(2) Valores menores que 5 ou maiores que 25	(3) Valores entre 5 e 19
De 3;7 a 4;0 anos	(1) Valores menores que 13	(2) Valores maiores que 17	(3) Valores entre 13 e 17
De 4;1 a 4;6 anos	(1) Valores maiores que 21	(2) Valores entre 0 e 4	(3) Valores entre 5 e 21
De 4;7 a 5;0 anos	(2) Valores maiores que 7	(4) Valores entre 6 e 7	(6) Valores entre 0 e 5

Observações:**5 - Quantos períodos simples foram produzidos?**

De 2;6 a 3;0 anos	(2) Valores entre 7 e 16	(4) Valores menores que 7 ou maiores que 75	(6) Valores entre 17 e 75
De 3;1 a 3;6 anos	(1) Valores entre 69 e 77	(2) Valores menores que 41 ou maiores que 77	(3) Valores entre 41 e 68
De 3;7 a 4;0 anos	(2) Valores entre 65 e 80	(4) Valores menores que 65	(6) Valores maiores que 80
De 4;1 a 4;6 anos	(1) Valores maiores que 65	(2) Valores entre 0 e 37	(3) Valores entre 38 e 65
De 4;7 a 5;0 anos	(1) Valores menores que 15 ou maiores que 43	(2) Valores entre 39 e 43	(3) Valores entre 15 e 38

Observações:**6 - Quantos períodos compostos foram produzidos?**

De 2;6 a 3;0 anos	(1) Valores Iguais a 0	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores maiores que 1
De 3;1 a 3;6 anos	(1) Valores menores que 6	(2) Valores entre 6 e 8	(3) Valores maiores que 8
De 3;7 a 4;0 anos	(2) Valores entre 5 e 13	(4) Valores menores que 5	(6) Valores maiores que 13
De 4;1 a 4;6 anos	(2) Valores entre 0 e 13	(4) Valores entre 14 e 16	(6) Valores maiores que 16
De 4;7 a 5;0 anos	(2) Valores entre 5 e 20	(4) Valores entre 0 e 4 ou entre 21 e 25	(6) Valores maiores que 25

Observações:**7 - Quantos enunciados com desvio de concordância nominal foram produzidos?**

De 2;6 a 3;0 anos	(1) Valores maiores que 3	(2) Valores iguais a 3	(3) Valores entre 0 e 2
De 3;1 a 3;6 anos	(1) Valores maiores que 3	(2) Valores iguais a 3	(3) Valores entre 0 e 2
De 3;7 a 4;0 anos	(1) Valores maiores que 3	(2) Valores iguais a 3	(3) Valores entre 0 e 2
De 4;1 a 4;6 anos	(1) Valores maiores que 2	(2) Valores iguais a 2	(3) Valores entre 0 e 1
De 4;7 a 5;0 anos	(2) Valores maiores que 2	(4) Valores iguais a 2	(6) Valores entre 0 e 1

Observações:

8 - Quantos enunciados com desvio de concordância verbal foram produzidos?

De 2;6 a 3;0 anos	(1) Valores maiores que 2	(2) Valores iguais a 2	(3) Valores entre 0 e 1
De 3;1 a 3;6 anos	(2) Valores maiores que 2	(4) Valores iguais a 2	(6) Valores entre 0 e 1
De 3;7 a 4;0 anos	(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0
De 4;1 a 4;6 anos	(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0
De 4;7 a 5;0 anos	(1) Valores maiores que 1	(2) Valores iguais a 1	(3) Valores iguais a 0

Observações:

9 - Qual a média da quantidade de palavras produzidas em um enunciado?

De 2;6 a 3;0 anos	(2) Valores entre 0 e 60	(4) Valores entre 61 e 99	(6) Valores maiores que 100
De 3;1 a 3;6 anos	(1) Valores menores que 200 ou maiores que 480	(2) Valores entre 351 e 480	(3) Valores entre 200 e 350
De 3;7 a 4;0 anos	(2) Valores entre 300 e 448	(4) Valores menores que 300	(6) Valores maiores que 448
De 4;1 a 4;6 anos	(1) Valores menores que 350	(2) Valores entre 350 e 500	(3) Valores maiores que 500
De 4;7 a 5;0 anos	(1) Valores menores que 400	(2) Valores entre 400 e 450	(3) Valores maiores que 450

Observações:

TABELA PARA AUXÍLIO NA QUANTIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS CRITÉRIOS

CRITÉRIOS		QUANTIDADE
1	Enunciado	
2	Frase Agramatical	
3	Frase Telegráfica	
4	Frase Nominal	
5	Período Simple	
6	Período Composto	
7	Falta de Domínio das Regras de Concordância Nominal	
8	Falta de Domínio das Regras de Concordância Verbal	
9	Média palavras produzidas em um enunciado	

Valores de referência pra faixa de 2;6 a 3;0 anos de idade

Somatório da pontuação de todos os critérios é menor que 20	Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios entre 20 e 28	Risco de Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios é maior que 28	Típico

Valores de referência para faixa de 3;1 a 3;6 anos de idade

Somatório da pontuação de todos os critérios é menor que 20	Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios ficou entre 20 e 28	Risco de Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios é maior que 28	Típico

Valores de referência para faixa de 3;7 a 4;0 anos de idade

Somatório da pontuação de todos os critérios é menor que 20	Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios ficou entre 20 e 36	Risco de Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios é maior que 36	Típico

Valores de referência para faixa de 4;1 a 4;6 anos de idade

Somatório da pontuação de todos os critérios é menor que 20	Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios ficou entre 20 e 24	Risco de Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios é maior que 24	Típico

Valores de referência para faixa de 4;7 a 5;0 anos de idade

Somatório da pontuação de todos os critérios é menor que 20	Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios ficou entre 20 e 32	Risco de Alteração
Somatório da pontuação de todos os critérios é maior que 32	Típico

Estágio de desenvolvimento da estrutura sintática em que a criança se encontra (baseado em Crystal, 1981):

Estágio I – 12 a 18 meses - orações de um elemento.

Estágio II – 18 a 24 meses – orações de 2 elementos. “Estilo telegráfico”. Não utiliza concordância nominal. Estágio III – 24 a 30 meses - sequências de três elementos, com a estrutura principal de N_V_N.

Estágio IV – 30 a 36 meses - orações de 4 elementos ou mais. Orações coordenadas. Verbos auxiliares “ser” e “estar”. Pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa. Advérbios de lugar. Estágio V – 36 a 42 meses - estruturas complexas com mais de uma oração, com o uso frequente da conjunção “e”. Subordinadas com “mas” e “porque”. Uso do pronome relativo “que”. As orações negativas apresentam o advérbio de negação “não” entre o pronome/nome e o verbo. Uso de passado simples e futuro.

Estágio VI – 42 a 54 meses - estruturas gramaticais com o emprego de sistema pronominal, pronomes possessivos, verbos auxiliares. Flexões verbais: presente, pretérito perfeito, futuro e passado. Modalidades do discurso: afirmação, negação e interrogação. Preposições: de tempo e espaço.

Estágio VII – a partir dos 54 meses - estruturas sintáticas complexas, como as passivas, as condicionais, as circunstanciais, as de tempo. Domínio básico de uma língua.

APÊNDICE B – Versão 1 do Protocolo - Preliminar**PAM - PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA**
Lorena Adami da Cruz Pinheiro & Simone Rocha de Vasconcellos Hage
Informações e Instruções gerais para aplicação PAM

Prepare sala reservada contendo filmadora digital em um tripé, dispondo alguns brinquedos sobre um tapete ou colchonete (1 conjunto de ferramentas; 1 conjunto de utensílios de cozinha; 1 conjunto de alimentos; 1 conjunto de meios de transporte. 1 par de telefones. Bonecos, no mínimo 4: 1 homem, 1 mulher, 1 menina, 1 menino). Estabelecer conversação natural com a criança por 30 minutos, fazendo uso dos princípios conversacionais da análise do discurso. Encoraje a criança a interagir, faça perguntas abertas com o objetivo de propiciar a iniciativa comunicativa da criança em situação de interação lúdica com os seguintes brinquedos. Após a gravação serão considerados os 20 minutos finais.

1 – Produção de frases: utilizou a ordem SVO nas frases com mais de três palavras?

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – produziu 3 ou mais vezes

2 – Produção de frase interrogativa: utilizou pronome interrogativo?

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – utilizou 3 ou mais vezes

3 – Produção de frase negativa: utilizou advérbio de negação?

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – utilizou 3 ou mais vezes

4 – Produção de frase imperativa: utilizou o verbo no imperativo?

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – utilizou 3 ou mais vezes

5 – Produção de pronome relativo: consegue se referir a ideias já mencionadas antes com a representação de um pronome?

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – utilizou 3 ou mais vezes

6 – Produção de pronome pessoal: utiliza os pronomes pessoais indicando corretamente a pessoa do discurso

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – utilizou 3 ou mais vezes

7 – Produção de pronome possessivo: consegue indicar que algo pertence a uma das pessoas do discurso?

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – utilizou 3 ou mais vezes

8 – Produção de pronome demonstrativo: consegue situar alguém ou algo no tempo e espaço no contexto discursivo?

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – utilizou 3 ou mais vezes

9 – Produção de pronomes indefinidos: Consegue indicar que algo ou alguém é mencionado de forma imprecisa no contexto discursivo?

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – utilizou 3 ou mais vezes

10 – Produção de períodos subordinados: utilizou conectivo adequado na construção de períodos subordinados?

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – utilizou 3 ou mais vezes

11 – Concordância nominal: os nomes concordam entre si?

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – utilizou 3 ou mais vezes

12 – Concordância verbal: a flexão do verbo concorda em tempo, número e pessoa com o sujeito?

0 – não produziu; 1 – produziu de 1 a 2 vezes; 2 – utilizou 3 ou mais vezes

13 - Estágio de desenvolvimento da estrutura sintática em que a criança se encontra (baseado em Crystal, 1981):

Estágio I – 12 a 18 meses - orações de um elemento.

Estágio II – 18 a 24 meses – orações de 2 elementos. “Estilo telegráfico”. Não utiliza concordância nominal. Estágio III – 24 a 30 meses - sequências de três elementos, com a estrutura principal de N_V_N.

Estágio IV – 30 a 36 meses - orações de 4 elementos ou mais. Orações coordenadas. Verbos auxiliares “ser” e “estar”. Pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa. Advérbios de lugar.

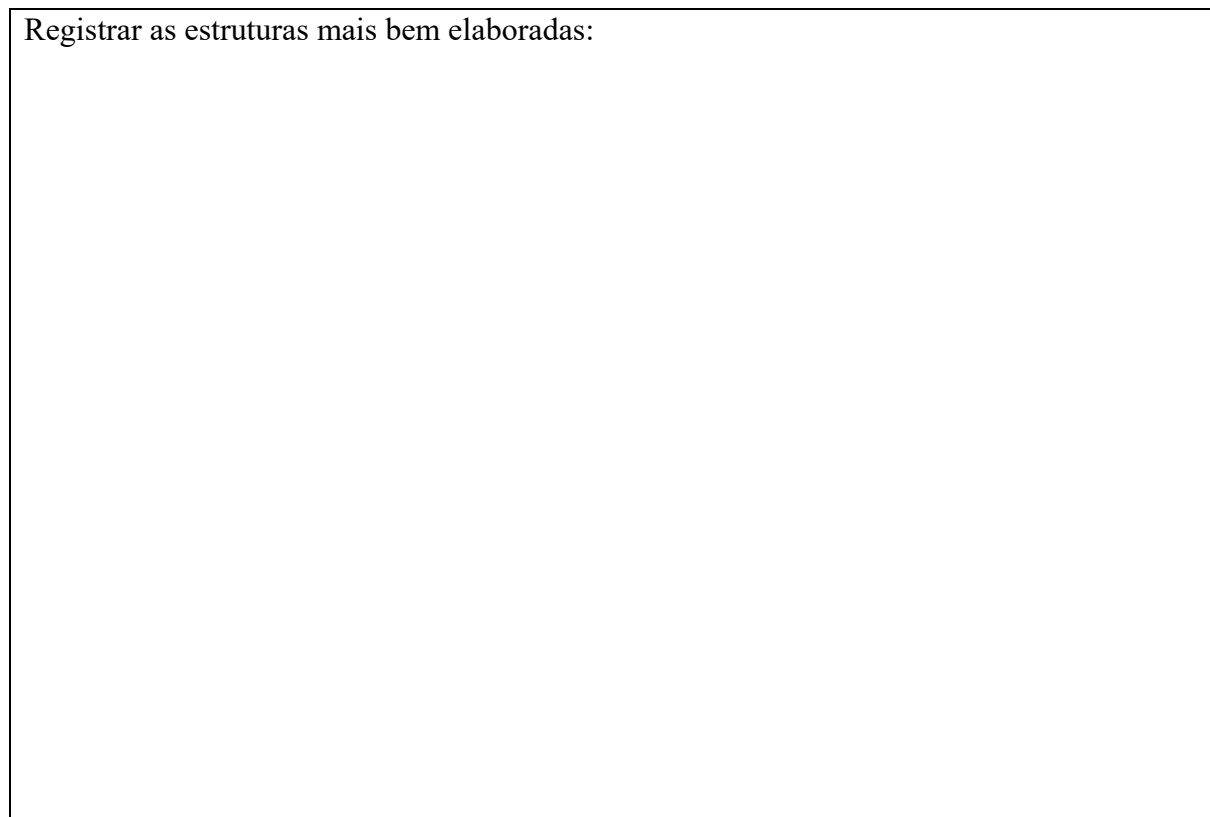
Estágio V – 36 a 42 meses - estruturas complexas com mais de uma oração, com o uso frequente da conjunção “e”. Subordinadas com “mas” e “porque”. Uso do pronome relativo “que”. As

orações negativas apresentam o advérbio de negação “não” entre o pronome/nome e o verbo.
Uso de passado simples e futuro.

Estágio VI – 42 a 54 meses - estruturas gramaticais com o emprego de sistema pronominal, pronomes possessivos, verbos auxiliares. Flexões verbais: presente, pretérito perfeito, futuro e passado. Modalidades do discurso: afirmação, negação e interrogação. Preposições: de tempo e espaço.

Estágio VII – a partir dos 54 meses - estruturas sintáticas complexas, como as passivas, as condicionais, as circunstanciais, as de tempo. Domínio básico de uma língua.

Registrar as estruturas mais bem elaboradas:



APÊNDICE C – Validação de conteúdo: Orientações para aplicação do protocolo

CRITÉRIOS PARA PRODUÇÕES VERBAIS NÃO ANALISÁVEIS

Eliminação de produções verbais que não permitirem análise sintática:

- 1) - Frases ininteligíveis ou parcialmente ininteligíveis. Exemplo: “assim (ininteligível) o lobo”
- 2) - Ecolalia ou especularidade (repetição de partes do enunciado do interlocutor com ou sem modificação da entonação). Exemplo: O que ele está fazendo? “Fazendo”.
- 3) - Saudação: “Oi”, “Tchau”
- 4) - Respostas de apenas uma palavra: “Comi”, “Fui”, “Bom”, “Bem”, “Aqui”, “Sim”, “Não”, “Esse”, “É, vou” (neste caso, apesar de “é” ser um verbo, muitas vezes ele substituiu o advérbio “sim”, sendo este tipo de construção desconsiderada)
- 5) - Interjeições: “Ah”, “Ufa”, “Oba”, “opa” (em casos de “oba, quero”, foi contabilizado como enunciado de uma palavra, já que “oba” é interjeição, portanto, não foi analisado)

CRITÉRIOS PARA PRODUÇÕES VERBAIS ANALISÁVEIS

- 1 - **Enunciado:** Tem o objetivo de analisar a quantidade de frases que as crianças dizem e que conseguimos enquadrar em um dos demais critérios apresentados, ou seja, o termo enunciado em nosso trabalho se refere a uma frase com mais de uma palavra, onde a criança se expressa e em sua fala é possível a identificação de um período simples ou de um período composto e até mesmo frase nominal, agramatical, concordância verbal e nominal bem como frases telegráficas. Os critérios para a delimitação entre um enunciado e outro foram: Trocas de turno entre pesquisador e criança, mudança de assunto por parte da criança e pausa muito longa
 - 2 - **Frase Agramatical:** enunciados com omissão ou inserção de elementos que comprometem o significado, além de sequências desordenadas sem respeito de limitações estruturais da língua portuguesa. Exemplo: “mas moto não porque não eu caio por que eu ou pequenininho”, “eu já vi quando eu era o óculos, assim enquanto eu olhava eu puxo a luva”.
 - 3 - **Frase Telegráfica:** enunciados que não possuem conectivos, preposições, artigos. São segmentadas e geralmente curtas. Exemplo: “Qué bolacha chocolate”; “bebê Leão”; “carro arruma”;
-

4 - Frase Nominal: enunciados que não possuem verbos, porém apresentam sentido no contexto comunicativo. Exemplo: “A casa da Frozen”; “Aqui no banheiro”; “O João e a Isabela”

5 - Período Simples: enunciados com a presença de apenas um verbo. Exemplo: “Eu *brinco* só com o meu cachorro”; “Esse *é* o porquinho”; “Ele não *fica* na fazenda”.

6 - Período Composto: enunciados que contêm dois ou mais verbos. Exemplo: “eu *brinco* e eu *durmo* com o meu cachorro”; “Ele *tem* que *trabalhar* também”.

7 - **Falta de Domínio das Regras de Concordância Nominal:** São frases em que não há concordância entre os nomes. O substantivo de concordar com o pronome, numeral, adjetivo. Exemplo: “ele tem **dois** facas”. “parece **um** caminha”;

8 - **Falta de Domínio das Regras de Concordância Verbal:** São frases em que não há concordância do verbo com o sujeito. Exemplo: “**eu** fazo”. “**eu** sabo”;

FICHA PARA QUANTIFICAÇÃO DE CADA CRITÉRIO

AVALIADOR

NOME:
PROFISSÃO:
FORMAÇÃO:
TITULAÇÃO:

CRIANÇA 1

CRITÉRIOS		QUANTIDADE
1	Enunciado	
2	Frase Agramatical	
3	Frase Telegráfica	
4	Frase Nominal	
5	Período Simples	
6	Período Composto	
7	Falta de Domínio das Regras de Concordância Nominal	
8	Falta de Domínio das Regras de Concordância Verbal	

CRIANÇA 2

CRITÉRIOS		QUANTIDADE
1	Enunciado	
2	Frase Agramatical	
3	Frase Telegráfica	
4	Frase Nominal	
5	Período Simples	
6	Período Composto	
7	Falta de Domínio das Regras de Concordância Nominal	
8	Falta de Domínio das Regras de Concordância Verbal	

CRIANÇA 3

CRITÉRIOS		QUANTIDADE
1	Enunciado	
2	Frase Agramatical	
3	Frase Telegráfica	
4	Frase Nominal	
5	Período Simples	
6	Período Composto	
7	Falta de Domínio das Regras de Concordância Nominal	
8	Falta de Domínio das Regras de Concordância Verbal	

CRIANÇA 4

CRITÉRIOS		QUANTIDADE
1	Enunciado	
2	Frase Agramatical	
3	Frase Telegráfica	
4	Frase Nominal	
5	Período Simples	
6	Período Composto	
7	Falta de Domínio das Regras de Concordância Nominal	
8	Falta de Domínio das Regras de Concordância Verbal	

CRIANÇA 5

CRITÉRIOS		QUANTIDADE
1	Enunciado	
2	Frase Agramatical	
3	Frase Telegráfica	
4	Frase Nominal	
5	Período Simples	
6	Período Composto	
7	Falta de Domínio das Regras de Concordância Nominal	
8	Falta de Domínio das Regras de Concordância Verbal	

APÊNDICE D – Validação de conteúdo: avaliação de cada item do protocolo

ORIENTAÇÕES

Registre sua opinião de acordo com a pontuação que melhor simbolize o grau de concordância de cada critério listado abaixo. Justifique somente se escolher as alternativas A e B.

- A – Discordo
- B – Discordo parcialmente
- C – Concordo parcialmente
- D – Concordo

Os critérios foram selecionados com base na literatura, um dos autores foi Crystal (1981) que definiu estágios de desenvolvimento da estrutura sintática de crianças normais:

Estágio I – 12 a 18 meses - orações de um elemento.

Estágio II – 18 a 24 meses – orações de 2 elementos. “Estilo telegráfico”. Não utiliza concordância nominal. Estágio III – 24 a 30 meses - sequências de três elementos, com a estrutura principal de N_V_N.

Estágio IV – 30 a 36 meses - orações de 4 elementos ou mais. Orações coordenadas. Verbos auxiliares “ser” e “estar”. Pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa. Advérbios de lugar.

Estágio V – 36 a 42 meses - estruturas complexas com mais de uma oração, com o uso frequente da conjunção “e”. Subordinadas com “mas” e “porque”. Uso do pronome relativo “que”. As orações negativas apresentam o advérbio de negação “não” entre o pronome/nome e o verbo. Uso de passado simples e futuro.

Estágio VI – 42 a 54 meses - estruturas gramaticais com o emprego de sistema pronominal, pronomes possessivos, verbos auxiliares. Flexões verbais: presente, pretérito perfeito, futuro e passado. Modalidades do discurso: afirmação, negação e interrogação. Preposições: de tempo e espaço.

Estágio VII – a partir dos 54 meses - estruturas sintáticas complexas, como as passivas, as condicionais, as circunstanciais, as de tempo. Domínio básico de uma língua.

OBSERVAÇÃO: Antes do preenchimento deste questionário faz-se necessária a aplicação do protocolo, isso proporcionará maior entendimento dos critérios abaixo relacionados.

1 - ENUNCIADO

1.1 – Você acha que a quantidade de enunciados é importante na avaliação de uma criança com Distúrbio Específico de Linguagem?

A - () Discordo

B - () Discordo parcialmente

C - () Concordo parcialmente

D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

1.2 - Você acha que o enunciado é um parâmetro que auxilia na identificação das crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

A - () Discordo

B - () Discordo parcialmente

C - () Concordo parcialmente

D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

1.3 - Você acha que as crianças com Distúrbio Específico de Linguagem tendem a utilizar quantidade menor de enunciados em relação às crianças normais?

A - () Discordo

B - () Discordo parcialmente

C - () Concordo parcialmente

D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

2 - FRASE AGRAMATICAL

2.1 – Você acha que a quantidade de frases agramaticais é importante na avaliação de uma criança com Distúrbio Específico de Linguagem?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

2.2 - Você acha que a frase agramatical é um parâmetro que auxilia na identificação das crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

2.3 - Você acha que as crianças com Distúrbio Específico de Linguagem tendem a utilizar uma quantidade maior de frases agramaticais em relação às crianças normais?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

3 – FRASES TELEGRÁFICAS

3.1 Você acha que a frase telegráfica é importante na avaliação de crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

A - () Discordo

B - () Discordo parcialmente

C - () Concordo parcialmente

D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

3.2 - Você acha que a frase telegráfica é um parâmetro que auxilia na identificação das crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

A - () Discordo

B - () Discordo parcialmente

C - () Concordo parcialmente

D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

3.3 - Você acha que as crianças com Distúrbio Específico de Linguagem tendem a falar uma quantidade maior de frases telegráficas em relação às crianças normais?

A - () Discordo

B - () Discordo parcialmente

C - () Concordo parcialmente

D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

4 – FRASE NOMINAL

4.1 – Você acha que a quantidade de frases nominais é importante na avaliação de crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

4.2 - Você acha que o enunciado é um parâmetro que auxilia na identificação das crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

4.3 - Você acha que as crianças com Distúrbio Específico de Linguagem tendem a falar uma quantidade maior de frases nominais em relação às crianças normais?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

5 – PERÍODO SIMPLES

5.1 – Você acha que o período simples é importante na avaliação de crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

A - () Discordo

B - () Discordo parcialmente

C - () Concordo parcialmente

D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

5.2 - Você acha que o período simples é um parâmetro que auxilia na identificação das crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

A - () Discordo

B - () Discordo parcialmente

C - () Concordo parcialmente

D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

5.3 -Você acha que as crianças com Distúrbio Específico de Linguagem tendem a falar uma quantidade maior de período simples em relação às crianças normais?

A - () Discordo

B - () Discordo parcialmente

C - () Concordo parcialmente

D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

6 – PERÍODO COMPOSTO

6. 1. Você acha que o período composto é importante na avaliação de crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

6.2 - Você acha que o período composto é um parâmetro que auxilia na identificação das crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

6.3 - Você acha que as crianças com Distúrbio Específico de Linguagem tendem a falar uma quantidade menor de períodos compostos em relação às crianças normais?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

7- FALTA DE DOMÍNIO DAS REGRAS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

7.1. Você acha que a falta de domínio das regras de concordância nominal é importante na avaliação de crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

7.2- Você acha que a falta de domínio das regras de concordância nominal é um parâmetro que auxilia na identificação das crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

7.3 - Você acha que as crianças com Distúrbio Específico de Linguagem tendem acometer mais erros relacionados à concordância nominal em relação às crianças normais?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

8 - FALTA DE DOMÍNIO DAS REGRAS DE CONCORDÂNCIA VEREBAL

8. 1. Você acha que a falta de domínio das regras de concordância verbal é importante na avaliação de crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

8.2 - Você acha que a falta de domínio das regras de concordância verbal é um parâmetro que auxilia na identificação das crianças com Distúrbio Específico de Linguagem?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

8.3 - Você acha que as crianças com Distúrbio Específico de Linguagem tendem a cometer mais erros relacionados à concordância verbal em relação às crianças normais?

- A - () Discordo
- B - () Discordo parcialmente
- C - () Concordo parcialmente
- D - () Concordo

Justifique a sua escolha caso seja opção A ou B:

Anexos

ANEXO A – Parecer CEP Etapa 1

USP - FACULDADE DE
ODONTOLOGIA DE BAURU DA
USP

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Aquisição Sintática em Crianças com Alteração Específica de Linguagem

Pesquisador: Simone Rocha de Vasconcellos Hage

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 56432016.9.0000.5417

Instituição Proponente: Universidade de Sao Paulo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DA NOTIFICAÇÃO

Tipo de Notificação: Envio de Relatório Final

Detalhe:

Justificativa:

Data do Envio: 04/12/2018

Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.091.805

Apresentação da Notificação:

Apresentação do Relatório Final e TCLEs

Objetivo da Notificação:

Não se aplica

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não se aplica

Comentários e Considerações sobre a Notificação:

O relatório está adequado e não apresenta nenhuma modificação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os TCLEs foram devidamente apresentados

Endereço: DOUTOR OCTAVIO PINHEIRO BRISOLLA 75 QUADRA 9
Bairro: VILA NOVA CIDADE UNIVERSITARIA **CEP:** 17.012-901
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3235-8356 **Fax:** (14)3235-8356 **E-mail:** cep@fob.usp.br

USP - FACULDADE DE
ODONTOLOGIA DE BAURU DA
USP

Continuação do Parecer: 3.091.805

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP reunido ordinariamente no dia 17/12/2018 acata por unanimidade o parecer APROVADO, emitido pelo relator, sobre o relatório final da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Envio de Relatório Final	SintaxeFlaviarelatoriofinal.pdf	04/12/2018 09:31:54	Simone Rocha de Vasconcellos Hage	Postado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 18 de Dezembro de 2018

Assinado por:
Ana Lúcia Pompéia Fraga de Almeida
(Coordenador(a))

Endereço: DOUTOR OCTAVIO PINHEIRO BRISOLLA 75 QUADRA 9
Bairro: VILA NOVA CIDADE UNIVERSITARIA **CEP:** 17.012-901
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3235-8356 **Fax:** (14)3235-8356 **E-mail:** cep@fob.usp.br

ANEXO B – Parecer CEP Etapa 2

USP - FACULDADE DE
ODONTOLOGIA DE BAURU DA
USP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Protocolo de Avaliação Morfossintática por amostra: construção e validação

Pesquisador: Simone Rocha de Vasconcellos Hage

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 68562317.4.0000.5417

Instituição Proponente: Universidade de Sao Paulo

Patrocinador Principal: Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia

DADOS DA NOTIFICAÇÃO

Tipo de Notificação: Envio de Relatório Parcial

Detalhe:

Justificativa: Este trabalho é um recorte do projeto de Dourado intitulado "Protocolo de Avaliação

Data do Envio: 04/12/2018

Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.091.884

Apresentação da Notificação:

Trata-se da apresentação do Relatório Final e TCLEs.

Objetivo da Notificação:

Não se aplica

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não se aplica

Comentários e Considerações sobre a Notificação:

O relatório contempla todos os itens necessários, sem modificações no projeto desde a última aprovação do CEP

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os TCLEs foram devidamente apresentados

Endereço: DOUTOR OCTAVIO PINHEIRO BRISOLLA 75 QUADRA 9
Bairro: VILA NOVA CIDADE UNIVERSITARIA **CEP:** 17.012-901
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3235-8356 **Fax:** (14)3235-8356 **E-mail:** cep@fob.usp.br

USP - FACULDADE DE
ODONTOLOGIA DE BAURU DA
USP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Protocolo de Avaliação Morfossintática por amostra: construção e validação

Pesquisador: Simone Rocha de Vasconcellos Hage

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 68562317.4.0000.5417

Instituição Proponente: Universidade de Sao Paulo

Patrocinador Principal: Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia

DADOS DA NOTIFICAÇÃO

Tipo de Notificação: Envio de Relatório Parcial

Detalhe:

Justificativa: Este trabalho é um recorte do projeto de Dourado intitulado "Protocolo de Avaliação

Data do Envio: 04/12/2018

Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.091.884

Apresentação da Notificação:

Trata-se da apresentação do Relatório Final e TCLEs.

Objetivo da Notificação:

Não se aplica

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não se aplica

Comentários e Considerações sobre a Notificação:

O relatório contempla todos os itens necessários, sem modificações no projeto desde a última aprovação do CEP

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os TCLEs foram devidamente apresentados

Endereço: DOUTOR OCTAVIO PINHEIRO BRISOLLA 75 QUADRA 9
Bairro: VILA NOVA CIDADE UNIVERSITARIA **CEP:** 17.012-901
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3235-8356 **Fax:** (14)3235-8356 **E-mail:** cep@fob.usp.br

USP - FACULDADE DE
ODONTOLOGIA DE BAURU DA
USP



Continuação do Parecer: 3.091.884

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP reunido ordinariamente no dia 17/12/2018 acata por unanimidade o parecer APROVADO, emitido pelo relator, sobre o relatório final da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Envio de Relatório Parcial	Sintaxedisturbiofonologicoflaviafinal.pdf	04/12/2018 09:37:06	Simone Rocha de Vasconcellos Hage	Postado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 18 de Dezembro de 2018

Assinado por:

Ana Lúcia Pompéia Fraga de Almeida
(Coordenador(a))

Endereço: DOUTOR OCTAVIO PINHEIRO BRISOLLA 75 QUADRA 9
Bairro: VILA NOVA CIDADE UNIVERSITARIA **CEP:** 17.012-901
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3235-8356 **Fax:** (14)3235-8356 **E-mail:** cep@fob.usp.br